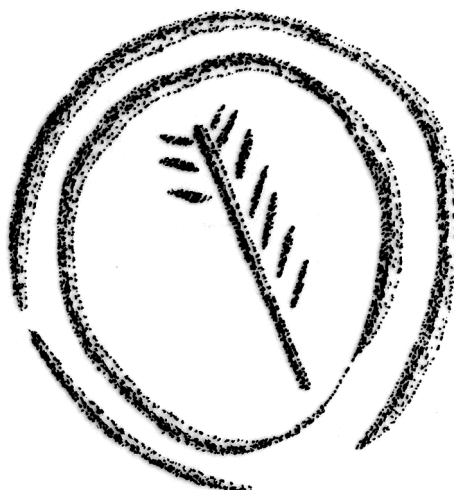


**Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de História**



Necrópole romana do Porto dos Cacos (Alcochete – Portugal)



Dissertação de Mestrado em Arqueologia

2012

José Luís de Negreiros Monteiro
Orientador: Professor Doutor Carlos Fabião

**Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de História**

**Necrópole romana do Porto dos Cacos
(Alcochete – Portugal)**

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

**José Luís de Negreiros Monteiro
Orientador: Professor Doutor Carlos Fabião
2012**



ÍNDICE

Resumo.....	5
Abstract.....	5
Agradecimentos.....	6
1. Introdução.....	8
2. O sítio arqueológico do Porto dos Cacos.....	12
2.1. Enquadramento administrativo e geográfico.....	12
2.2. Enquadramento geológico e geomorfológico.....	12
2.3. O Porto dos Cacos no contexto da Lusitânia.....	13
2.4. História da investigação no Porto dos Cacos.....	17
2.5. Intervenções no Porto dos Cacos e principais resultados.....	19
3. Necrópole romana do Porto dos Cacos.....	21
3.1. Estratigrafia.....	24
3.1.1. Camada 1.....	24
3.1.2. Camada 2	26
3.1.3. Camada 3	27
3.2. Tipologia das sepulturas.....	28
3.3. O mobiliário funerário.....	31
3.3.1. Cerâmica.....	31
3.3.2. Metais	34
3.3.3. Vidros	34
4. Catálogo.....	35
4.1. Sepultura 1.....	35
4.2. Sepultura 2.....	36
4.3. Sepultura 3.....	37
4.4. Sepultura 5.....	38
4.5. Sepultura 6.....	39
4.6. Sepultura 7.....	40
4.7. Sepultura 8.....	42
4.8. Sepultura 10.....	45
4.9. Sepultura 12	46
4.10. Sepultura 14.....	47
4.11. Sepultura 15.....	47



4.12. Sepultura 16.....	48
4.13. Sepultura 20.....	52
4.14. Sepultura 23.....	54
4.15. Sepultura 24.....	54
4.16. Sepultura 25.....	55
4.17. Sepultura 26.....	57
4.18. Sepultura 27.....	59
4.19. Sepultura 28.....	60
4.20. Sepultura 29	61
4.21. Sepultura 30.....	61
4.22. Sepultura 31.....	62
4.23. Sepultura 32.....	64
4.24. Sepultura 33.....	65
4.25. Sepultura 36.....	68
4.26. Sepultura 37.....	69
5. Conclusão.....	70
6. Bibliografia	74
7. Anexo 1 – Planta Geral da necrópole	
8. Anexo 2 – Registo fotográfico de campo	



RESUMO

A necrópole romana do Porto dos Cacos (CNS S-4143) situa-se na herdade de Rio Frio, concelho de Alcochete. O sítio arqueológico foi descoberto em 1984 tendo decorrido seis campanhas de escavação, entre 1985 e 1990, durante as quais se identificou uma olaria que, durante cerca de quatro séculos produziu maioritariamente ânforas mas também cerâmica comum. A necrópole foi identificada em 1987, num cabeço anexo à olaria, confirmando a presença de uma população ali estabelecida de modo permanente.

Após a sua detecção e até 1990 quando, por diversas razões, se optou pela interrupção dos trabalhos de campo, tinham sido identificadas 37 sepulturas de distintos tipos, correspondentes exclusivamente ao ritual funerário de inumação. Destas, apenas foram escavadas 26, de cujo estudo, tanto da tipologia construtiva como do mobiliário funerário, resultou o presente trabalho.

Esta necrópole, ou a fracção que dela se conhece na actualidade, ilustra parte da diacronia de ocupação deste território, entre os séculos IV e V da nossa Era. Outros vestígios apontam para uma continuidade de ocupação deste espaço até ao século VIII.

Palavras-chave: Império Romano, Porto dos Cacos, Necrópole, Inumação, *mensa*

ABSTRACT

The Roman necropolis of Porto dos Cacos (CNS S-4143) is located on the manor of Rio Frio, in the municipality of Alcochete. The archaeological site was discovered In 1984, having lasted six excavation campaigns between 1985 and 1990, during which a pottery that, for about four centuries produced mainly amphorae an coarse ware, was identified. The necropolis was found in 1987 in a mound close to the pottery, confirming the presence of a permanent established population.

The interruption of the field work was decided, for several reasons in 1990 and, by then, 37 graves of different types had been identified, corresponding exclusively to the ritual burial of inhumation. Of these, only 26 have been excavated, whose study, of both the building typology and funerary furniture, resulted in the present work. This necropolis, or the fraction of what is known today, illustrates part of the diachrony of occupation of this territory, between the fourth and the fifth centuries AD. Other signs point to a continued occupation of this space until the eighth century.

Key-words: Roman Empire, Porto dos Cacos, Necropolis, Inhumation, *mensa*.



AGRADECIMENTOS

Agora que se aproxima o fim deste caminho há várias pessoas e instituições a quem devo expressar os meus sinceros agradecimentos:

Ao Professor Doutor Carlos Fabião, não só pelo apoio e acompanhamento do trabalho, mas também pelas críticas, correcções, sugestões e apoio bibliográfico durante estes anos.

Ao Cézer Santos pela colaboração e estímulo constantes, assim como pela disponibilidade permanente para ajudar. Obrigado Isabel e Tigui pela amizade.

Ao Jorge Raposo pela paciência na revisão do trabalho, pelas discussões sobre o tema e sugestões relevantes.

À Jacinta Bugalhão, que igualmente paciente contribuiu na revisão dos textos, com críticas e sugestões pertinentes.

Ao José Paulo Ruas, pelo excelente trabalho fotográfico.

Ao Miguel Correia, pela disponibilidade e ajuda na consulta do espólio do Museu Municipal de Alcochete.

À Dr.^a Sara Fragoso, do Laboratório de Metais do Departamento de Conservação e Restauro da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova, pela inestimável ajuda no estudo dos metais.

À Doutora Graça Cravinho pelos esclarecimentos sobre os amuletos e peças de adorno em vidro.

Ao Doutor Mário Cruz pelo auxílio na classificação dos vidros.

Ao Doutor José Carlos Quaresma pelo apoio bibliográfico e esclarecimentos acerca do espólio.

Ao Francisco Silva, à Elizabete, ao Zé Carlos e à Vanessa, do Centro de Arqueologia de Almada, obrigado pela ajuda em tantas situações.

Ao Fernando Henriques pela leitura atenta e conselhos.

Ao Hugo Cortez pela tradução do resumo.

Aos meus colegas e amigos Alexandra Estorninho, Sofia Gomes, Ana Martins, Filipa Bragança, João Marques, José Correia, Olinda Cunha, Maria Ramalho e Filipa Neto pela paciência, estímulo e compreensão. Aos colegas da biblioteca de arqueologia, pela imensa tolerância e ajuda nas pesquisas bibliográficas.

À Doutora Ana Catarina Sousa pelo estímulo e compreensão.

Ao Centro de Arqueologia de Almada pela disponibilização do espaço e de todos os recursos existentes.

Ao Museu Municipal de Alcochete.

A todos os amigos e familiares, obrigado pela presença e incentivo incondicional.



À MINHA FAMÍLIA
AOS MEUS AMIGOS
À MEMÓRIA DE ARMANDO SABROSA



1. INTRODUÇÃO

A morte continua, e continuará, a suscitar as mesmas reacções de pesar, mas também de medo, conhecidas de outras culturas, de outros tempos, fazendo recordar aos que disso se esquecem, sem excepção, tanto da nossa mortalidade como da sua inevitabilidade.

Sendo um acontecimento sempre traumático, os vivos procuram por uma última vez homenagear o falecido perpetuando a sua memória através da transferência para os rituais do funeral e para a sepultura a imagem guardam de quem parte, aquilo que consideram que a pessoa foi em vida. Naturalmente sem qualquer opinião de quem já nada pode opinar. Os rituais de luto e do funeral são quase sempre uma demonstração da posição social, da riqueza e do prestígio, eventualmente, mais de quem fica do que do próprio defunto.

São as manifestações de luto e de representação dos mortos que eventualmente acabam por perdurar no tempo, contribuindo para o conhecimento de realidades passadas. O trabalho que realizámos sobre a necrópole do Porto dos Cacos procurou identificar os cultos e rituais, a representação dos mortos cristalizada nas sepulturas cuidadosamente escavadas. Mais do que um estudo de determinação de causas de morte e condições físicas de vida da população aqui estabelecida, procurámos conhecer a cultura e sua evolução ao longo da diacronia de ocupação deste lugar. Para tal foram estudadas a arquitectura das sepulturas e o mobiliário funerário com o objectivo de estabelecer cronologias para cada uma delas e enquadrá-las na cultura do seu tempo, através da comparação com realidades semelhantes do universo do império romano, quer da Europa ocidental, com maior ênfase sobre a Hispânia, mas também do norte de África mediterrânico.

Por conseguinte, mais do que questões demográficas, de dieta e saúde ou questões de decomposição dos corpos, o estudo arqueológico que pretendemos encetar incide sobre as práticas funerárias realizadas pelos vivos para os mortos.

O estudo divide-se em cinco partes principais. A primeira, que considera os pontos 1 e 2, refere-se à “Introdução” e ao enquadramento geral do Porto dos Cacos, em contexto administrativo, geográfico, geológico e histórico; na segunda parte, que compreende o ponto 3, procurámos contextualizar a necrópole, descrevendo a estratigrafia que a enquadra com o objectivo de definir a diacronia de ocupação deste espaço. Ainda nesta parte associámos as sepulturas em grupos e subgrupos, tendo em conta a sua arquitectura e os materiais usados na sua construção. Por fim, debruçamo-nos sobre o



espólio funerário, estabelecendo critérios para o seu estudo. Na terceira parte do estudo, que compreende o ponto 4 a que chamámos “Catálogo” faz-se a descrição pormenorizada de cada sepultura e do espólio associado a cada uma delas. Na quarta parte apresenta-se a “Conclusão” bem como a Bibliografia em que se baseou o estudo. Em anexo apresentamos a Planta Geral da necrópole, assim como imagens seleccionadas da fase de escavação. Não sendo possível representar aqui a totalidade das sepulturas, optámos por incluir as fotografias que nos pareceram mais relevantes para o estudo.

Para o conhecimento e identificação dos rituais praticados no Porto dos Cacos foi fundamental o conhecimento da forma como a morte era encarada em período romano e, conseqüentemente, as práticas funerárias realizadas.

Os romanos acreditavam na vida após a morte, assim como na importância de morrer com dignidade – “(...) una sociedad que hizo de la muerte una de sus principales señas de identidad, necesitada como estaba de vencerla, assegurando su memoria” (Vaquerizo, 2001). A morte significava apenas uma separação física do defunto, uma vez que a sua alma continuava a habitar na sepultura, sob a forma de sombra, condicionando esta ideia a arquitectura da própria sepultura e todos os rituais praticados. As primeiras referências aos defuntos descrevem-nos como entidades colectivas de seres divinos, que podiam ser benéficos ou transformar-se em seres nocivos e nojentos, como eram os *lemurae* ou *larvae*. A diferença entre um estado e outro dependia grandemente das acções praticadas em vida e, criam os vivos, da manutenção das cerimónias em honra dos seus defuntos (Vaquerizo, 2001).

A partir do século I a.C., as fontes clássicas referem as almas individuais, os *manes*, mencionados em epitáfios funerários. Com os *manes* verifica-se a autonomização da alma em relação ao corpo, dependendo o valor da alma, de novo, das maiores ou menores bondades praticadas em vida (Vaquerizo, 2001).

Nas civilizações clássicas do mundo ocidental, os conceitos filosóficos de morte, de alma e de Além variaram ao longo dos tempos, mas sempre associadas aos percursos de vida. Os Pitagóricos acreditavam na sobrevivência da alma, que reencarnava recorrentemente. Os Estóicos acreditavam no mesmo, mas com a gradual degradação da alma, até ao total desaparecimento. As crenças variavam desde o conceito grego de tripartição do Homem (*Soma* - Corpo; *Psyché* – Alma; *Eijolon* – Sombra), até à indiferença própria dos cépticos relativamente à imortalidade da alma, não se



afirmando nem negando a sua existência (Vaquerizo, 2001). Virgílio teoriza pela primeira vez a vida após a morte em três espaços – Limbo, Inferno e Paraíso. Resulta destas diversas formas de encarar a morte a clara certeza na vida no Além, e a crença em que a forma como esta seria vivida e o local onde a alma por fim habitaria, dependiam exclusivamente, ou quase, das acções praticadas em vida pelo defunto (Vaquerizo, 2001).

Acreditava-se que as almas habitavam as próprias sepulturas ou próximo delas, o que explica a importância que lhes é dada, ao *funus* e aos cemitérios, e permite compreender a arquitectura sepulcral e os rituais de oferenda de comida e bebida, de azeite ou sangue, como forma de manter a vitalidade das almas (Vaquerizo, 2001).

Até ao século V a.C. era comum os mortos serem enterrados, quase exclusivamente após cremação, próximo do local onde os seus familiares viviam. Data deste século a Lei das Doze Tábuas (*Lex XII Tabularum*, X, 1), a primeira que estabelece a proibição de enterramento dentro dos limites das cidades ou em espaços urbanos (Vaquerizo, 2001). São definidas zonas cemiteriais, sempre fora destes espaços, localizadas habitualmente, e em particular nos primeiros tempos de vigência da lei, nos caminhos de acesso às cidades. As sepulturas, situadas onde todos as podiam ver, passaram a ser um modo de representar a moda da época, ostentar a posição social e os meios económicos do defunto e da sua família (Vaquerizo, 2001).

Tão importante como a sepultura era o conjunto de rituais funerários praticados em honra do defunto. Estes rituais ou *funus* dependiam também da posição social e aquisitiva das famílias e do seu desejo de ostentação. Não menos importante, estes rituais garantiam uma boa transição do defunto para o Além, uma vez que, não sendo praticados, este podia não ser aceite pelos espíritos ou *manes*.

O defunto era visto como algo impuro e com elevada capacidade de contaminação ao seu redor, o que originou a crença de que toda a sua família – família funesta – só se purificava através do funeral. Além do cuidado na sepultura e na realização do *funus*, eram igualmente importantes as celebrações periódicas (oferendas, libações e banquetes funerários) que, além de manterem viva a memória do defunto, asseguravam a imortalidade da sua alma, alimentando-a. A memória era também mantida através de banquetes funerários que obedeciam a um rigoroso calendário: no dia do funeral (*silicernium*), passados nove dias da morte (*novendialis*) e, posteriormente, nos dias de aniversário de nascimento e de morte e em celebrações importantes, como a *Parentalia* (entre 13 e 21 de Fevereiro), a *Lemuria* (entre 9 e 13 de



Maio, incluindo rituais para aplacar os *lemurae* e *larvae*) e a *Rosalia* (em Maio ou Junho, coincidindo com o florescimento das primeiras rosas) (Vaquerizo, 2001).

A morte é, no fundo, um indicador do grau de importância social do defunto, em que o óbito “demonstra a sua posição social, capacidade aquisitiva ou prestígio, além de outros valores intangíveis e que variam segundo a época, como o respeito e veneração dos antepassados, a ostentação ou humildade ou simplesmente a pureza do sangue e, consequentemente, o seu grau de enraizamento no grupo” (Vaquerizo, 2001).

Do estudo individual das sepulturas e das necrópoles enquanto conjunto podemos obter uma grande variedade de informação sobre o modo como a morte era encarada, ainda que grande parte dos rituais praticados seja arqueologicamente invisível, não deixando qualquer vestígio material.

A cremação, simbolizando a purificação através do fogo, e a inumação, que traduz um retorno à Terra Mãe, origem da vida, coexistiram no mundo romano pelo menos até finais do século II ou inícios do século III d.C. A opção por um dos dois resultava de critérios de tradição familiar, gosto pessoal ou, simplesmente, de questões económicas, visto a cremação (em *bustum* ou *ustrinum*) ser sempre mais cara. Por fim, o predomínio da inumação sobre a cremação está relacionado com o triunfo do Cristianismo enquanto religião do Império e a sua disseminação pelo mundo romano. A inumação representa a continuidade da vida, devolvendo o corpo à Terra Mãe e mantendo-o próximo dos vivos (Vaquerizo, 2001, p. 226).

A forma e, principalmente, a orientação das sepulturas não é fortuita. As sepulturas, como vimos, representam o defunto enquanto ser social e reproduzem o que este foi em vida. A sua orientação é uma importante característica para aquelas religiões em que o enterramento é o principal ritual funerário (Pearson, 1999). No caso do mundo romano, a orientação das sepulturas foi norte-sul até ao advento do Cristianismo, quando passou a privilegiar-se a orientação Este-Oeste, com as cabeças orientadas a Oeste, de modo a ficarem de frente para Deus (a Este), no dia do Julgamento Final (Pearson, 1999).

A posição do corpo dentro da sepultura pode igualmente variar de acordo com as religiões praticadas, embora a mais comum seja de costas (decúbito supino), com os membros superiores dispostos ao longo do corpo ou cruzados e as mãos na região pélvica ou sobre o peito, ritual interpretado por vezes como sentido de oração associado ao Cristianismo (Pearson, 1999).



2. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO PORTO DOS CACOS

2.1. ENQUADRAMENTO ADMINISTRATIVO E GEOGRÁFICO

A estação arqueológica do Porto dos Cacos situa-se na herdade de Rio Frio, concelho de Alcochete, distrito de Setúbal, em propriedade privada. Pode ser localizada na Carta nº 433 dos Serviços Cartográficos do Exército (Figura 1). Tem como coordenadas UTM: M513382 P4282442 e está classificada como Sítio de Interesse Público (Portaria n.º 591/2011, DR, 2.ª Série, n.º 121, de 27-06-2011).

2.2. ENQUADRAMENTO GEOLÓGICO E GEOMORFOLÓGICO

A estação arqueológica situa-se na margem direita de uma antiga linha de água tributária do Tejo, a ribeira das Enguias, hoje totalmente assoreada, que seria, em época romana, uma importante via de comunicação entre o interior agrícola e industrial e o rio Tejo (ainda o era nas primeiras décadas do século XX), facilitando o escoamento de produtos para os grandes centros de consumo, de onde se destaca naturalmente *Olisipo*. A região enquadra-se na rede hidrográfica da Ribeira das Enguias (Zbyszewski e Ferreira, 1968), mais precisamente do Vale de Rio Frio, por onde se distribuem várias das suas linhas de água.

A estratigrafia dos terrenos vai do Quaternário ao Vindoboniano Superior e é constituída por:

- a. Aluviões modernas que se distribuem ao longo das principais linhas de água da rede hidrográfica. A espessura das aluviões é muito variável, podendo em certos casos atingir entre cinco e dez metros. As aluviões são principalmente arenosas, apresentando em alguns casos intercalações argilosas;
- b. Do Pliocénico e abaixo das aluviões encontra-se o complexo argilo-gresoso de Bombel.

A região é caracterizada por “(...) possuir extensos afloramentos de argilas, de grés e de areias, utilizadas para a construção. Na área de Pegões as argilas são exploradas para a preparação de telhas e tijolos” (Zbyszewski e Ferreira, 1968).

A geomorfologia deste lugar caracteriza-se por extensões planas ou por pequenas elevações de cota não superior a 10 metros.

O uso do solo actual é agrícola, com predominância de montado de sobro, a norte da ribeira das Enguias, e eucaliptal, a sul. Devido ao assoreamento da ribeira, registam-se grandes áreas alagadiças onde até há poucos anos se plantava arroz.



Na década de sessenta, a construção da barragem da Venda Velha contribuiu para a alteração profunda da geomorfologia do local, em particular devido a um episódio de ruptura da mesma e consequente alagamento e cobertura da área envolvente da principal linha de água com sedimentos arenosos e argilosos que poderão ter alguma expressão no encobrimento de estruturas e contextos arqueológicos.

2.3. O PORTO DOS CACOS NO CONTEXTO DA LUSITÂNIA

Fruto de uma imagem estereotipada produzida pela literatura greco-latina e de uma desigual “geografia de conhecimento” acerca da Lusitânia, em particular, e sobre o Império Romano, em geral, esta província tem sido considerada como um território ultra-periférico (Fabião, 2009), distante dos centros políticos e de comércio deste período. A profunda alteração de paradigma verificada nos últimos anos, com o incremento da investigação sobre este território situado na zona ocidental da Península Ibérica, tem demonstrado um território dinâmico em termos económicos e sociais, perfeitamente integrado nas grandes redes de comércio do Império, uma imagem pouco consentânea com uma região desde sempre caracterizada como sendo “o fim do mundo”. São exemplos dessa dinâmica as evidências de intensa actividade industrial, ao nível da exploração dos seus recursos marinhos e, em consequência desta, a existência de um grande número de centros oleiros produtores de ânforas para a exportação dos seus produtos. Se, por um lado, estes dados nos fazem crer na integração da Lusitânia nas grandes redes de comércio de longa distância, a identificação de ânforas em centros de consumo longínquos é prova inequívoca dessa vocação exportadora (Fabião, 2009).

A região dos vales do rio Tejo e do rio Sado, assim como o litoral algarvio, têm-se revelado bons exemplos dessa dinâmica económica e social, em parte e de novo, por culpa da desigual geografia de investigação, mas não só. É na região dos vales do rio Tejo e do rio Sado, se a considerarmos como um todo, que se concentram as grandes unidades de produção de preparados piscícolas, com capacidades de produção muito acima das necessidades locais e regionais e, no caso particular de Tróia, situada na margem esquerda do rio Sado, um dos maiores centros produtores conhecidos no mundo romano. Esta vocação industrial estuarina, se assim lhe podemos chamar, nos vales do Tejo e do Sado é igualmente evidente ao nível social e da dinâmica urbana. Aqui se concentram os principais núcleos industriais, muitas vezes em detrimento de núcleos mais antigos e mais distantes do estuário, condicionando igualmente a



distribuição dos centros oleiros. A nível urbano verifica-se o mesmo fenómeno, com grandes afinidades nos dois rios. No caso do rio Tejo, *Olisipo* ganha claramente importância sobre a capital do *conventus* onde se insere, a cidade de *Scallabis*, fruto do maior protagonismo económico da primeira. No rio Sado assiste-se a uma gradual subalternização de *Salacia*, grande núcleo regional pré-romano, em detrimento de núcleos urbanos estuarinos como Tróia e da actual zona urbana de Setúbal (Silva & Coelho-Soares, 1980-1981), (Silva, 1996).

No contexto geral do Império, a Lusitânia seria “provavelmente, mais do que a ultra-periferia situada à beira do perigoso mar Oceano (...) uma verdadeira charneira entre dois mundos” (Fabião, 2009), o Mediterrâneo e o Atlântico.

O Porto dos Cacos situava-se, em tempo romano, na província da Lusitânia com capital provincial em Mérida (*Colonia Augusta Emerita*), fundada na época de Augusto (Alarcão, 1988, p. 31). A Lusitânia estava, por sua vez, dividida em três *conventus*: o *emeritensis*, o *pacencis* e o *scalabitanus* (Alarcão, 1988, p. 58). O local em estudo estava integrado no *conventus scalabitanus*, com sede em *colonia Scalabitana* (actual Santarém), cujo território se estenderia, a sul, até à margem esquerda do rio Tejo, incluindo no seu território, entre outras, as cidades de *Olisipo*, *Sellium* e Conímbriga. Trata-se de um território culturalmente dividido em dois, um mais romanizado, onde se evidenciam as influências mediterrânicas, resultado de contactos com os diversos povos que demandaram a Península, e uma região onde a aculturação romana é menos notória e persiste o fundo cultural indígena – “(...) a Lusitânia era uma província de grandes contrastes. Possuía uma região sul e litoral de há longa data urbanizada, patenteando evidentes afinidades culturais com a região andaluza, e amplas áreas no interior, que constituíam naturais prolongamentos culturais do mundo continental da meseta hispânica” (Fabião, 1992, p. 237).

A economia do ocidente peninsular caracterizava-se por conter, simultaneamente, “um vastíssimo sistema de produção e consumo, bem como de trocas à distância, sem que por isso deixassem de subsistir no seu interior diferentes economias locais e regionais, tendendo quase sempre para o auto-consumo” (Fabião, 1992, p. 257). “O ocidente peninsular parece ter sido mais importador que exportador de produtos agrícolas. Nenhum autor clássico celebra os produtos do nosso território. Quanto às manufacturas, apenas encontramos referências aos lanifícios da Salácia e ao linho dos Zelas (...). Dois tipos de produtos, porém, tiveram importância suficiente para sustentar uma volumosa e regular exportação: os recursos mineiros e os recursos marinhos. A



mineração e a produção de peixe salgado e de preparados piscícolas merecem, pois, um destaque particular” (Fabião, 1992, p. 259).

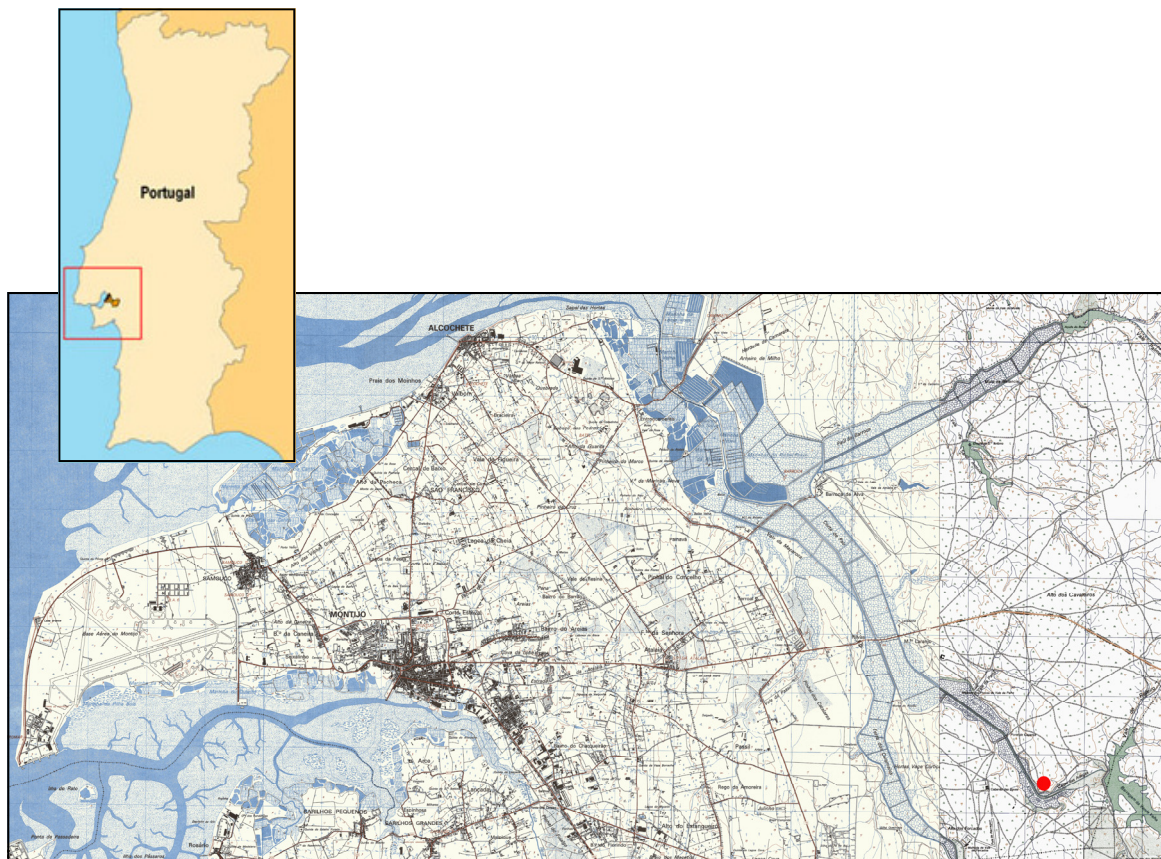
Os grandes complexos industriais de transformação de recursos marinhos ou de produção de olaria, com clara vocação exportadora, são complementados por pequenos núcleos de produção quase doméstica, a par de outras actividades, como, por exemplo, a exploração mineira de grande escala e as pequenas cortas, há muito exploradas pelos povos indígenas para produção de utensílios que abastecem o comércio local e/ou regional. Se, por um lado, a pequena indústria tinha uma vocação de auto-suficiência, os grandes centros industriais originavam e incentivavam o surgimento e incremento de actividades complementares, tornando-se em pólos dinamizadores da economia regional onde estavam implantados (Fabião, 1992).

Os dados arqueológicos atestam a importância económica das actividades marítimas da época romana no litoral atlântico, como seria de esperar dadas as excelentes condições climáticas, a extensão da costa atlântica e a sua riqueza em peixe. Por outro lado, “Desde os inícios (segundo/terceiro quartéis do séc. I) o volume do peixe processado faz supor uma vocação eminentemente exportadora, pelo que se tornava indispensável a existência de um considerável fabrico de contentores de transporte” (Fabião, 1992, p. 43).

O Porto dos Cacos enquadra-se assim numa “região económica” que abrange os vales dos rios Tejo e Sado e compreende diversas actividades produtivas (Figura 2): agrícola (produção de azeite, de vinho e cereais), mineira, piscícola e de transformação de produtos piscícolas (*garum*, *liquamen*, *hallec*, *muria*), de produção de sal e, naturalmente, oleira, como actividade fundamental de aprovisionamento de contentores para transporte de produtos diversos. O mapa apresentado demonstra a geografia económica da região, devendo salientar-se que este espelha, também, uma geografia da investigação, como reflexo do estado actual do conhecimento.

As unidades de produção de preparados de peixe já identificadas no Tejo e no Sado, assim como a constatação de que a grande maioria das produções anfóricas serviu para o armazenamento e transporte de produtos piscícolas, em circuitos de proximidade e de longo curso/exportação, sugerem que esta indústria seria o motor da actividade económica regional. Pela sua dimensão e importância, esta indústria fomentou actividades complementares como a pesca, a indústria naval e de construção, a produção de sal, indústrias portuárias...





Em relação à produção de preparados de peixe, destacam-se na Lusitânia, em território hoje correspondente a Portugal, três grandes áreas: a costa algarvia e as zonas estuarinas do Tejo e do Sado. No Sado, pela sua dimensão e capacidade produtiva, merece destaque o complexo industrial de Tróia. Na margem norte do rio há igualmente vestígios de produção na zona urbana de Setúbal - Praça do Bocage (Silva e Coelho-Soares, 1980-1981) e Travessa Frei Gaspar (Silva, 1996), por exemplo - e na região da serra da Arrábida – Creiro (Silva e Coelho-Soares, 1987), por exemplo. A actividade industrial desta região abrange uma diacronia que vai do séc. I ao V, embora com períodos de maior e de menor fulgor (Fabião, 1997).

No vale do Tejo a realidade é similar, mas com a particularidade de os principais núcleos de produção se encontrarem na margem norte do rio: em Lisboa - rua dos Correeiros (Bugalhão, 2001), rua dos Fanqueiros (Diogo, 1994), Casa dos Bicos (Amaro, 1992), etc.), Belém (Casa do Governador) (Fabião, Filipe, Dias, Gabriel, & Coelho, 2008), estendendo-se até Cascais (Cardoso, 2006). Na margem sul, há núcleos identificados em Cacilhas (Santos, Sabrosa, & Gouveia, 1996) e no Porto Brandão (Idem), ambos aparentando dimensões reduzidas. A cronologia de produção desta zona vai do séc. I ao V, à imagem do Sado.

Em ambas as regiões, tal como no resto da província, verificam-se duas realidades produtivas distintas: por um lado, complexos industriais de grandes dimensões, muitas vezes situadas em ambiente urbano; por outro, as estruturas produtivas de pequena dimensão, como complemento de outras actividades, nomeadamente a agrícola. Tanto umas como outras tinham objectivos fundamentalmente mercantis, embora com “magnitudes substancialmente diversas” (Fabião, 1992, p. 266).

Em paralelo, no vale do Sado está atestada a existência de centros oleiros ao longo de uma grande extensão do rio, desde o seu estuário – Largo da Misericórdia (Silva, 1996) e Quinta da Alegria (Coelho-Soares & Silva, 1978), (Coelho-Soares & Silva, 1979), em Setúbal –, até à região mais interior de Alcácer do Sal – Enchurrasqueira (Diogo, 1983), (Mayet, Schmitt, & Silva, 1996) e Barrosinha (Mayet, Schmitt, & Silva, 1996). Os dados sobre este conjunto de centros oleiros atestam uma produção de vasilhame a partir do séc. I d.C. e até, pelo menos, ao séc. V.

No caso do Tejo, além do Porto dos Cacos, conhecem-se também as olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) (Duarte, 1990), (Raposo, Duarte e Sabrosa, p. 331-352) e da Garrocheira (Benavente) (Amaro, 1990), com uma diacronia de produção global equiparável à do Sado, entre os séculos I e V d.C..



Existe grande semelhança entre estas produções anfóricas, “o que facilmente se compreende, atendendo à proximidade geográfica e a que se integrariam num mesmo quadro de actividades” (Fabião, 1997, p. 45).

2.4. HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO NO PORTO DOS CACOS

A estação arqueológica do Porto dos Cacos é largamente conhecida pela sua importância, sendo um dos mais relevantes centros de produção oleira de período romano em território hoje português. Os estudos sobre o sítio têm incidido maioritariamente sobre esta realidade, realçando os fornos escavados, a sua arquitectura e características, assim como as principais produções, nomeadamente a anfórica. Apesar da escassez da área escavada não permitir conhecer a totalidade da olaria, o seu estudo propiciou diversa bibliografia especializada e a apresentação em várias reuniões científicas.

A investigação no Porto dos Cacos enquadrou-se, entre os anos de 1985 e 1997, no projecto “Ocupação Romana na margem esquerda do estuário do Tejo”, abrangendo maioritariamente a escavação do sítio (entre 1985 e 1990). Este projecto teve como equipa de coordenação Clementino Amaro, Jorge Raposo, Ana Luisa Duarte, Luís Barros e Armando Sabrosa. O enquadramento foi da responsabilidade do Centro de Arqueologia de Almada (CAA), com apoios do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), Fundação Calouste Gulbenkian e das Câmaras Municipais de Almada, Alcochete, Benavente e Seixal. Numa primeira fase, o projecto incidiu na identificação e/ou escavação das primeiras olarias nesta área geográfica, nomeadamente as da Quinta da Garrocheira (Benavente), da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete).

Os primeiros trabalhos sobre o Porto dos Cacos foram publicados em 1990, nas actas das jornadas “Les amphore lusitaniennes. *Typologie, production, commerce*”, realizadas em Conímbriga no ano de 1998 (Raposo, 1990). No âmbito do mesmo congresso, publicou-se um primeiro estudo sobre as pastas das produções anfóricas da região do Tejo e do Sado (Coelho e Cardoso, 1990).

No ano de 1991, realizaram-se as “Primeiras Jornadas sobre a romanização dos estuários do Tejo e do Sado”, organizadas pelo Ecomuseu do Seixal e pelo Centro de Arqueologia de Almada, onde foram apresentados novos dados de investigação sobre o Porto dos Cacos, em áreas relacionadas com a produção anfórica (Raposo e Duarte,



1996), com epigrafia anfórica (Guerra, 1996), com a necrópole (Sabrosa, 1996) e com estudos arqueométricos (Cabral, Gouveia e Morgado, 1996).

Em 1992, promoveram-se trabalhos de prospecção geofísica, com principal incidência sobre a área de localização dos fornos 2 e 3 do Porto dos Cacos. Estes trabalhos foram da responsabilidade de Manuel Senos Matias, da Universidade de Aveiro (Matias, 1992).

Em 1993, decorreu no Porto o “Primeiro Congresso de Arqueologia Peninsular” onde foram actualizados os resultados da investigação, nomeadamente no que diz respeito à produção anfórica, com publicação nas respectivas actas (Raposo, Duarte e Sabrosa, 1995).

Uma nova abordagem à epigrafia anfórica do Porto dos Cacos resulta de texto publicado em 2004 (Fabião e Guerra, 2004), na sequência de *workshop* realizado em Barcelona no ano anterior.

A partir de 1999, a continuidade dos estudos sobre o Porto dos Cacos assentou num novo projecto, designado “Olaria Romana do Estuário do Tejo: centros de produção e de consumo (Porto dos Cacos, Quinta do Rouxinol e Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros)” (OREsT), coordenado por Jorge Raposo, Carlos Fabião, Amílcar Guerra, Armando Sabrosa, Jacinta Bugalhão e Ana Luísa Duarte. O enquadramento do projecto é ainda do CAA, com apoios da C. M. do Seixal e do Instituto Português de Arqueologia (IPA), entre os anos de 2000 a 2003, no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA).

O projecto incide principalmente sobre aspectos de caracterização tipológica das ânforas, de epigrafia anfórica, de caracterização petrográfica e química de produções cerâmicas e de matérias-primas. Num âmbito mais abrangente, tem como objectivo distinguir as produções características dos centros produtores da Quinta do Rouxinol e do Porto dos Cacos, a nível formal e de composição química dos diversos grupos técnicos de fabrico identificados, comparando-os com um centro de consumo destes produtos, a unidade de preparados de peixe da Rua dos Correeiros/Rua Augusta, em Lisboa (Figura 3).

O estudo arqueométrico do espólio cerâmico teve a responsabilidade científica de João Peixoto Cabral (numa primeira fase) e de Maria Isabel Dias e Maria Isabel Prudêncio (na segunda fase). Pretende diferenciar os centros produtores e respectivas estratégias de selecção de matérias-primas e produções, através do estabelecimento de



indicadores geoquímicos, e, por outro lado, desenvolver o estudo comparativo entre estes centros produtores e o centro de consumo da Rua dos Correeiros/Rua Augusta¹.

2.5. INTERVENÇÕES NO PORTO DOS CACOS E PRINCIPAIS RESULTADOS

O Porto dos Cacos foi descoberto em 1984, por técnicos do Centro de Arqueologia de Almada e dos museus municipais de Alcochete, Almada e Seixal, intrigados pela referência a um lugar de topónimo “canto das adegas” mas popularmente designado como “porto dos cacos”, onde constataram a existência de grande quantidade de fragmentos de cerâmica distribuídos por uma vasta área.

Numa primeira fase, implantou-se uma quadrícula orientada sensivelmente no sentido NE-SO, adaptada à geomorfologia do local, abrangendo as áreas de maior concentração de materiais no solo. A cada unidade de cinco metros de lado foi atribuída uma referência alfanumérica (Figura 4).

A escavação obedeceu a critérios que, embora considerados os contributos teóricos de Wheeler, Barker e Harris, tiveram em conta uma estratégia pragmática, que consistiu na escavação através de planos artificiais de vinte centímetros, respeitando-se a ordem inversa de deposição das camadas, prevalecendo a valorização da estratigrafia arqueológica sobre a artificialidade dos planos. Deve realçar-se que a escavação teve em conta o conceito de camada arqueológica e não o de Unidade Estratigráfica, considerada “como um depósito, uma vala ou uma estrutura, podendo igualmente ser natural ou antrópica” (Guerra, 1982). Deste modo, ao referir-mo-nos a camada estamos a considerar apenas os depósitos, sejam de natureza natural ou antrópica. Estas foram numeradas de 1 a n, tendo-se optado por atribuir a cada quadrado um determinado número de camadas (por exemplo, os números 150 a 200 correspondiam ao Quadrado M56), o que auxiliava na identificação da origem do espólio. Nas zonas de maior sensibilidade e complexidade estratigráfica (como as sepulturas, por exemplo), a espessura dos planos artificiais foi adaptada e reduzida para cinco centímetros.

A sequência da escavação e todas as ocorrências foram registadas em fichas de camada (Figura 5), com campos de preenchimento relativos ao quadrado em causa, à

¹ Uma síntese conjunta da investigação arqueológica e arqueométrica foi apresentada no Simpósio “A Costa Portuguesa no Panorama da Rota Atlântica Durante a Época Romana” (16-18 Jun., Peniche), com o título “Ânforas Romanas do Estuário do Tejo: balanço e perspectivas de um projecto de investigação arqueológica e arqueométrica”, da autoria de Jorge Raposo, Maria Isabel Dias, Carlos Fabião, Amílcar Guerra, Jacinta Bugalhão, Ana Luísa Duarte, Maria Isabel Prudêncio e Armando Sabrosa (†).





Figura 3 - Âmbito geográfico do projecto OREsT
(Raposo et al, 2005)

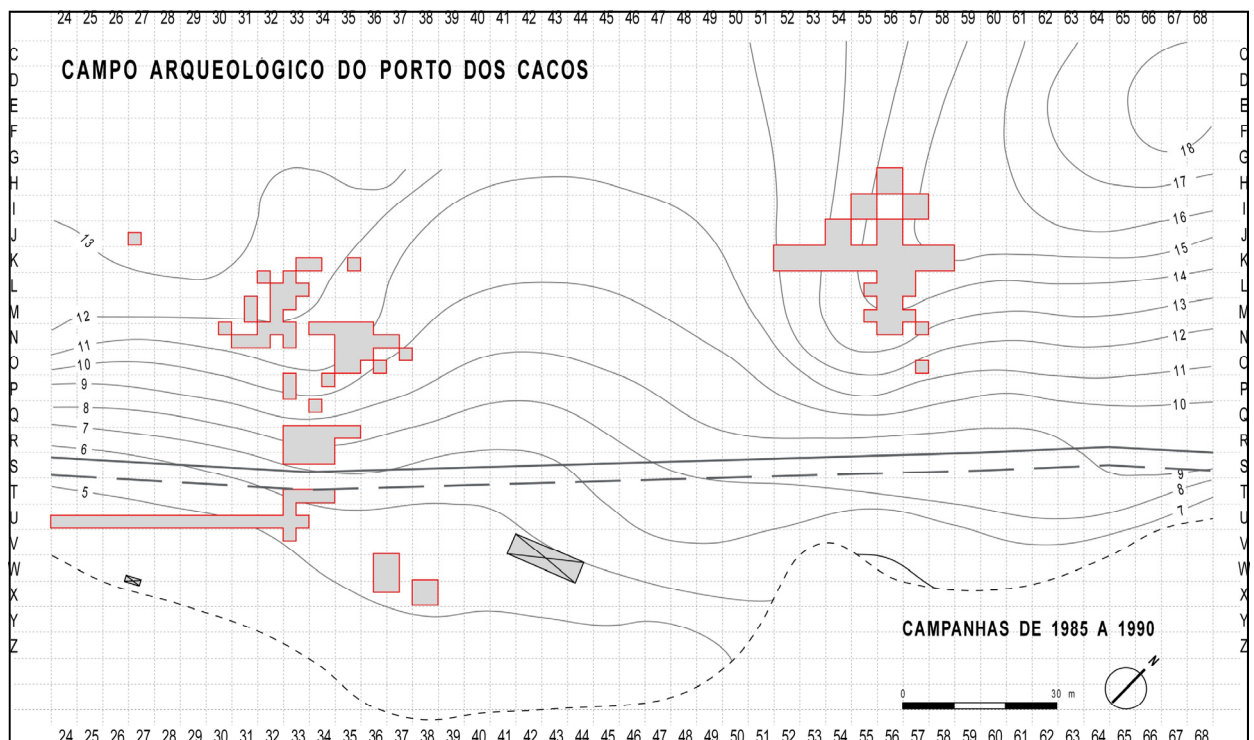


Figura 4 - Quadrícula com representação das áreas escavadas.

estratigrafia e ao espólio identificado. Esta ficha integrava igualmente um espaço para esboços gráficos tridimensionais à escala 1:25 ou 1:50.

Este registo não invalidava outro, a escala de maior pormenor, sempre realizado no final de cada plano ou quando o desenvolvimento da escavação o justificou. O desenho foi feito à escala 1:20 para os planos e plantas e 1:10 para os perfis e cortes, sendo igualmente esta a escala dos desenhos das sepulturas. Nos casos onde se revelou necessário maior detalhe, o desenho foi feito à escala 1:5 ou mesmo 1:1.

No caso da fotografia, foi realizada em três suportes simultâneos e complementares: preto e branco, a cores e em diapositivo, para garantir a conservação/durabilidade do registo e a sua adaptação a diferentes fins (científicos, expositivos, de comunicação, entre outros).

A cada quadrado foi igualmente atribuído um caderno de campo, onde a equipa técnica aí colocada registava as ocorrências do dia. Existia igualmente um caderno de campo geral, usado pelos directores da escavação para inscrever diariamente as ocorrências nas diversas áreas. Devemos aqui realçar a importância destes registos, que permitiram dissipar algumas dúvidas surgidas no decorrer da nossa investigação.

A primeira campanha de escavação teve lugar em 1985 e incidiu sobretudo num cabeço onde eram mais evidentes os vestígios arqueológicos: locais de maior concentração de cerâmica e zonas onde alinhamentos de estruturas afloravam à superfície. Os resultados da campanha conduziram a que as escavações se prolongassem pelos anos seguintes, até ao ano de 1990, quando se optou pela interrupção dos trabalhos de campo.

Como resultado destas campanhas, foi identificado um complexo industrial oleiro, com três fornos já reconhecidos, dos quais apenas um escavado na íntegra. São estruturas de planta piriforme (cerca de 2 por 3 metros) ou subcircular (com diâmetro de 3,2 metros), de que se conservam parcialmente as câmaras de cozedura e arcadas de suporte das grelhas que as separavam das câmaras de combustão. Terão funcionado entre o século III e o final do IV-inícios do V.

No sítio foram predominantemente produzidas ânforas, identificando-se duas fases: uma dedicada ao fabrico de peças da Classe 20/21 = Dressel 14/Beltran IVb e da forma Lusitana 3, entre meados do século I e o final do século II; outra centrada em exemplares da Classe 23 = Almagro 51c, Classe 22 = Almagro 50 e das formas Keay 16 e Lusitana 9, entre finais do séc. II/inícios do III e o início do séc. V, pelo menos. À produção anfórica acresce a de abundante cerâmica comum.



Detectaram-se também diversas estruturas de apoio à laboração da olaria, entulheiras de produtos rejeitados, um alinhamento composto por 46 ânforas da Classe 20/21 = Dressel 14 e, a cerca de cem metros destas, uma necrópole com 37 sepulturas identificadas até à data, 26 das quais escavadas (Figura 6).

O fim dos trabalhos de campo teve como principais objectivos o processamento da grande quantidade de informação recolhida durante as escavações e a necessidade de repensar a forma de intervenção até então realizada, preconizando-se um projecto de investigação arqueológica, de conservação e valorização abrangente, integrado em estratégias locais de patrimonialização, educação patrimonial e ambiental e promoção do turismo cultural.

Consciente do valor patrimonial e científico desta estação arqueológica, a autarquia de Alcochete decidiu integrar parte do seu espólio numa ala do Museu Municipal, construído em finais da década de oitenta, e definiu, em sede de PDM, uma “zona arqueológica” condicionada. Sob proposta do Centro de Arqueologia de Almada, foi igualmente aberto por parte da tutela do património o processo de classificação do sítio, que culminou com a sua classificação como SIP, Sítio de Interesse Público (Portaria n.º 591/2011, DR, 2.ª Série, n.º 121, de 27-06-2011).

3. A NECRÓPOLE ROMANA DO PORTO DOS CACOS

A necrópole do Porto dos Cacos foi parcialmente estudada por Armando Sabrosa, com resultados apresentados nas “Primeiras Jornadas sobre a romanização dos estuários do Tejo e do Sado”, realizadas no Seixal em Dezembro de 1991 e publicados nas actas do mesmo encontro (Sabrosa, 1996). Este estudo incidiu essencialmente sobre a arquitectura e cronologia das sepulturas, tendo o autor criado uma tipologia das mesmas com base no tipo de materiais utilizados na sua construção e na forma dos sepulcros. Apenas uma parte do espólio funerário exumado foi contemplado neste estudo, base do presente trabalho, ainda que consideremos que a tipologia dos sepulcros então elaborada carece de reavaliação. Como tal, foram analisadas numa perspectiva crítica todas as sepulturas, assim como o espólio em que se baseou o trabalho de Armando Sabrosa. Os materiais não incluídos nesse estudo foram alvo de análise exaustiva. Toda a informação disponível sobre a necrópole, em particular, e sobre o Porto dos Cacos, em geral, foi tida em conta na investigação empreendida.

Um primeiro passo no estudo do espólio consistiu na identificação do seu local de depósito e na avaliação do seu actual estado de tratamento e conservação. Uma



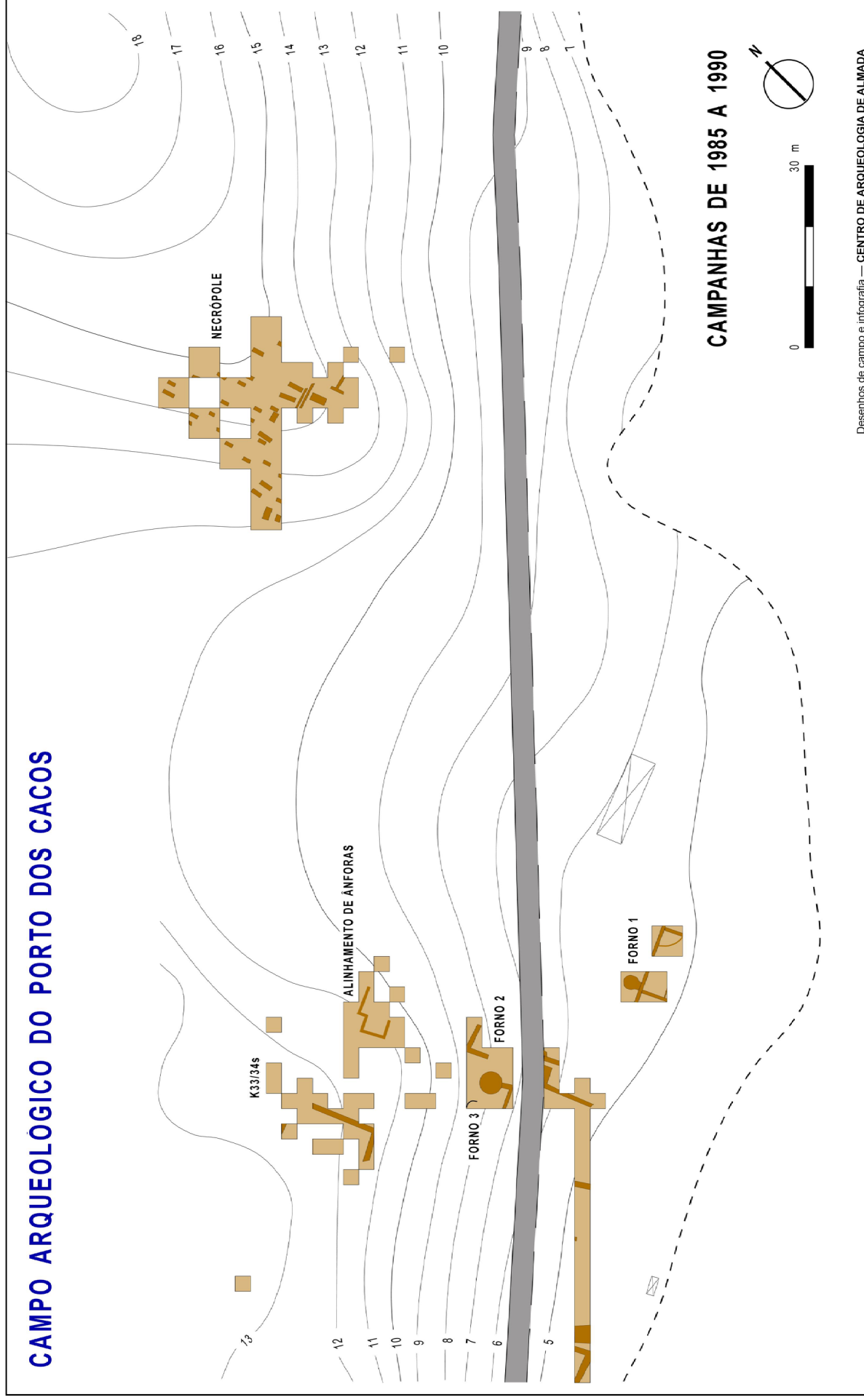


Figura 6 - Planta geral do Porto dos Cacos

pequena parte deste espólio encontra-se totalmente tratado e exposto no Museu Municipal de Alcochete (MMA), outra parte, a maior, está depositada no Centro de Arqueologia de Almada (CAA) e alguns metais estão em fase de tratamento no Laboratório de Metais do Departamento de Conservação e Restauro da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova, nomeadamente as peças metálicas da sepultura 16, ao abrigo de um protocolo entre esse Departamento universitário e o CAA.

É importante referir que uma pequena parte do espólio que se encontrava nas anteriores instalações do CAA desapareceu, num roubo que teve lugar ainda na década de 1990 e no qual foram levadas os objectos mais pequenos: moedas, contas e peças de ourivesaria. Felizmente, grande parte deste material encontrava-se fotografado e desenhado, não se tendo perdido a informação por completo. Infelizmente, no caso das moedas, não chegou a ser feito um estudo aprofundado, tendo-se Armando Sabrosa limitado a uma caracterização sumária dos numismas em melhor estado de conservação, com a colaboração de António Faria. Não havendo fotografias das mesmas, reproduziremos os dados publicados (Sabrosa, 1996).

O espólio em reserva no CAA encontrava-se em diversas fases de tratamento, fruto do trabalho de conservação e restauro realizado pela equipa técnica coordenada por Ana Luísa Duarte, incluindo desde peças totalmente restauradas (com respectivo desenho e fotografia) a outras mantidas como foram recolhidas no campo. Refira-se, a título de exemplo, o caso de uma lucerna e uma taça de vidro, levantadas em bloco durante a escavação, que tiveram que ser separadas por meios mecânicos, após o que se procedeu à lavagem e desenho da lucerna. Todo o espólio encontrado nesta situação foi tratado (lavado ou limpo mecanicamente), marcado, desenhado, fotografado e incluído no inventário geral do sítio arqueológico, em suporte de papel e informático. Em alguns casos, particularmente no que se refere às peças de vidro, não foi possível o seu tratamento em tempo útil, devido às necessidades específicas de conservação e restauro destes materiais.

No caso da cerâmica, procedeu-se à sua classificação tipológica por comparação com realidades afins ao Porto dos Cacos.

O espólio identificado em contextos associados à necrópole foi igualmente alvo de estudo, com o objectivo de melhor a enquadrar.

A documentação escrita (cadernos de campo e fichas de camada) e gráfica (desenhos e fotografias) produzida aquando da escavação encontra-se igualmente em depósito no



CAA, assim como toda a informação produzida nos anos que se seguiram, nomeadamente desenhos de plantas do sítio arqueológico, desenhos tintados das sepulturas e do seu espólio (realizados por Armando Sabrosa).

A informação relativa ao espólio do Porto dos Cacos encontra-se armazenada em bases de dados, em Filemaker, versão Pro 8.5 Advanced. Para efeitos do presente trabalho foram criadas duas novas bases de dados, igualmente em Filemaker Pro 8.5 Advanced: uma com os dados específicos das sepulturas (referências de campo, técnica construtiva, existência ou não de registo osteológico, orientação, existência ou não de mobiliário funerário e sua localização em relação à inumação); outra com informação específica de cada peça estudada (n.º de inventário, descrição, tipo de material, dimensões, grupo técnico de fabrico, tipologia, paralelos e cronologia), ferramenta de trabalho provisória para posterior alimentação da base de dados de inventário geral do sítio. Foram igualmente criadas folhas de cálculo em Excel, com o objectivo de processar muita da informação obtida ao longo do estudo, convertida posteriormente nos gráficos apresentados no trabalho.

Todas as peças, à excepção das desenhadas por Armando Sabrosa aquando do seu estudo, foram desenhadas à escala 1:1 e tratadas digitalmente com recurso ao software Freehand, versão MXa.

No que se refere à fotografia, o mobiliário funerário da necrópole foi registado por José Paulo Ruas, incluindo as peças já anteriormente fotografadas, com os respectivos suportes digitais integrados no acervo do Centro de Documentação do CAA e do Museu Municipal de Alcochete. Recorremos igualmente ao extenso arquivo fotográfico dos trabalhos realizados no Porto dos Cacos, nomeadamente nos casos de imagens de campo (fases de trabalho), tendo sido digitalizados pela equipa técnica do CAA os negativos dos fotogramas que nos pareceram relevantes. Sempre que necessário, as fotografias foram posteriormente trabalhadas em Photoshop, versão 7.0.

Da bibliografia consultada, merecem destaque os muitos trabalhos científicos publicados em resultado da extensa investigação realizada sobre a olaria do Porto dos Cacos, anteriormente mencionados. Pela similitude cronológica e cultural, consultámos igualmente trabalhos referentes à Quinta do Rouxinol, em Corroios (Santos, 2011), à *civitas* de *Olisipo*, nomeadamente os realizados na Rua do Correeiros (Bugalhão, 2001) e na necrópole da Praça da Figueira (Silva, 2005).

Procurou-se igualmente informação sobre outros espaços funerários na região geográfica com influência cultural análoga à verificada no Porto dos Cacos,



nomeadamente trabalhos (monografias e teses académicas) publicados em Portugal e Espanha mas também em França, Itália e territórios mediterrânicos do norte de África. A informação disponível é abundante, tantas são as necrópoles escavadas, em particular a partir dos finais do século XX.

Como se disse antes, a necrópole do Porto dos Cacos está implantada na extremidade de um cabeço, a menos de cem metros da olaria. A área escavada nesta zona, até à data, é de cerca de 375 m², conduzindo à identificação de 37 enterramentos de tipologia diversa.

3.1. A ESTRATIGRAFIA

A área da necrópole apresentava três estratos principais, além de outros vestígios de acção antrópica. Estes estratos, presentes em toda a necrópole, definem claramente os diversos momentos de ocupação do espaço e serão alvo de análise mais detalhada do que as restantes realidades estratigráficas, que extravasam o âmbito do nosso trabalho. Pelo seu carácter excepcional, faremos apenas referência a um desses contextos mais recentes, onde surgem evidências de ocupação visigótica.

Os três estratos (Figura 7) mencionados encontram-se assim descritos nos documentos de campo:

3.1.1. CAMADA 1

Camada arenosa cinzenta, “contendo muitas cinzas”², com espessura média de cerca de 30 cm, ainda que variável, que forneceu grandes quantidades de fragmentos de vidro. Foi também recolhido um elemento arquitectónico em calcário branco decorado com motivos visigóticos (Figura 8), associado a uma vértebra de cetáceo afeiçoada. Relativamente a este elemento arquitectónico, as referências de campo do quadrado M56 referem: “continuou-se a decapagem da camada 256. Durante a limpeza do perfil Este [Figuras 9 e 10] notou-se uns desenhos feitos num calcário que se encontra desenhado no Plano 2”. Esta descrição remete-nos para a presença da peça no perfil do quadrado, no estrato superficial, designado como Camada 1 (Figura 2), assentando directamente sobre a Camada 2. No entanto, o caderno de campo do quadrado M57 (SO), adjacente ao M56, refere que a camada 182, cuja escavação permitiu a recolha física da peça, é “constituída por areia branca-alaranjada, muito compacta, e com

² Assim descrita em vários cadernos de campo.



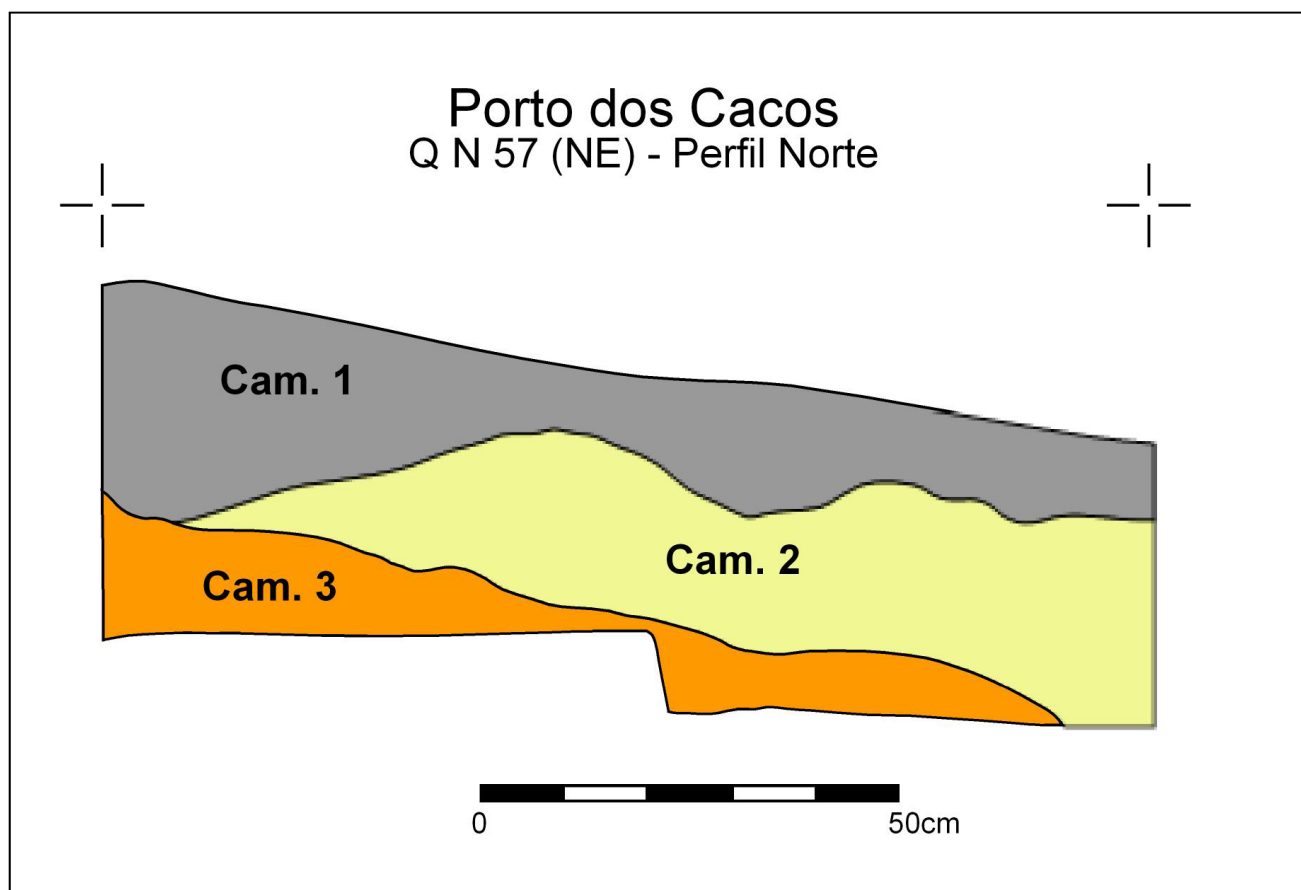


Figura 7—Estratigrafia geral da necrópole



Figura 8—Elemento arquitectónico visigótico.



Figura 9—Elemento arquitectónico visigótico *in situ*.



Figura 10 — Elemento arquitectónico visigótico *in situ*.

algum espólio cerâmico”. Por comparação com a descrição generalizada da Camada 2, quase sempre caracterizada como “areia fina e solta sem espólio”, poderá concluir-se que o depósito de onde provém esta peça terá constituído o enchimento de uma fossa que cortou a camada 1. Apesar de não ter sido identificada em fase de escavação e individualizada como camada, eventualmente pela semelhança de cor com a Camada 2, a descrição da mesma e as fotografias de campo contribuem para se perceber da existência da bolsa estratigráfica onde este elemento foi identificado.

Os fragmentos de vidro fornecidos pela Camada 1 apresentam diversas formas, qualidades de fabrico e cores³. Embora para alguns quadrados não se encontre a referência ao número de fragmentos exumados, na maioria dos casos os dados de campo e de tratamento do espólio indicam as quantidades exactas. Por se considerar pertinente para a caracterização desta camada, assim como para o conhecimento da diacronia do uso deste espaço, apresenta-se uma listagem (Quadro 1) das quantidades de vidro encontradas em cada quadrado.

Neste quadro, transcrevemos os dados de campo de cada quadrado, incluindo também o espólio cerâmico identificado na Camada 1, ainda que seja difícil avaliar a sua relevância para a datação do estrato, porque não foi possível localizá-lo no local de depósito, para análise mais detalhada e reclassificação. A distribuição dos vidros pelos quadrados escavados encontra-se refletida em gráfico na Figura 11.

Para melhor apreensão da concentração destes vidros e sua distribuição espacial, estes valores absolutos foram relacionados com a área escavada, de modo a obter taxas de concentração (n.º total de fragmentos recolhidos em cada quadrícula / área da quadrícula), representadas em gráfico e em planta (Figura 12).

Verifica-se que as maiores concentrações encontram-se na zona Sul da área escavada (Figura 13), que compreende os quadrados N 56 (N) e M 56 (com mais de quinhentos fragmentos de vidro numa área com 37,5 m²), L55 (SE) com 76 fragmentos de vidro (numa área com 6,25 m²) e K56 com 74 fragmentos de vidro (numa área com 25 m²). Refira-se que a potência estratigráfica não varia muito nestas áreas, não podendo ser considerado como um factor de desequilíbrio nos resultados obtidos.

Para a classificação dos vidros contamos com o inestimável contributo de José Carlos Quaresma, nos aspectos cronológicos, tipológicos e funcionais dos exemplares que

³ “(...) através da crivagem (...) foram encontrados [vidros] em número considerável, de cores que variam entre os amarelados e os esverdeados, entre os quais se destacam alguns bordos decorados.” Dados de campo do Q. K 56 (S).

Quadrado	Vidro	Cerâmica	Outros
J 56(S)	Fragmento de bordo em vidro PC 3325		
K 52	Fragmento de bordo com decoração sobre o lábio PC 3202		
K 53	41 fragmentos de vidro (13 bordos, 2		
K 54(E)	39 fragmentos de vidro (17 bordos e 22 indiferenciados)		
K 54(O)	24 fragmentos de vidro (5 bordos, 1 decorado e 18 indiferenciados)		
K 55(N)	44 fragmentos de vidro (12 bordos, 32 indiferenciados)		
K 55(S)	46 fragmentos de vidro (11 bordos e 34 indiferenciados)	Asa de ânfora	2 blocos de calcário; objecto metálico
K 56(S)	56 fragmentos de vidro (12 bordos, 44 indiferenciados)	Bordo de “sigillata”	
K 56(N)	19 fragmentos de vidro (6 bordos e 13 indiferenciados)		
K 57	4 fragmentos de vidro (2 bordos, 2 indiferenciados)	Asa de ânfora	
L 55 (SE)	76 fragmentos de vidro (12 bordos e 5 decorados, restantes indiferenciados)	5 fragmentos de asa de ânfora, 1 fundo e 1 asa de cc e 1 fundo de anforeta.	
L 56		Bordos e fundo de ânfora	
L57 (O)	14 fragmentos de vidro	Asa de ânfora	
M 56	256 fragmentos de vidro dos quais 27 eram bordos, 7 decorados e restantes indiferenciados		
M 57 (SO)	25 fragmentos de vidro, 5 são bordos, 1 decorado e restantes indiferenciados.		Cam. 178/182 - Elemento arquitectónico decorado com motivos visigóticos (PC 1877); vértebra de cetáceo
N 56(N)	262 fragmentos de vidro, sendo 53 bordos, 3 decorados e restantes indiferenciados.		

Quadro 1—Espólio identificado na Camada 1

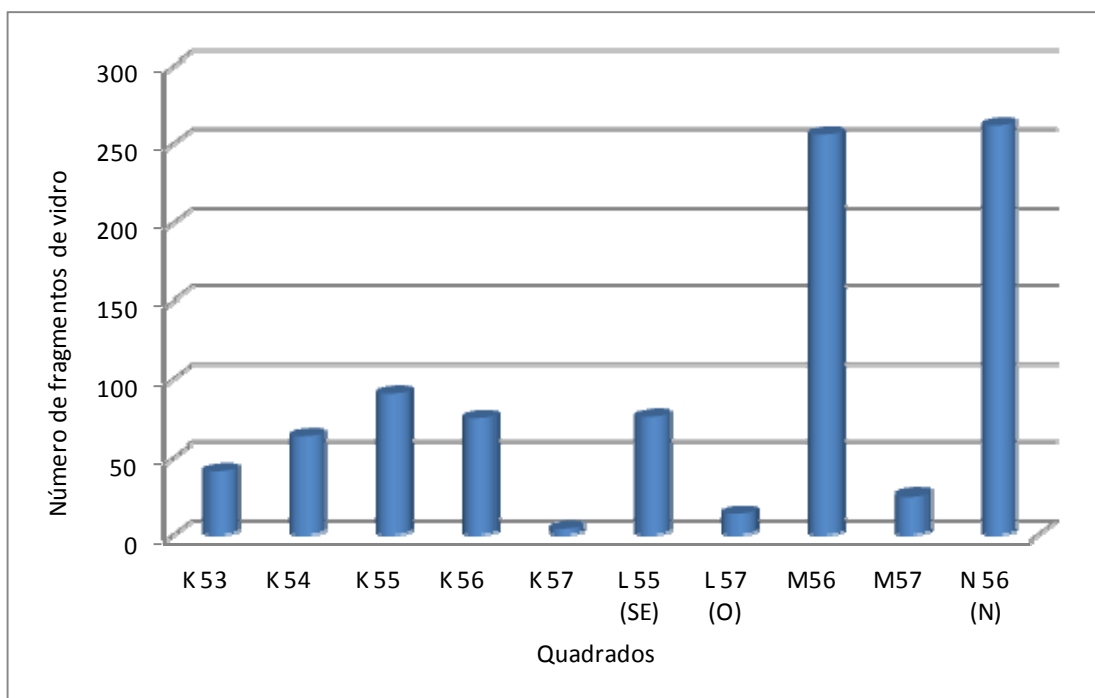


Figura 11—Distribuição do número de vidros por quadrados.

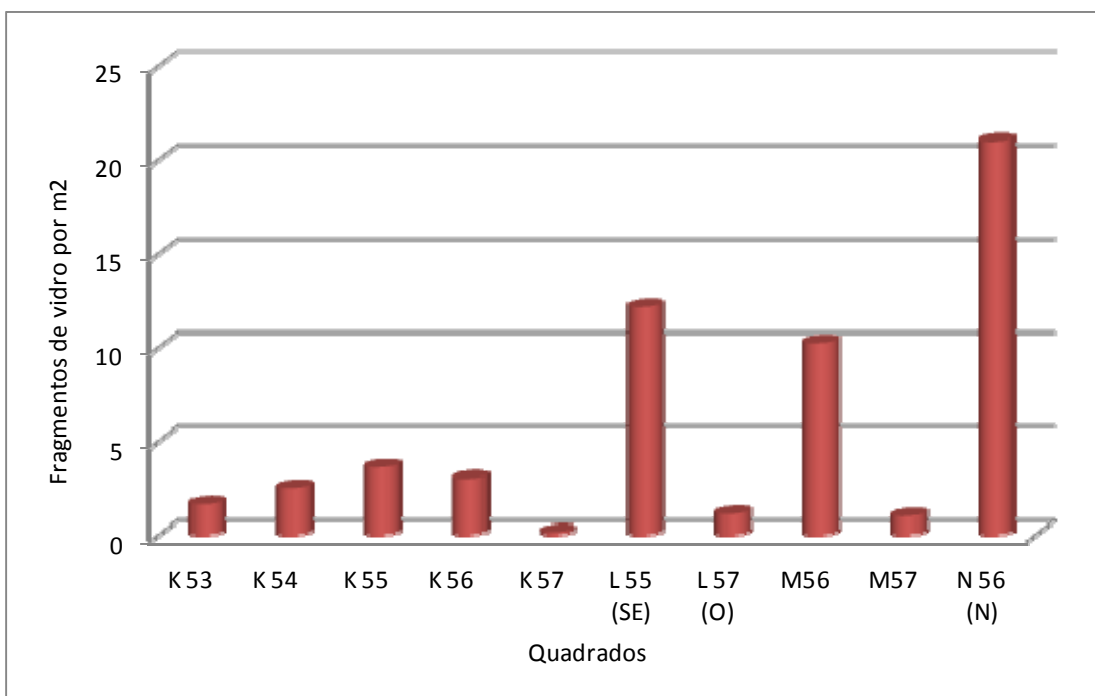


Figura 12 —Taxa de concentração de vidros

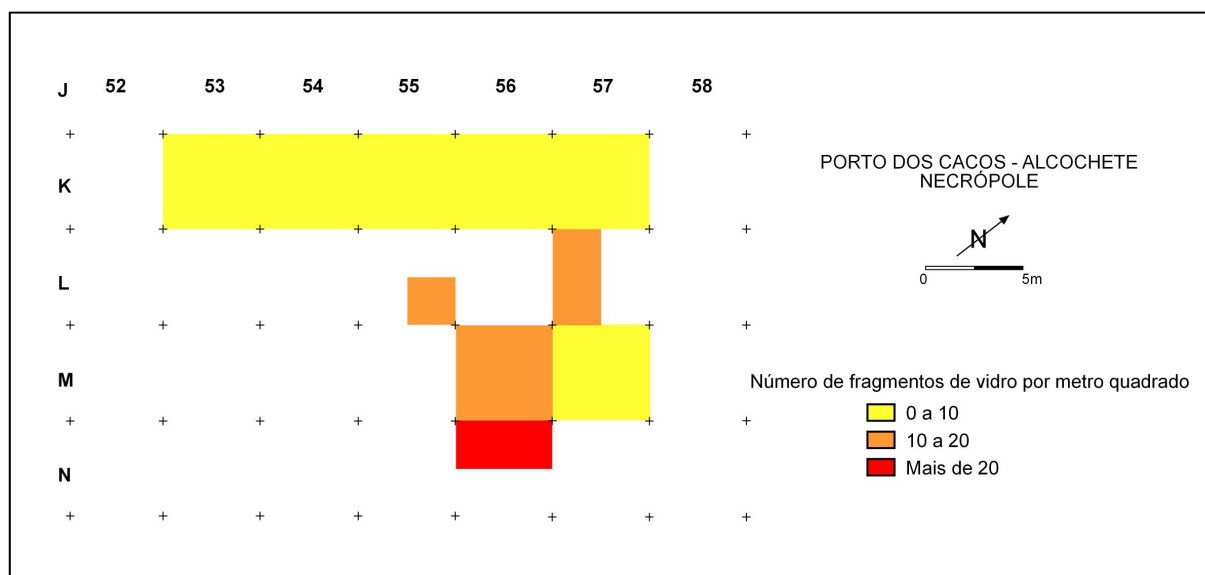


Figura 13—Distribuição espacial dos vidros da Camada 1.

Nº inventário	Descrição	Tipologia	Cronologia
PC 2906 (Frag. de bordo)	Copo ou vaso com bordo de perfil em S, em aresta viva. Vidro de cor verde-	Forma Is 96a; Nolen vi-97	Com origem no séc. III, são característicos do séc. IV, podendo prolon-
PC 2777 (Frag. de bordo)	Taça hemisférica de bordo espessado a fogo de perfil em S. Vidro de cor azul claro/esverdeado. Diam. ≈ 16 cm. Peças idênticas:	Forma Is 116; Nolen vi-88	Nolen atribui-lhe uma cronologia que vai da segunda metade séc. IV ao séc. V pleno.
PC 3050 (Frag. de bordo)	Taça hemisférica de bordo espessado a fogo. Vidro verde azeitona liso. Diâm.	Forma Is 117; Nolen 91/92	Séculos IV-V
PC 3000 (Frag. de bordo)	Vaso troncocónico ou lucerna, com bordo espessado a fogo. Vidro verde ervilha. Diam. ≈ 7 cm. Peças idênticas: PC 2496.	Forma Is 96/106; Nolen ...	Nolen atribui-lhe uma cronologia que vai da segunda metade séc. IV ao séc. V pleno.
PC 2706 (Frag. de fundo)	Fundo de garrafa/boião quadrangular em vidro levemente esverdeado.		
	Vidro de janela		

Quadro 2—Principais tipos de vidros identificados na Camada 1.

permitiram tal leitura, assim como no aconselhamento acerca de bibliografia de referência.

Do conjunto sumariamente analisado⁴, verifica-se que a esmagadora maioria dos fragmentos corresponde a paredes de taças ou vasos, sem decoração, numa gama cromática predominantemente verde ou verde-acastanhada. Poucos são os exemplares de vidro incolor, havendo quantidade razoável de fragmentos de cor azul ou levemente azulada. Em termos de formas, verifica-se pouca variedade tipológica, predominando as taças hemisféricas, os copos/vasos e os vasos troncocónicos/lucerna. Existe ainda um único exemplar de fundo de garrafa/boião quadrangular e um fragmento de vidro de janela. Em termos funcionais, incluem-se nas categorias de “vasos para uso na mesa” e “vasos para armazenar alimentos – garrafas para guardar e eventualmente servir líquidos” (Nolen, 1994, p. 169).

Com o objectivo de caracterizar tipológica e cronologicamente as peças seleccionadas, recorremos aos trabalhos de Casina Isings (Isings, 1957), de Mário Dias da Cruz (Cruz, 2009) e Jeannette Nolen (Nolen, 1994).

No Quadro 2, apresentamos a descrição das principais formas identificadas. A sua representação gráfica encontra-se na (Figura 14).

A presença destes fragmentos indicará tratar-se de material para reciclagem e produção secundária de vidro, ainda que, no actual estado do conhecimento, não existam outros dados que comprovem que tal tenha sucedido no Porto dos Cacos. Com base na cronologia dos vidros, que se afigura coesa, pode situar-se o *terminus post quem* desta Camada no século V.

3.1.2. CAMADA 2

Camada onde se implanta a necrópole, arenosa, de cor branca amarelada, descrita como “muito fina” ou simplesmente “areia”, tem espessura média próxima dos 50 cm, ainda que com alguma variabilidade. Na generalidade da sua extensão e potência, fornece muito pouco espólio (inexistente ou quase), tendo sido referida na altura como “estéril”. Não foi possível, durante a escavação, distinguir estratigraficamente os momentos correspondentes à implantação das sepulturas, uma vez que estas estão

⁴ Não é nossa pretensão realizar um estudo aprofundado sobre os vidros, em termos tipológicos, funcionais, de tecnologia de fabrico, ou outros aspectos fundamentais para o conhecimento mais profundo desta realidade. Pretendemos, isso sim, fazer referência a um aspecto relevante do Porto dos Cacos e da sua necrópole, seguramente importantes no estabelecimento da diacronia de ocupação deste lugar.

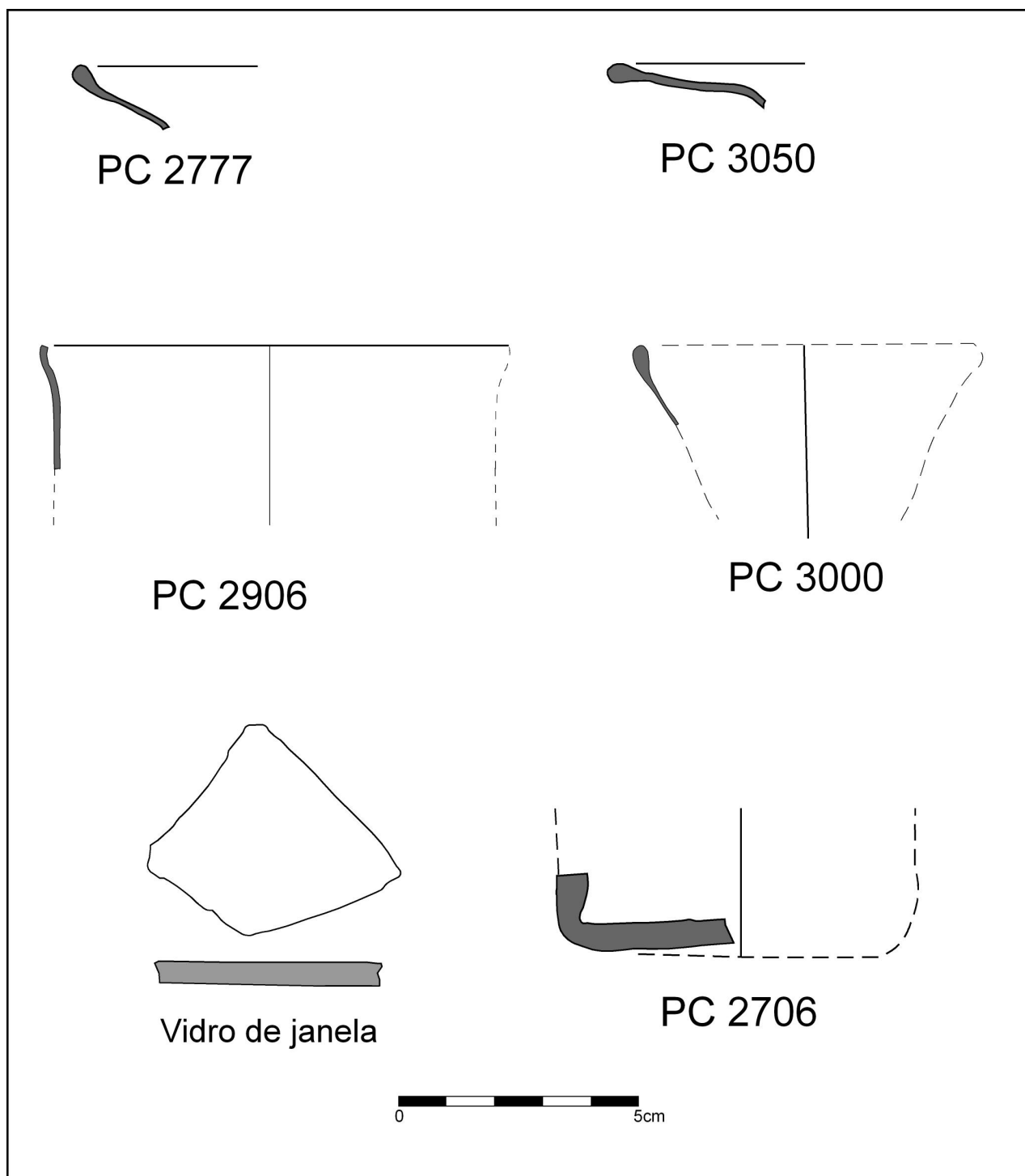


Figura 14— Tipos de vidros identificados na Camada 1.

preenchidas pelo sedimento geológico natural. No entanto, é a esta camada que se encontram associadas as tampas e caixas das sepulturas e o seu preenchimento.

Na Camada 2, se excluídos os contextos específicos de cada sepultura, verifica-se a ausência quase total de fragmentos de vidro, reduzidos a vestígios estatisticamente residuais. Na realidade, o pouco espólio encontrado nesta camada parece ter origem em fenómenos tafonómicos naturais, por acção de animais e/ou de raízes, resultando na sua contaminação a partir de estratos mais superficiais. Também assim se interpreta a presença de uma moeda visigótica (Figura 15), encontrada no quadrado M 57 (SO). Trata-se de um *tremisse* ou triente cunhado em Mérida no reinado conjunto de Egica e Vitiza (698-702). No anverso estão representadas duas figuras afrontadas (Égica e Vitiza), ostentando entre elas um bastão encimado pela cruz patada. Pode ler-se: INDNMEbEAP. No reverso, figura o monograma de Mérida com a seguinte legenda: INDNMEVVITTIZAP. Tem como composição 57,9% de prata, 39,4% de ouro e 2,7% de cobre (Marques, Peixoto, e Marinho, 1995).

Pode ler-se no caderno de campo que a moeda surge no Plano 3, Camada 182, descrita como “terra branca/alaranjada, desprovida de material, excepto uma moeda”. Cruzando esta informação com a da ficha de camada respectiva, podemos ver que a localização exacta da peça (X,Y, Z) não foi estabelecida (estava na terra já revolvida), mas foi possível definir com segurança uma área provável de origem. Altimetricamente, surge entre Z=-56 cm e Z=-76cm, relativamente à cota de superfície da quadrícula. Como referido anteriormente em relação ao espólio desta camada, a presença da moeda na mesma poderá ser explicada por fenómenos tafonómicos que a terão feito migrar de níveis superiores, embora os vestígios desse fenómeno não tenham sido identificados em escavação.

Um outro elemento visigótico foi encontrado durante a limpeza de um dos cortes do quadrado M56, um anel (Sabrosa, 1996) de aro rectangular e engaste unido ao aro por um coração (Figura 16).

O Quadro 3 sintetiza o espólio recolhido na Camada 2.

3.1.3. CAMADA 3

Unidade geológica onde também foram escavadas algumas das caixas das sepulturas. Trata-se de areão grosseiro, de cor alaranjada, muito compacto, contendo muitos minerais de ferro.





Figura 15—Moeda visigótica



Figura 16—Anel visigótico

Quadrado	Cerâmica	Moeda	Outros
K 53	Fundo ânfora		
K 54(O)	Bordo ânfora		
K 55(S)	26 fragmentos de vidro (6 bordos e 19 indiferenciados)		
M 57(SO)		Cam. 184 – Moeda visigótica em ouro, cunhada no reinado de <i>Égica</i> / <i>Witiza</i> . PC 3510	.

Quadro 3— Espólio identificado na Camada 2.

Da análise da estratigrafia poderá concluir-se que as camadas 2 e 3 representam os depósitos onde foram abertas as valas das sepulturas, no momento de utilização deste espaço enquanto necrópole. A Camada 1 corresponde a uma nova fase de ocupação do espaço, após o seu abandono como necrópole, no século V ou em data posterior. Pontualmente, verificam-se incorporações, antrópicas e/ou tafonómicas, de cronologia posterior, até época visigótica. Estes vestígios, que se concentram na mesma área da escavação, os quadrados M56 e M 57 (SO), poderão corresponder a uma ocupação coeva no Porto dos Cacos, ainda não documentada *in situ*.

3.2. TIPOLOGIA DAS SEPULTURAS

Ainda em fase de escavação, foi possível constatar a grande homogeneidade da necrópole ao nível da arquitectura das sepulturas, tanto na forma como nos materiais empregues na sua construção.

A tipologia construtiva pode ser um bom indicador cronológico, embora as fossas simples tenham existido em todas as épocas (Del Amo, 1979). As sepulturas estruturadas com tijoleira surgem a partir do século IV ao século VI, enquanto as sepulturas cobertas com *tegulae* em duas águas ou dupla vertente, de clara tradição romana, surgem na segunda metade do século IV até meados do século V. As sepulturas cobertas com *tegulae* na horizontal são datadas por Del Amo entre os séculos III e o século V (Del Amo, 1979).

As sepulturas de *mensa*, com paralelos em Tipasa, o norte de África são datadas entre os finais do século IV e inícios do século V (Caparrós e Reverte, 1995).

A sistematização apresentada por Armando Sabrosa (Sabrosa, 1996) inclui cinco grupos principais de sepulcros, por sua vez divididos em subgrupos, assim caracterizados:

Grupo A – inclui as sepulturas de caixa construída com tijoleiras. Divide-se em três subgrupos: **Subgrupo A.1.** – caixa em tijoleira, sem revestimento do fundo, cobertura em duas águas. Este subgrupo abrange as sepulturas 1, 3, 5, 6, 8, 12, 24, 30 e 33; **Subgrupo A.2.** – idêntico a A.1, mas com fundo da caixa revestido com tijoleira. Abrange as sepulturas 2 e 16; **Subgrupo A.3.** – sem caixa estruturada, limitando-se a vala aberta no solo, coberta por tijoleira em duas águas. Fazem parte deste subgrupo as sepulturas 14 e 31.



Grupo B - inclui as sepulturas de caixa construída com *tegulae*. Divide-se em três subgrupos: **Subgrupo B.1** – sem caixa estruturada, vala simples aberta no solo, coberta com *tegulae* colocadas horizontalmente. Faz parte deste subgrupo a sepultura 10; **Subgrupo B.2.** – idêntico a B.1, mas com cobertura em duas águas. Inclui a sepultura 32; **Subgrupo B.3.** – caixa revestida lateralmente com *tegulae*, sem fundo. Inclui as sepulturas 7 e 36.

Grupos C – neste grupo incluem-se as sepulturas em valas simples. Fazem parte deste grupo as sepulturas 15, 25, 26 e 27.

Grupo D – Valas simples, cobertas com ânforas dispostas horizontalmente, lado a lado mas com orientação das bocas e fundos alternada. Fazem parte deste grupo as sepulturas 23, 28 e 29.

Grupo E – inclui a estrutura sepulcral mais complexa da necrópole, sepultura 37: vala aberta no solo, estruturada lateralmente com tijolos sobrepostos e coberta por falsa cúpula, também em tijolo; acima desta estrutura, uma cobertura com pedras, eventualmente rematada com camada de *opus signinum*.

A esta sistematização achamos pertinentes algumas alterações, tendo por princípio abordar em primeiro lugar as estruturas mais simples e depois as mais complexas. Partindo deste pressuposto, consideramos que se deverá proceder às seguintes alterações:

1. Em primeiro lugar, deverá constar o Grupo C, correspondente às estruturas mais simples identificadas no Porto dos Cacos. Assim, o Grupo C de Armando Sabrosa deverá passar a ser o Grupo A;
2. Dentro do antigo Grupo A, deverá alterar-se a ordem dos subgrupos, tendo por base o mesmo pressuposto. Assim, o Subgrupo A.3. deverá passar a ser o Subgrupo A.1., por incluir as estruturas mais simples deste grupo;
3. O Grupo D deverá passar a ser o Grupo B, uma vez que se trata de estruturas mais simples do que as incluídas nos antigos Grupo A e Grupo B.

Deste modo, os grupos de sepulturas passarão a descrever-se da seguinte maneira (Figura 17):

Grupo A – Sepultura em vala simples, não estruturada. Inclui as sepulturas 15, 25, 26 e 27.

Grupo B – Sepultura em valas simples, cobertas com ânforas dispostas horizontalmente, lado a lado mas com orientação das bocas e fundos alternada. Inclui as sepulturas 23, 28 e 29. Tem paralelos em sepultura da necrópole da Torrinha, que apresenta características materiais/rituais semelhantes (Barbosa e Aldana, 2005).

Grupo C – Sepultura com vala ou cobertura estruturada com tijoleira. Divide-se em três subgrupos: **Subgrupo C.1.** – sepultura em vala simples, coberta por tijoleira em duas águas. Inclui as sepulturas 14 e 31. **Subgrupo C.2.** – sepultura idêntica a C.1, mas com a caixa estruturada em tijoleira, à excepção do fundo. Inclui as sepulturas 1, 3, 5, 6, 8, 12, 20, 24, 30 e 33; **Subgrupo C.3.** – sepultura idêntica a C.2, mas com o fundo revestido a tijoleira. Inclui as sepulturas 2 e 16. As tijoleiras são do tipo *longum pedale*, com dimensões equivalentes a pé e meio romano de comprimento por um pé de largura (41,7 x 31,5 x 4,5 cm) (Delgado, Morais e Ribeiro, 2009, p. 120).

Grupo D – Sepultura com vala ou cobertura estruturada com *tegulae*. Divide-se em três subgrupos: **Subgrupo D.1** – sepultura em vala simples, coberta por *tegulae* colocadas horizontalmente. Inclui a sepultura 10; **Subgrupo D.2.** – Idêntica a D.1, mas com cobertura em duas águas. Inclui a sepultura 32; **Subgrupo D.3.** – sepultura com caixa estruturada com *tegulae*, à excepção do fundo, com o mesmo material em cobertura de duas águas. Inclui as sepulturas 7 e 36.

Grupo E – Vala aberta no solo, estruturada lateralmente com tijolos sobrepostos e coberta por falsa cúpula, também em tijolo; acima desta estrutura, uma cobertura com pedras, eventualmente rematada com camada de *opus signinum*. Inclui a sepultura 37, que, por comparação com estruturas semelhantes, será um sepulcro do tipo *mensa*. É uma estrutura coeva das mensae de Tróia, Grândola (Almeida, Paixão e Paixão, 1978) e Cartagena, Espanha (Caparrós e Reverte, 1995).

Em termos de número de estruturas, verifica-se a seguinte distribuição (Figura 18):

Grupo A – 4 sepulturas

Grupo B – 3 sepulturas

Grupo C – 13 sepulturas (2 no Subgrupo C.1., 9 no Subgrupo C.2. e 2 no Subgrupo C.3.).



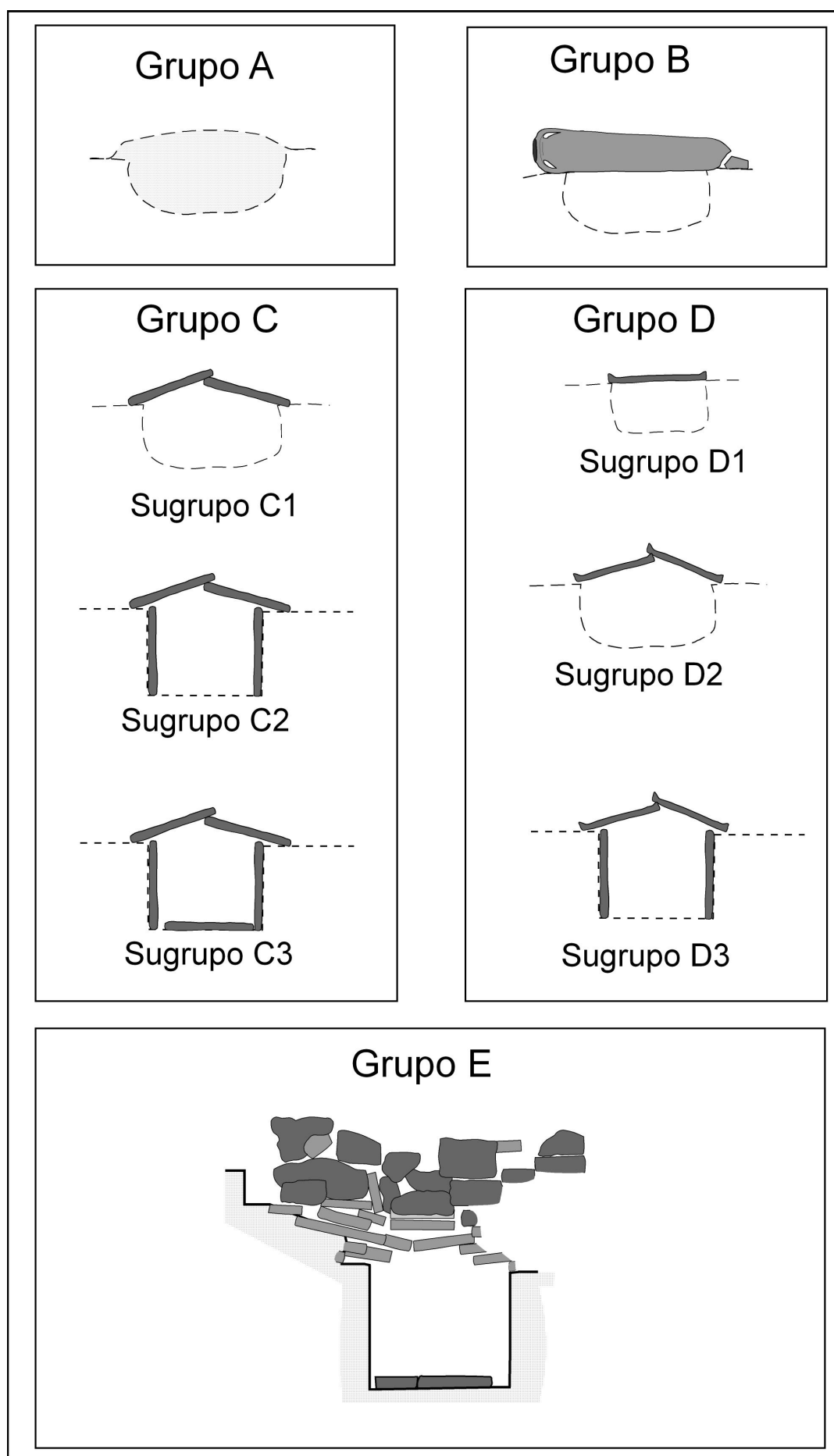


Figura 19— Grupos de sepulturas

Grupo D – 4 sepulturas (1 no Subgrupo D.1., 1 no Subgrupo D.2. e 2 no Subgrupo D.3.).

Grupo E – 1 sepultura

Os diferentes grupos distribuem-se espacialmente como se representa na Figura 19, tendo-se associado a cada grupo e subgrupo uma determinada cor.

3.3. MOBILIÁRIO FUNERÁRIO

Os objectos colocados aquando do enterramento podem ser interpretados como artigos pertencentes ao defunto, que reflectem a sua actividade ou carácter, ou como oferendas dos vivos, com significados que variam entre prover os mortos de meios de subsistência no Além, até formas de evitar que os mesmos regressem ao mundo dos vivos (Pearson, 1999, p.7). Os bens mais comuns são os recipientes para preparação e consumo de comida e de bebida, em cerâmica e vidro, as moedas, as lamparinas, as ferramentas e armas, as roupas e acessórios.

A loiça de cozinha e de mesa é amiúde interpretada de forma literal, para servir refeições que acompanhem a alma do morto até ao Além. A moeda (ou moedas) pagaria a Caronte essa viagem até ao seu destino final, enquanto a lucerna pode ter duplo sentido, isto é, iluminando o caminho ou simbolizando a luz da vida eterna. Os objectos pessoais, armas e ferramentas, podem auxiliar o falecido na sua nova vida, mas também ser interpretados como uma recordação do que este foi em vida (Vaquerizo, 2001).

Muitas outras oferendas poderão ter existido, sem deixar registo arqueológico, como flores e comida, entre outras.

De modo a caracterizar individualmente cada sepultura do Porto dos Cacos, recorreremos à caracterização/estudo do mobiliário funerário identificado.

O mobiliário funerário é constituído por quatro categorias de artefactos: cerâmica, metal (utensilagem), moedas, vidro (recipientes e adornos).

3.3.1. CERÂMICA

Através da observação macroscópica com recurso a lupa manual, definimos os grupos técnicos de fabrico, entendendo-se estes como “(...) um conjunto de peças cujas pastas, de acordo com a observação macroscópica, têm características semelhantes a nível de composição mineralógica, natureza, percentagem e proporções relativas dos



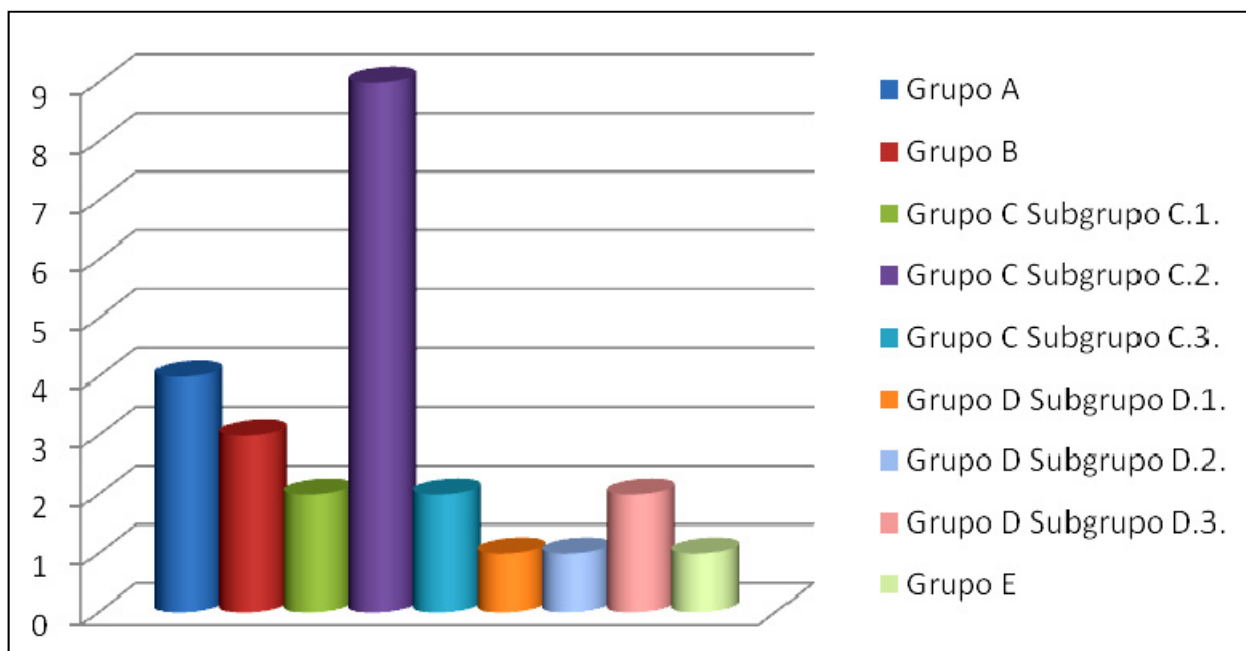


Figura 18— Distribuição do número de sepulturas por grupos e subgrupos.

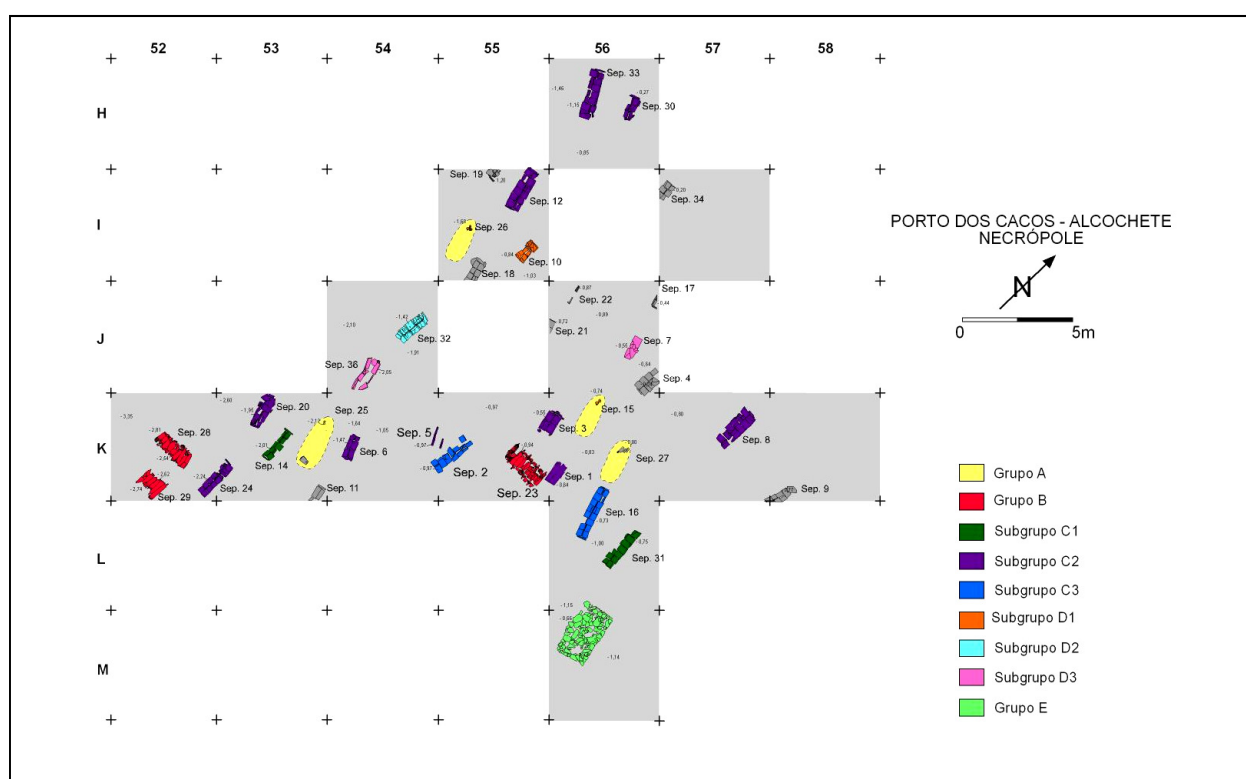


Figura 19— Distribuição espacial das sepulturas por grupos.

diferentes tipos de inclusões, textura e cozedura, o que significa que foram feitas com o mesmo tipo de argila que foi preparada e cozida sensivelmente da mesma maneira” (Pinto, 2003, p. 67). A distribuição das peças por grupos técnicos de fabrico considerou os seguintes indicadores:

- Matriz da cerâmica (caulinítica, calcária e não-calcária);
- Técnica de conformação (manual, a torno lento, a torno rápido e molde);
- Condições de cozedura (Heterogénea ou Modo A, Redutora ou Modo B e Oxidante ou Modo C);
- Textura da pasta (fina, média, grosseira e muito grosseira);
- Tipo, forma, frequência e dimensão das inclusões;
- Acabamento de superfície (alisamento; aguada, engobe não vitrificado; polimento);
- Dureza, com base na versão simplificada da escala de Mohs: pasta branda (dureza de grau 1 – é riscada pela unha); pasta dura (dureza de grau 4 – é riscada pelo canivete) e pasta muito dura (dureza superior a grau 4 – não é riscada pelo canivete);
- Cor do cerne e da superfície, tendo por base o código de cores *Munsell Soil Color Charts* (1994);
- Sensação ao toque (áspero, rugoso, pulverulento e saponáceo).

Com base nestes critérios, foram identificados quatro grupos de fabrico, assim caracterizados:

Grupo 1: argila não calcária, conformada a torno rápido (embora se incluam aqui as lucernas, produzidas a molde), cozida em condições heterogéneas ou modo A. Como inclusões identificaram-se maioritariamente quartzo, feldspato e micas (moscovite), de dimensão grande (entre 3 cm e 5 cm, no caso dos dois primeiros), que conferem à pasta uma textura grosseira. Em menor proporção, identificaram-se também cerâmica triturada e nódulos de ferro. O acabamento de superfície é variável, não tendo sido considerado como factor determinante no estabelecimento dos grupos de fabrico. São pastas duras e de sensação ao toque variável.

Verifica-se um maior cuidado nas peças "finas" (alguns dos potinhos), com pastas mais depuradas, mantendo-se no entanto as características gerais que marcam este grupo.



Distinguem-se, pela qualidade das pastas e pelo tratamento de superfície, as peças PC 2703, PC 2704, PC 3100, PC 3625, PC 3900 e PC 3911.

A peça PC 3899 difere das restantes por apresentar o cerne da pasta enegrecido, revelador da presença de maior quantidade de matéria orgânica.

Distinguem-se pela técnica de conformação as lucernas, produzidas a molde (PC 3904; PC 3905; PC 3626).

As peças incluídas neste grupo técnico são de fabrico local/regional.

Grupo 2: argila calcária, produzida a torno rápido, com cozedura heterogénea. São pastas de textura fina, com inclusões de pequenas dimensões (identificados quartzo e micas), brandas e por vezes pulverulentas ao toque. A cor do cerne não difere da cor da superfície, variando entre os tons claros de bege e amarelo (2.5 Y 8/1 ou 8/2).

As peças incluídas neste grupo técnico poderão corresponder a produções da Bética.

Grupo 3: Terra *sigillata* clara C, caracterizada por pastas depuradas e engobe muito fino, macio e brilhante (Hayes, 1972, p. 289).

De origem no norte de África, a sua produção terá tido início no século III, mantendo-se até ao século V.

Grupo 4: Terra *sigillata* clara D, caracterizada por pastas de fabrico mais grosseiro do que as do Grupo 3. O engobe não cobre a parte exterior das peças, é pouco lustroso ou baço, com textura por vezes semelhante à casca de laranja, de coloração rosada (Hayes, 1972, p. 291).

Este fabrico foi produzido de inícios do século IV a meados do século VII.

Deverá realçar-se que não é objectivo principal deste trabalho o estudo exaustivo das produções cerâmicas. Pretende-se, principalmente, a identificação de paralelos, em termos morfológicos, em realidades culturais e geográficas próximas, com o intuito de obter uma cronologia tão precisa quanto possível da necrópole em estudo. A divisão em grupos técnicos de fabrico visa igualmente identificar a origem das produções cerâmicas e o nível de interacção cultural e comercial entre o Porto dos Cacos e outras realidades coevas.



3.3.2. METAIS

As peças deste conjunto foram divididas de acordo com dois critérios: o tipo de metal e a sua função. Quanto ao primeiro, identificaram-se três grandes grupos: ouro, cobre e ferro. No que respeita à função, dividimos os metais em:

- Moedas;
- Objectos de uso pessoal: anéis, elementos de vestuário;
- Objectos de uso quotidiano: acessórios de cozinha (facas);
- Armas: pontas de lança, machados, punhais.

Constatámos que grande parte do espólio em metal se encontrava tratado. Havia, no entanto, um conjunto de peças classificado como “indeterminado”, blocos em ferro de forma indefinida e muito oxidados, que permaneciam por identificar. No depósito do CAA conseguimos localizar um destes objectos, com o número de inventário PC 3918, recolhido na sepultura 24, que foi submetido a radiografia digital com a colaboração de Sara Fragoso, do Laboratório de Metais do Departamento de Conservação e Restauro da Universidade Nova de Lisboa. O resultado foi uma imagem nítida, que revelou não uma mas duas peças, pontas de lança, cuja descrição é feita no Capítulo 4.

Dois grupos de pequenas tachas, levantados em bloco aquando da escavação (um deles permanecia ainda hoje consolidado com Paraloid B52 e revestido com gase), foram igualmente submetidos a RX Digital, com o objectivo de perceber se a posição relativa das tachas daria indicações acerca da sua função. Procurámos igualmente perceber qual o metal usado na sua produção, uma vez que, macroscopicamente, parecia evidente que a cabeça, enegrecida e com pequenas erupções, seria de um material diferente do resto da peça. As tachas foram submetidas a um processo de Microfluorescência de Rx por energias depressivas, que revelou a verdadeira composição das peças: espigão em ferro e cabeça num composto ferroso muito rico em silício e potássio. A riqueza em químicos orgânicos poderá ser explicada pela exposição desta parte das peças aos fluidos orgânicos do corpo em decomposição, de acordo com a explicação avançada por Sara Fragoso.

3.3.3. VIDROS

Os vidros foram divididos de acordo com a sua função em:

- Peças de adorno (medalhas e contas de colar);
- Peças de uso quotidiano (taças, copos...)



As peças de uso quotidiano encontram-se referidas no ponto III.1.1, aquando da caracterização da Camada 1 e do seu espólio.

Nos objectos de adorno incluem-se contas oculadas e pendentes. O vidro, enquanto objecto de adorno, serve muitas vezes para imitar peças preciosas ou semi-preciosas, tornando o seu custo mais acessível a um número maior de pessoas. É comum associar este tipo de objectos a indivíduos do sexo feminino, associação que deve ser feita com precaução, à falta de outros dados menos ambíguos. A sua fragilidade faz igualmente pensar que não seriam objectos de uso no dia-a-dia, mas sim de uso esporádico, em ocasiões rituais ou outras, maioritariamente por grupos sociais privilegiados (Cruz, 2009).

4. CATÁLOGO

Neste ponto iremos descrever individualmente cada sepultura, tendo em conta a sua arquitectura (forma e materiais usados), dimensões, orientação, tipo de ritual funerário (nos casos em que existe registo osteológico ou outro tipo de informação), bem como o mobiliário funerário, com caracterização pormenorizada de cada elemento. As sepulturas 4, 9, 11, 13, 17, 18, 19, 21, 34 e 35 não se encontram descritas porque foram somente identificadas, mas não chegaram a ser escavadas. No entanto, apresentam coberturas que as integram nos grupos C ou D.

4.1. SEPULTURA 1

Grupo – C; Subgrupo – C.2.

Arquitectura – Caixa rectangular escavada no substrato, revestida lateralmente com duas tijoleiras rectangulares colocadas na vertical, apoiadas no lado maior, e uma em cada extremidade, na mesma posição. Apresenta alguns fragmentos de tijoleira mais pequenos na extremidade norte. O fundo é o próprio substrato onde a sepultura foi escavada. A cobertura em duas águas é composta por dois pares de tijoleiras. (Figura 20); (Anexo 2: Ilustrações 1 e 2).

Dimensões – Comprimento: 95 cm; largura: 45 cm; Altura: cerca de 30 cm

Orientação – Norte/Sul

Ritual funerário – Inumação

Mobiliário funerário – inexistente



Interpretação – Pela comprimento inferior a 1m, coloca-se a hipótese de se tratar da sepultura de uma criança/jovem.

Cronologia – Séculos IV-V, com base na cronologia geral proposta para a necrópole.

4.2 SEPULTURA 2

Grupo - C; Subgrupo – C.3.

Caixa rectangular escavada no substrato, revestida lateralmente com quatro tijoleiras e meia, apoiadas no lado maior, e uma em cada extremidade, na mesma posição. O fundo é constituído por sete tijoleiras quase completas e por alguns fragmentos menores que o ajudam a preencher. A cobertura em duas águas é composta por sete pares de tijoleiras. (Figura 21).

Dimensões da caixa – Comprimento: cerca de 200 cm; largura: cerca de 45 cm; Altura: cerca de 30 cm

Orientação – Norte/Sul

Ritual funerário – Inumação

Mobiliário funerário

Tigela (PC 2704)

Tigela em cerâmica comum de bordo voltado para o exterior boleado, de parede contracurvada com carena pouco pronunciada a meia altura e fundo com pé plano, destacado. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 22).

Dimensões: Altura - 6,5 cm; Diâmetro do bordo - 13 cm; diâmetro do fundo – 5,7 cm.

Tipologia e paralelos - Quinta do Rouxinol, Tipo 1.3.4.3 (Santos, 2011, p. 63, estampa VIII); São Cucufate tipo III-C-5 (Pinto, 200, p. 245-246).

Cronologia – Meados de século III

Localização – a meio da sepultura, à direita do defunto.

Interpretação – Pelas dimensões da caixa, comprimento de cerca de 2m será de supor ser um enterramento de um adulto, de sexo indeterminado.

Cronologia – Séculos IV - V d.C., com base na cronologia geral da necrópole.

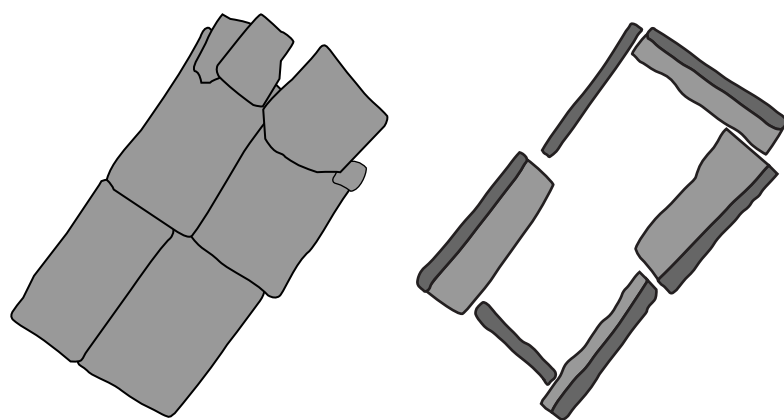


Figura 20 - Sepultura 1

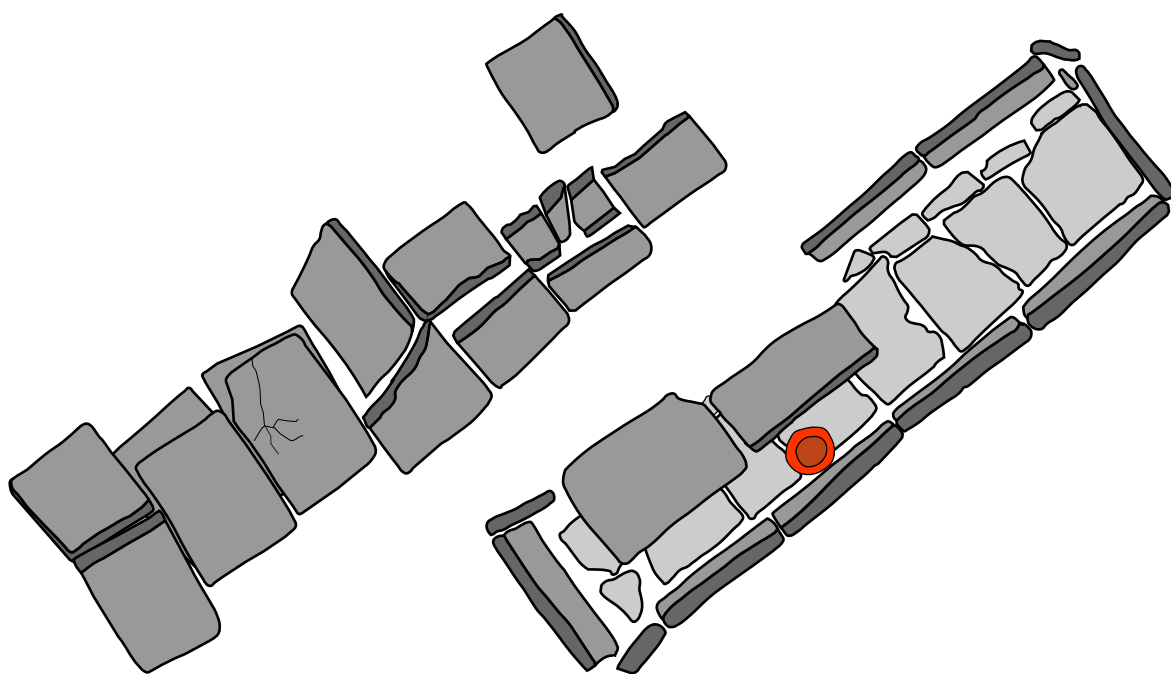
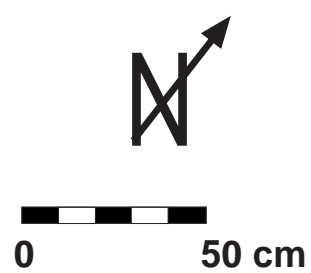


Figura 21 - Sepultura 2



4.3. SEPULTURA 3

Grupo – C ; Subgrupo - C.2.

Arquitetura – Caixa rectangular escavada no substrato, revestida lateralmente com duas tijoleiras rectangulares colocadas na vertical, apoiadas no lado maior, e uma em cada extremidade, na mesma posição. O fundo é o próprio substrato onde a sepultura foi escavada. A cobertura em duas águas é composta por dois pares de tijoleiras, com alguns fragmentos de tijoleira mais pequenos na extremidade norte. Todas as tijoleiras desta sepultura apresentam uma marca em forma de C. (Figura 23)

Dimensões – Comprimento: 95 cm; largura: 45 cm; Altura: cerca de 42 cm

Orientação – Norte/Sul

Rituais funerários – Inumação

Mobiliário funerário

Potinho (PC 2703)

Potinho em cerâmica comum de bordo alto e oblíquo, pança larga ovóide, com duas asas finas. Como tratamento exterior foi polida e tem um engobe/aguada branco que parece imitar reflexos metálicos. Carena ao nível das asas e fundo plano. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 24)

Dimensões: Altura: 9,2 cm; Diâmetro do bordo: 8,85 cm; Diâmetro do fundo: 4,1 cm.

Tipologia e paralelos - São Cucufate, Tipo X-A-8 (Pinto, 2003, p. 408, fig. 423)

Cronologia – Finais séc. III/ Inícios séc. IV

Localização – Aos pés do defunto.

Lucerna (PC 2705)

Disco circular separado da orla por uma moldura, com orifício de alimentação próximo da asa. Orla decorada com 6 cachos de uva. Na moldura Fortuna sentada, à esquerda, em tamborete de pernas torneadas. Na mão esquerda segura uma cornucópia e a mão direita apoiada sobre um remo. Veste *peplos* ou *xiton* drapeado cujas pregas vincam o corpo (Martín, 2002; p. 70, Fig. V nº 68 e 69). Fundo circular plano, com palma rodeada por 2 círculos concêntricos. Bico arredondado e asa sobrelevada. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 25)

Dimensões: Altura - 4 cm; Comprimento - 12 cm; Largura – 9 cm.

Tipologia: Dressel 30; Deneauve VIII B (Martín, 2002, p. 36, Lam. XVII nº 74 e nº 77)

Paralelos – Mérida (Martín, 2002)

Cronologia – Séculos III-IV d.C.



Localização – Aos pés do defunto.

Conta (PC 3086) (Figura 26)

Conta de colar em vidro azul

Conta (PC 3087)

Conta de colar em vidro azul, reaproveitamento de um bordo.

Conta (PC 3088)

Conta de colar em vidro verde

Conta (PC 3089)

Conta de colar em vidro azul claro

Conta (PC 3090)

Conta de colar em vidro azul

Conta (PC 3091)

Conta de colar em vidro verde

Interpretação – Pelas dimensões da sepultura, comprimento inferior a 1m, deverá pôr-se a hipótese de se tratar de uma criança. Poderá igualmente equacionar-se, com muitas reservas, tratar-se de uma sepultura feminina devido à presença das contas, consideradas como ornamentos pessoais femininos, não sendo no entanto uma questão consensual.

Cronologia – Apesar de a lucerna apontar para uma cronologia entre os séculos III e IV, pelo enquadramento da sepultura na necrópole consideramos datá-la entre os séculos IV e V.

4.4. SEPULTURA 5

Grupo – C ; **Subgrupo** - C.2.

Arquitectura – Caixa rectangular escavada no substrato, revestida lateralmente com tijoleiras rectangulares colocadas na vertical, apoiadas no lado maior, e outras nas extremidades, na mesma posição. O fundo é o próprio substrato onde a sepultura foi escavada. Parcialmente destruída pela construção da sepultura 2, subsistiram apenas três tijoleiras laterais da caixa, duas a oeste e uma a este. (Figura 27)

Dimensões – Indeterminadas

Orientação – Noroeste/Sudeste

Rituais funerários – Inumação





Figura 22 - PC 2704

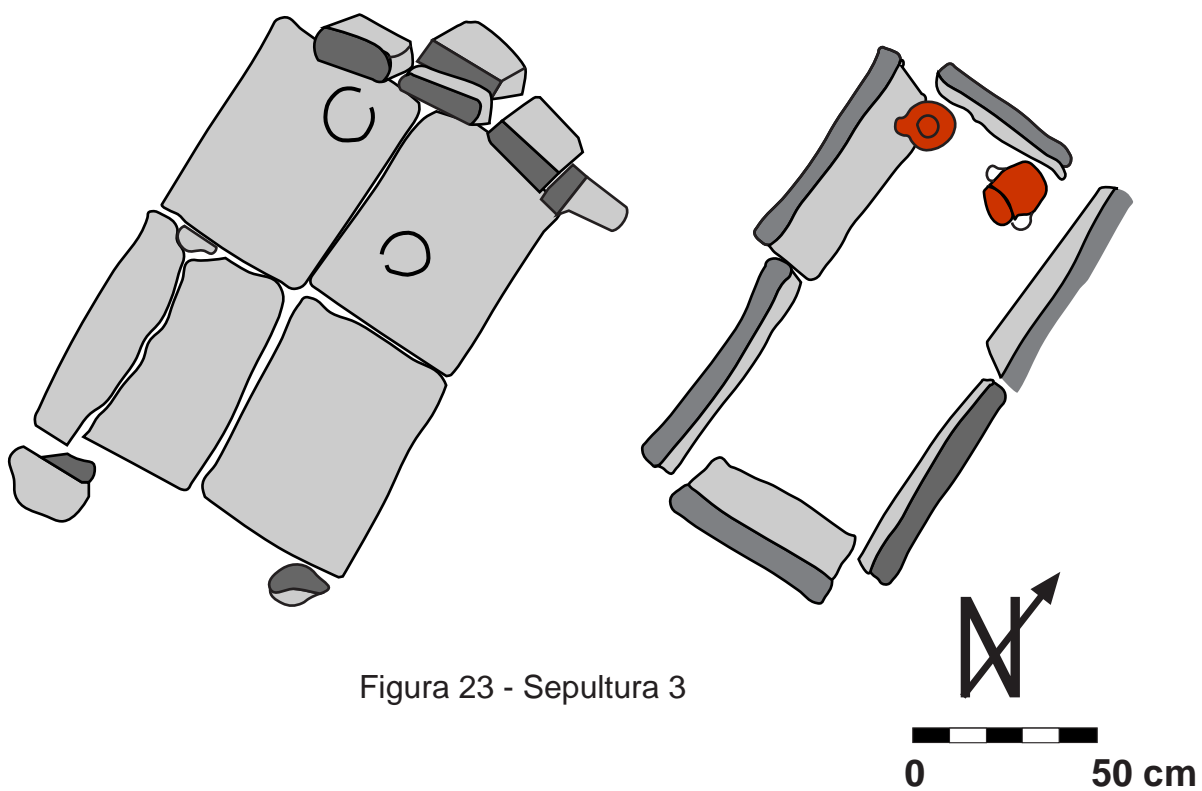


Figura 23 - Sepultura 3

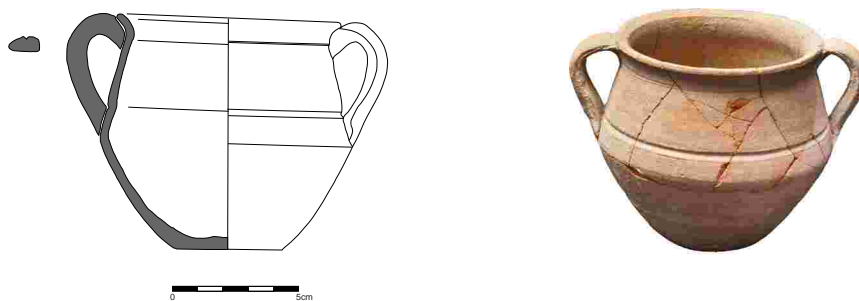


Figura 24 - PC 2703

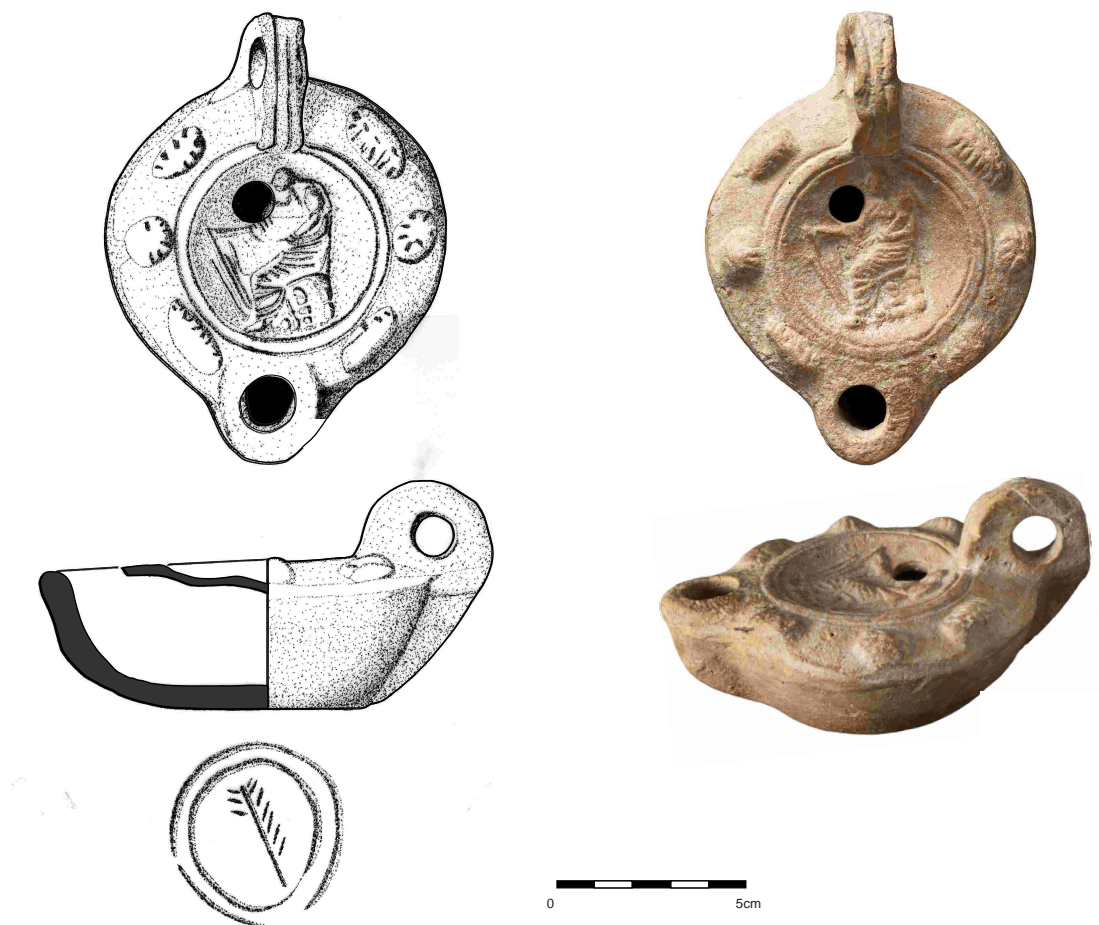


Figura 25 - PC 2705



Figura 26 - PC 3086 a
PC 3091

Mobiliário funerário - Inexistente

Interpretação – Pouco se pode dizer relativamente a esta sepultura, quase totalmente destruída.

Cronologia – Séculos IV-V, com base na cronologia geral proposta para a necrópole.

4.5. SEPULTURA 6

Grupo – C ; **Subgrupo** - C.2.

Arquitectura – Caixa rectangular escavada no substrato, revestida lateralmente com duas tijoleiras rectangulares e meia colocadas na vertical, apoiadas no lado maior, e uma em cada extremidade, na mesma posição. O fundo é o próprio substrato onde a sepultura foi escavada. A cobertura em duas águas é composta por dois pares de tijoleiras, com alguns fragmentos de menor dimensão em ambas as extremidades. (Figura 28); (Anexo 2: Ilustrações 3 e 4)

Dimensões – Comprimento: 110 cm; largura: 45 cm; Altura: cerca de 30 cm

Orientação – Norte/Sul

Rituais funerários – Inumação

Mobiliário funerário

Bilha (PC 3896)

Bilha em cerâmica comum de bojo ovóide, base larga e bordo apurado em forma de "L". Pasta grosseira, com muitas inclusões de dimensão média/grosseira. Superfície alisada, com engobe /aguada. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 29)

Dimensões: Altura: 15 cm; Diâmetro do bordo: 4 cm; diâmetro do fundo: 5,2 cm.

Tipologia e paralelos - Quinta do Rouxinol, Tipo 2.5.13.2.1. (Santos, 2011, pp. 92-93; Estampa XXX); Forma 1-j (Nolen, 1985, p. 41-42); (Sánchez Sánchez, 1992, p. 46, fig. 10, n.º 52);

Cronologia – Séculos III/IV

Localização – aos pés do defunto.

Moeda de IVLIANVS ou GRATIANVS (Sabrosa, 1996)

Cronologia – 360/363 ou 367/383

Localização – Aos pés do defunto.

Interpretação – Pelas dimensões, comprimento pouco superior a 1m, deverá pôr-se a hipótese de se tratar de uma criança ou jovem.



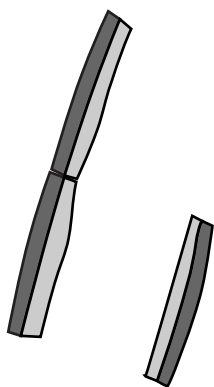


Figura 27 - Sepultura 5

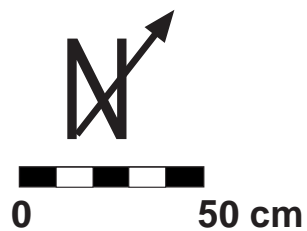
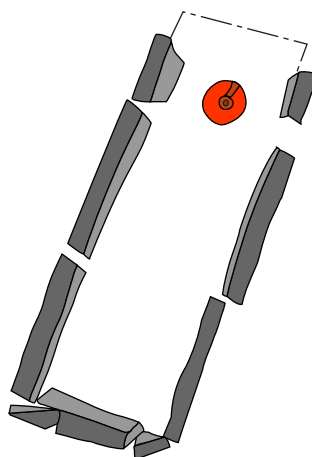
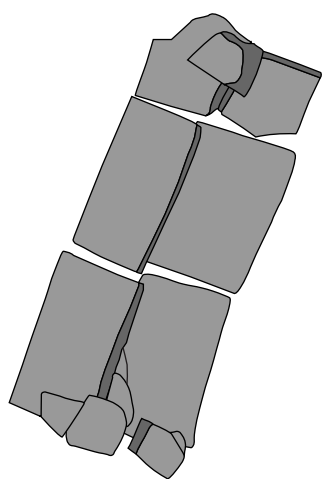


Figura 28 - Sepultura 6

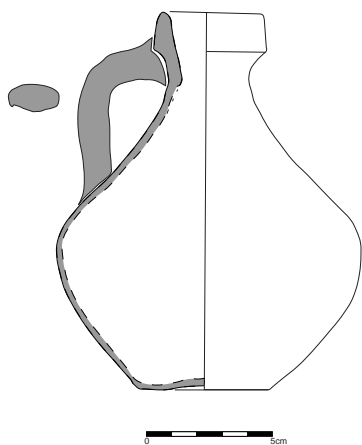


Figura 29 - PC 3896

Cronologia – Finais de século IV, com base no numisma.

4.6 SEPULTURA 7

Grupo – D; **Subgrupo** – D.3.

Arquitetura: Caixa rectangular escavada no substrato, revestida lateralmente com duas *tegulae* colocadas na vertical, apoiadas no lado maior, e duas paralelas em cada extremidade. O fundo é o próprio substrato onde a sepultura foi escavada. A cobertura em duas águas é composta por dois pares de *tegulae*, com alguns fragmentos de menor dimensão em ambas as extremidades. (Figura 30); (Anexo 2: Ilustração 5)

Dimensões: Comprimento: 120 cm; largura: 42 cm; Altura: 33 cm

Orientação: Norte/Sul

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário

Bilha (PC 3506) (Figura 31)

Bilha em cerâmica comum de bocal trilobado, com asa no eixo do vertedor, de corpo ovóide e fundo plano. Grupo técnico de fabrico 1.

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol, Tipo 2.5.14.1 (Santos, 2011, p. 94, Est. XXXI); São Cucufate tipo XII-A-fr.22 (Pinto, 2003, p. 434); Tipo 7-b (Nolen, 1985, pp. 59-60);

Cronologia: Séculos III/IV

Dimensões: Altura: 18 cm; Diâmetro do bordo: 7 cm; diâmetro do fundo: 7,4cm.

Localização: Aos pés do defunto.

Tigela (PC 3507)

Tigela em cerâmica comum de bordo direito boleado, biselado, de corpo hemisférico e fundo plano. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 32)

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol Tipo 1.3.2.1 (Santos, 2011, p. 60, Est. VI); S. Cucufate tipo III-A-1 (Pinto, 2003, p. 221).

Cronologia: Embora as cronologias propostas para esta peça sejam entre finais do século II até ao século IV, pelo enquadramento no conjunto da necrópole deverá datar do século IV.

Dimensões – Altura: 6,1 cm; Diâmetro bordo: 14,5 cm; diâmetro do fundo: 6,5 cm.

Localização: Aos pés do defunto.



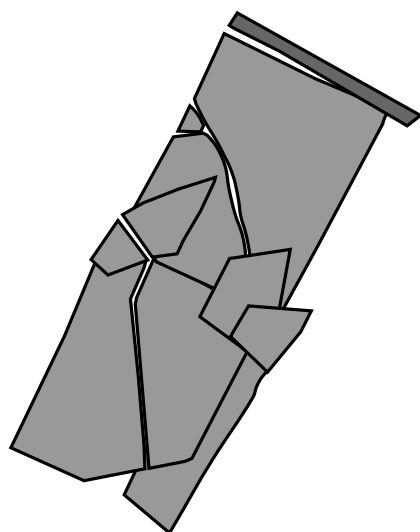


Figura 30 - Sepultura 7

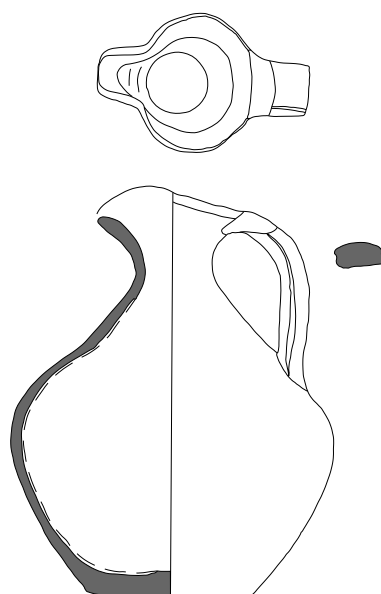
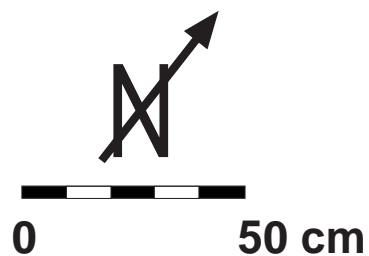
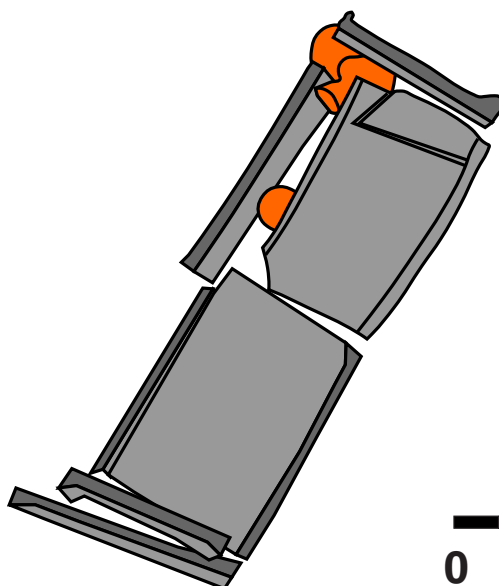


Figura 31 - PC 3506

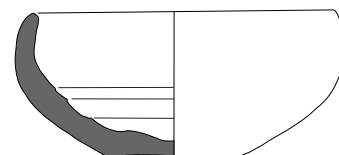


Figura 32 - PC 3817

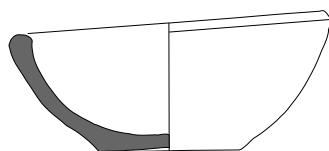


Figura 33 - PC 3507

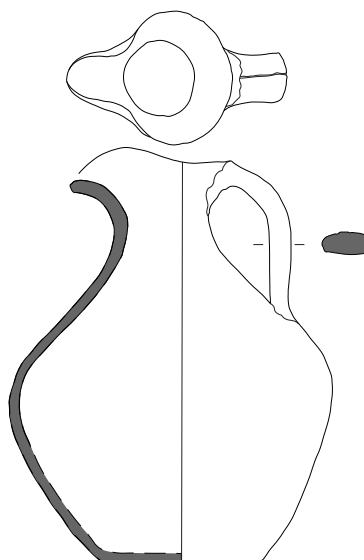


Figura 34 - PC 3899



Bilha (PC 3899)

Bilha em cerâmica comum de bocal trilobado, com asa no eixo do vertedor, de corpo ovóide e fundo plano. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 33)

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol Tipo 2.5.14.1 (Santos, 2011, p. 94, Est. XXXI); S. Cucufate tipo XII-A-fr.22 (Pinto, 2003, p. 434); Tipo 7-b (Nolen, 1985, pp. 58-59).

Dimensões: Altura – 18,8 cm; Diâmetro do bordo – 7,4 cm; diâmetro do fundo – 7,2 cm.

Cronologia: Nolen aponta os séculos II/ III d.C., embora realce a longa duração desta forma, até ao século V. Pelo contexto, a peça deverá ser datada de um momento adiantado do século IV ou já do V.

Localização: Aos pés do defunto

Tigela (PC 3817)

Tigela em cerâmica comum de bordo direito boleado, biselado, de corpo hemisférico e fundo plano. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 34)

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol Tipo 1.3.2.1 (Santos, 2011, p. 60, Est. VI); S. Cucufate tipo III-A-1 (Pinto, 2003, p. 221).

Cronologia: Embora as cronologias propostas para esta peça sejam entre finais do século II até ao século IV, pelo enquadramento no conjunto da necrópole deverá datar do século IV.

Dimensões – Altura: 6,5 cm; Diâmetro do bordo: 13,4 cm; Diâmetro do fundo: 6 cm.

Localização: Aos pés do defunto.

Potinho (PC 3900)

Potinho em cerâmica comum de duas asas e bordo contracurvado. Sulco pouco acima da "carena", ao nível das asas. Fundo plano. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 35)

Tipologia e paralelos: Forma 3-a (NOLEN, 1985, p. 74)

Dimensões: Altura 9,5 cm; largura da boca - 7,5 cm; largura do fundo - 4,5 cm.

Cronologia: segunda metade do século I a primeira metade do século III d.C. (NOLEN, Cerâmica Comum de necrópoles do Alto Alentejo, 1985). No entanto, pelo contexto em que a peça se encontra deverá ser datada de um período mais tardio.

Localização: Aos pés do defunto



Moeda de CONSTANTINVS I ou CONSTANTINVS II

Cronologia: 307-337 ou 337-340 d.C.

Localização: Aos pés do defunto mas distanciado do restante espólio.

Interpretação – Pelas dimensões da sepultura, comprimento pouco superior a 1m, deverá pôr-se a hipótese de se tratar de uma criança ou jovem.

Cronologia – Finais do século IV d.C. - século V, com base essencialmente no numisma.

4.7. SEPULTURA 8

Grupo – C; **Subgrupo** – C.2.

Arquitectura: Caixa rectangular escavada no substrato, revestida lateralmente com seis tijoleiras rectangulares colocadas na vertical, apoiadas no lado maior, e uma em cada extremidade, na mesma posição. O fundo é o próprio substrato onde a sepultura foi escavada, identificando-se uma telha na extremidade sul, que terá funcionado como apoio da cabeça. A cobertura em duas águas é composta por seis pares de tijoleiras. (Figura 36)

Dimensões: Comprimento: 190 cm; largura: 76 cm; Altura: 51 cm

Orientação: Norte/Sul

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário

Tacho (PC 3269)

Tacho em cerâmica comum de bojo baixo e largo, bordo revirado para o exterior. Fundo plano ou quase plano. Pasta grosseira com algumas inclusões de grande dimensão (quartzo, feldspato e moscovite). Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 37)

Dimensões: Altura: 7,6 cm; largura do bordo: 11,4 cm; largura do fundo: 5,2 cm

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol Forma 2.1.4.3 (Santos, 2011, p. 76-77 Estampa XIX); Forma 2-g (Nolen, 1985).

Cronologia: Segunda metade do século IV- inícios V (Santos, 2011)

Localização: Aos pés do defunto.





Figura 35 - PC 3900

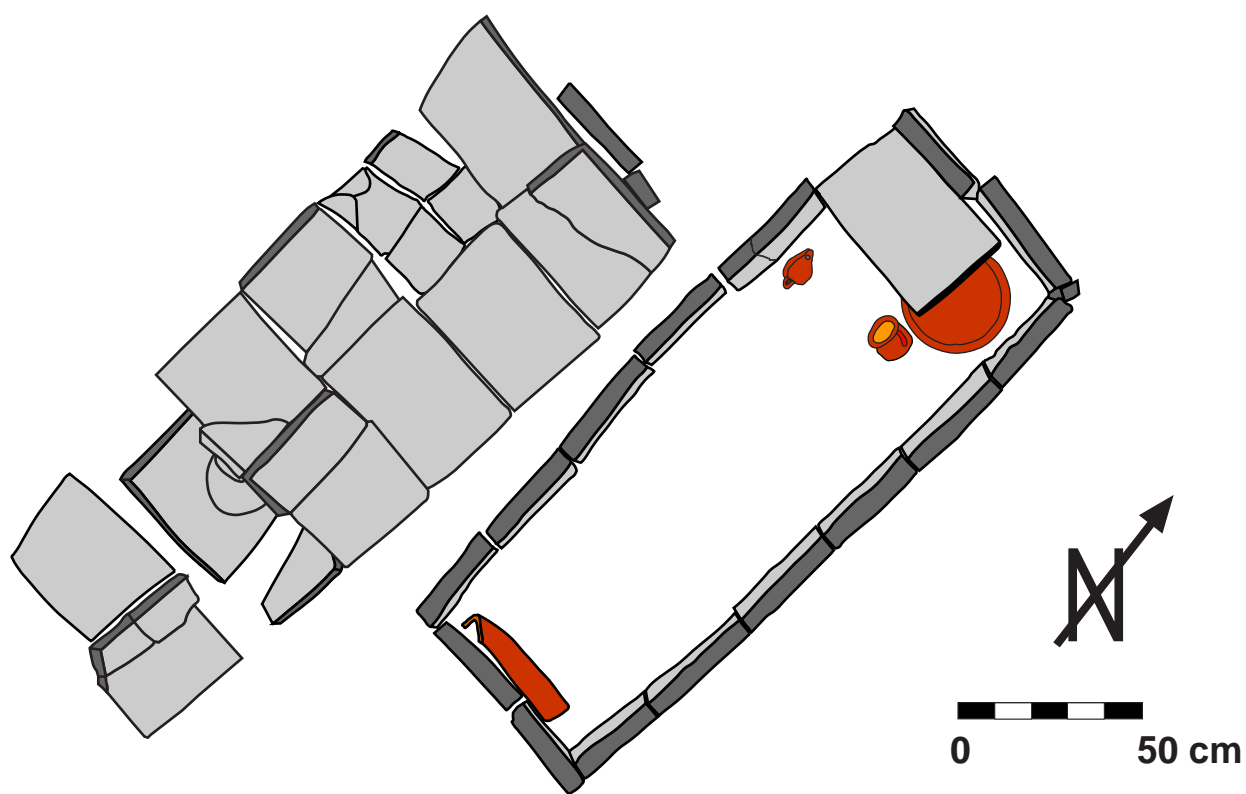


Figura 36 - Sepultura 8



Figura 37 - PC 3269

Prato de Terra *sigillata* clara D (PC 3898)

Prato de paredes esvasadas, bordo em aba descaído com canelura pouco perceptível. Apresenta um sulco/canelura na ligação entre a parede e o fundo interno e outro de pequenas dimensões no centro. Grupo técnico de fabrico 4. (Figura 38)

Dimensões: Altura 3,7 cm; diâmetro do bordo 27,5 cm; diâmetro do fundo 16,2 cm.

Tipologia e paralelos: Forma 58a de Hayes (Hayes, 1972; p. 93, fig. 14);

Cronologia: 290/300-375 d.C. (Hayes, 1972; p. 93, fig. 14).

Localização: Aos pés do defunto.

Potinho (PC 3821)

Potinho em cerâmica comum de duas asas, com bojo e bordo esvasado, fundo quase plano. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 39)

Dimensões: Altura 9,1 cm; largura da boca - 9,1 cm; largura do fundo - 4,6 cm.

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol Forma 2.3.4.1/2 (Santos, 2011; p. 85-86, Estampa XXV); Forma 2-c (Nolen, Cerâmica Comum de necrópoles do Alto Alentejo, 1985);

Cronologia: Segunda metade séc. III - Inícios IV (Santos, 2011).

Localização: Aos pés do defunto

Lucerna (PC 3897)

Disco circular separado da orla por uma moldura, com orifício de alimentação central. Orla decorada com 5 fiadas de pérolas (glóbulos) concêntricas. Bico arredondado e fundo circular plano. Asa sobrelevada com três sulcos longitudinais. Pasta fina embora com algumas inclusões mais grosseiras de quartzo e feldspato. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 40)

Tipologia: Tipo Dressel 30 – Deneauve VIIIB

Paralelos: Mérida (MARTÍN, 2002)

Dimensões: Altura 4,5 cm; Comprimento - 11,5 cm; Largura máxima - 8,2 cm; largura do fundo - 4,5 cm.

Cronologia: Século III/IV d.C.

Localização: Aos pés do defunto.

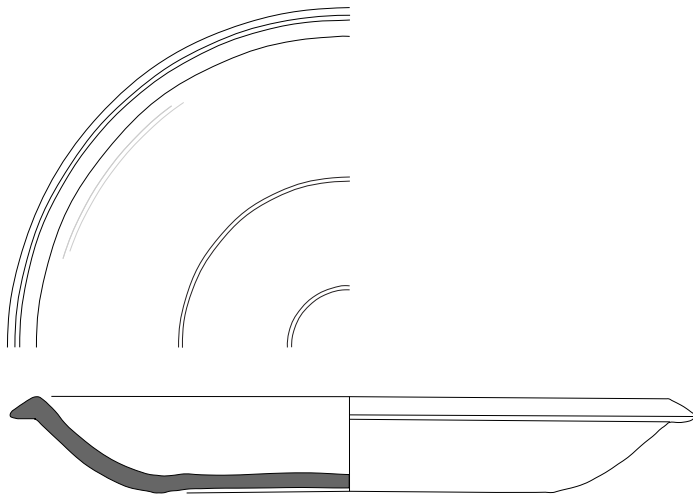


Figura 38 - PC 3898



Figura 41 - PC 3478

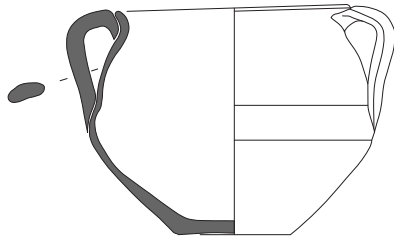


Figura 39 - PC 3821

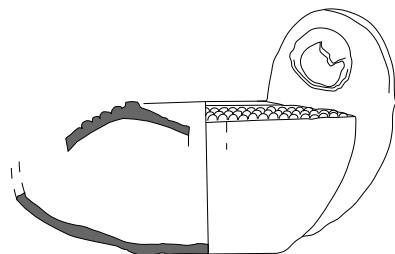
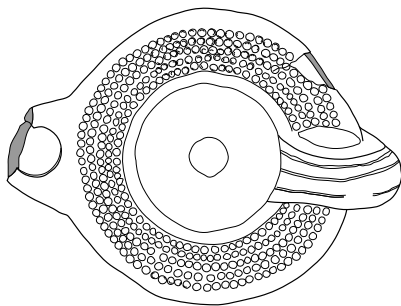


Figura 40 - PC 3897



Figura 42 - PC 3268

Anel (PC 3478)

Anel em ouro, com pedra semi-preciosa vermelha (granada ou cornalina). (Figura 41)

Lucerna (PC 3268)

Disco circular côncavo, decorado com "figura humana de braços abertos, segurando um objecto longo na mão esquerda". Com orifício de alimentação lateral. Orla decorada com motivos vegetais (parras ou cachos de uva). Bico arredondado; fundo circular plano com *krismón* entre dois círculos concêntricos (Hayes 1972, p. 273, Fig. 55e, tipo 286). Asa sobrelevada com um sulco longitudinal. Pasta fina embora com algumas inclusões mais grosseiras (quartzo e feldspato). Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 42)

Dimensões: Altura 4,5 cm; Comprimento - 12,2 cm; Largura máxima - 8,6 cm; largura do fundo - 5 cm.

Tipologia: Dressel 30; Deneauve VIIIB

Paralelos: Mérida (Martin, 2005, Fig. IX, 116).

Cronologia: 325-375 d.C. (Carratelli, 1981); (Hayes, 1972)

Localização: Aos pés do defunto.

Moeda de SEVERVS ALEXANDER (Sabrosa, 1996)

Descrição: Cunhagem: Roma ou Antioquia. Anverso: IMPSEV ALEXANDER AVG - busto do imperador à direita, laureado.

Dimensões:

Cronologia: 222-235 d.C.

Localização: No centro da sepultura.

Peça em vidro de forma indeterminada (atendendo ao estado de conservação e fragmentação)

Peça em vidro de forma indeterminada (atendendo ao estado de conservação e fragmentação)

Prego

Prego



Interpretação – Pelas dimensões poderá deduzir-se ser uma sepultura de um indivíduo adulto. Poderá o anel indicar tratar-se de um indivíduo de sexo feminino? Nada do que foi colocado na sepultura sustenta esta hipótese. É de realçar que este indivíduo foi sepultado com 2 lucernas, 1 prato de terra *sigillata*, 2 peças em vidro, 1 anel de ouro, 1 moeda, 1 potinho, 1 tacho além de se terem encontrado 2 pregos, o que parece significar um sinal claro de pertença a um grupo social mais elevado, com grande poder aquisitivo. Nos rituais funerários verifica-se a presença de rituais pagãos, como o é a própria oferta de objectos aquando da morte, mas também sinais evidentes de cristianização, patente na lucerna com *krísmos*. A existência de um apoio para a cabeça confirma a hipótese de estarmos perante uma inumação em posição de decúbito supino, assim como a inexistência de caixão.

Cronologia – Século IV. Apesar da datação da moeda apontar para o século III, há que ter em conta a grande longevidade destas. Por seu lado as cronologias obtidas através da terra *sigillata* e da lucerna fazem-nos apontar como cronologia provável desta sepultura o século IV.

4.8 SEPULTURA 10

Grupo – D; **Subgrupo** – D.1.

Arquitectura: Vala simples com cobertura composta por dois pares e meio de *tegulae* dispostas na horizontal. (Figura 43)

Dimensões: Comprimento: 106 cm; largura: 50 cm; Altura: 24 cm

Orientação: Norte/Sul

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário

Potinho (PC 3911)

Potinho em cerâmica comum de bojo carenado, relativamente alto, bordo cavado no dorso. Pasta fina, decoração brunida no ombro e colo. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 44)

Dimensões: Altura - 9,5 cm; Diâmetro do bordo - 5,7 cm; diâmetro do fundo - 4,3 cm; largura no bojo - 9,5 cm.

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol; Tipo 1-c (Nolen, 1985, p. 70);

Cronologia: Primeira metade do século III d.C.

Localização: Próximo da zona dos pés do defunto.



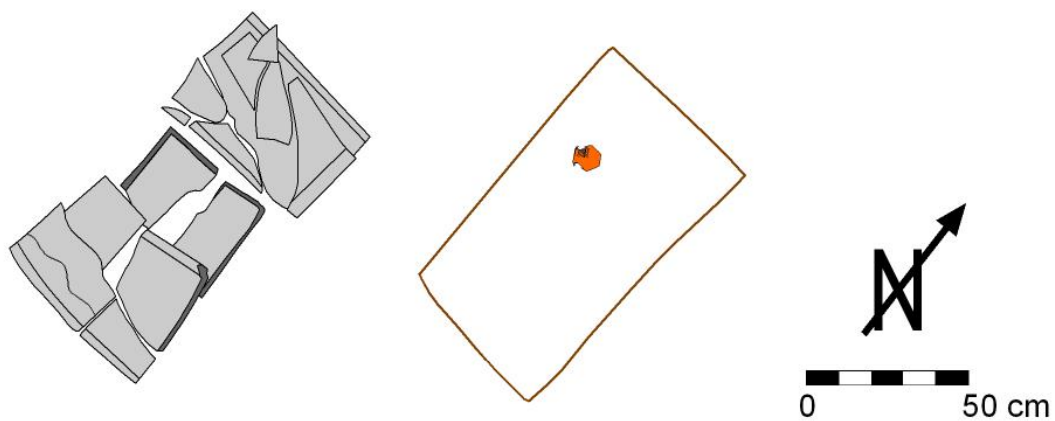


Figura 43 - Sepultura 10

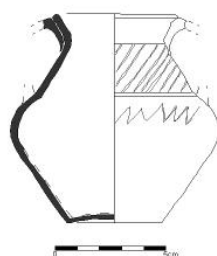


Figura 44 - PC 3911

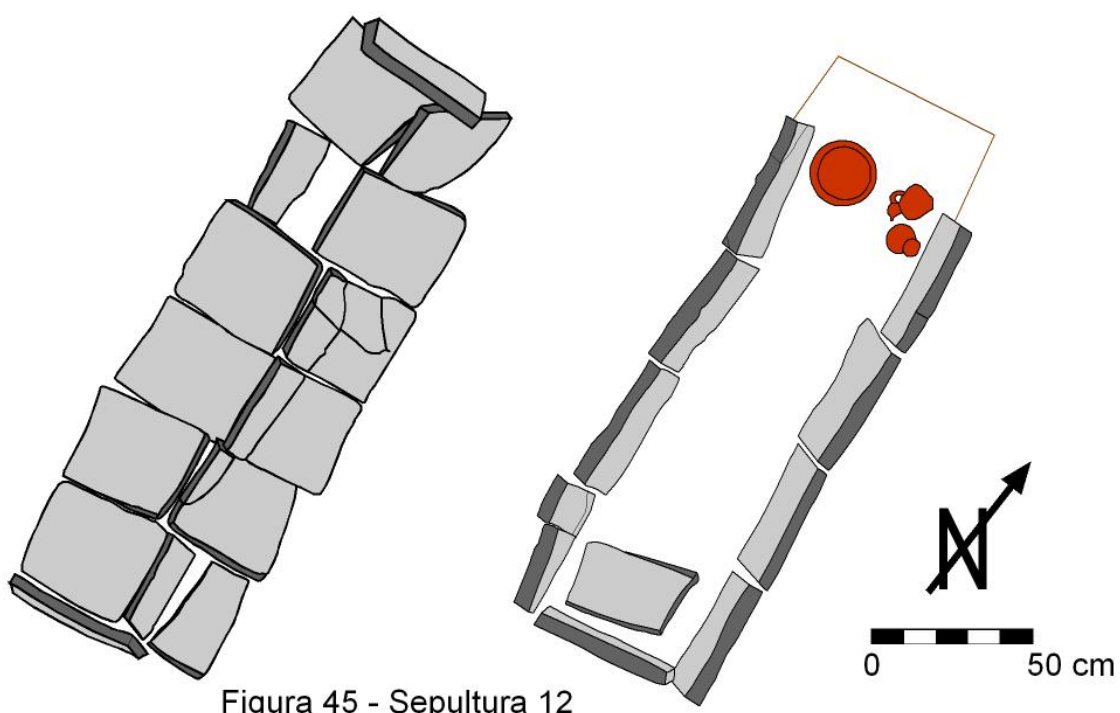


Figura 45 - Sepultura 12

Interpretação – Pelas dimensões da sepultura, comprimento pouco superior a 1m, deverá pôr-se a hipótese de se tratar de uma criança ou jovem.

Cronologia – Séculos IV - V com base na cronologia geral proposta para a necrópole.

4.9. SEPULTURA 12

Grupo – C; Subgrupo – C.2.

Arquitectura: Caixa rectangular escavada no substrato, revestida lateralmente com quatro tijoleiras rectangulares colocadas na vertical, apoiadas no lado maior, e uma na extremidade sul, na mesma posição. O fundo é o próprio substrato onde a sepultura foi escavada, identificando-se uma tijoleira na extremidade sul, que terá funcionado como apoio da cabeça. A cobertura em duas águas é composta por seis pares de tijoleiras, delimitada nas extremidades por outras duas tijoleiras colocadas na vertical, sobre o lado maior. (Figura 45)

Dimensões: Comprimento: 200 cm; largura: 680 cm; Altura: 34 cm

Orientação: Norte/Sul

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário

Bilha (PC 3919)

Bilha em cerâmica comum de bojo ovóide, base larga e bordo aprumado em forma de "L". Pasta grosseira, com muitas inclusões de dimensão média/grosseira. Superfície alisada, com engobe /aguada. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 46)

Dimensões: Altura - 15,3 cm; Diâmetro do bordo - 5,4 cm; diâmetro do fundo - 5,7 cm

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol, forma 2.5.13.1 (Santos, 2011, p. 92-93; Estampa XXX); Forma 1-j (Nolen, 1985, pp. 41-42); Mérida (Sánchez Sánchez, 1992, p. 46, fig. 10, n.º 52).

Cronologia: Segunda metade século IV ao século V d.C. (Santos, 2011); de meados século I ao século III d.C. (Nolen, 1985); Idem (Sánchez Sánchez, 1992);

Localização: Aos pés do defunto.

Prato (PC 4011)

Prato em cerâmica comum com parede alta, oblíqua e bordo boleado/amendoadado, descaído para o interior. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 47)





Figura 46 - PC 3919



Figura 47 - PC 4011

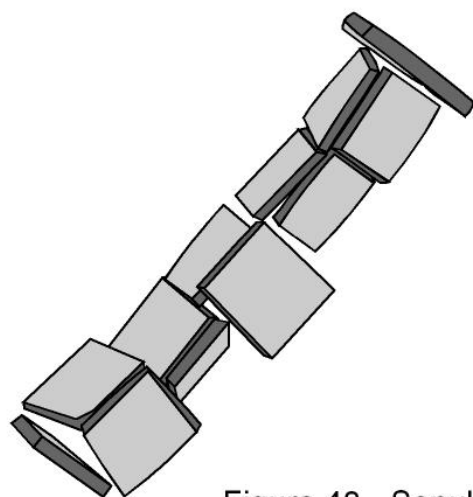
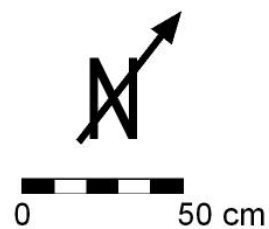


Figura 48 - Sepultura 14



Dimensões: Altura - 5,1 cm; Diâmetro do bordo - 21 cm; diâmetro do fundo - 13,7 cm.

Tipologia e paralelos: Quita do Rouxinol, Forma 1.1.3.4. (Santos, 2011); São Cucufate Tipo I-B-3 (Pinto, 2003, p. 184-186)

Cronologia: Finais de século IV - Século V (Santos, 2011)

Localização: Aos pés do defunto

Lucerna (não localizada)

Potinho (não localizado)

Moeda (não foi localizada, nem existe referência ao aparecimento desta moeda nos registos de campo; poderá corresponder a um erro nos registo de tratamento de espólio).

Interpretação – As dimensões da sepultura, comprimento de cerca de dois metros parecem indiciar tratar-se de um adulto.

Cronologia – Séculos IV - V com base na cronologia geral proposta para a necrópole.

4.10. SEPULTURA 14

Grupo – C; **Subgrupo** – C.1.

Arquitectura: Sepultura em vala simples escavada no substrato. A cobertura em duas águas é composta por cinco pares de tijoleiras, com mais uma em cada extremidade, na vertical. (Figura 48)

Dimensões: Comprimento: 165 cm; largura: 452 cm

Orientação: Norte/Sul

Rituais funerários: Inumação.

Mobiliário funerário: Inexistente.

Interpretação – Pelas dimensões da sepultura, comprimento inferior a 1m, poderá/deverá pôr-se a hipótese de se tratar de uma criança.

Cronologia – Séculos IV - V com base na cronologia geral proposta para a necrópole.

4.11. SEPULTURA 15

Grupo – A

Aspectos construtivos: Sepultura em vala simples escavada no substrato, com deposição do espólio na zona dos pés do defunto. (Figura 49); (Anexo 2: Ilustração 6)

Dimensões: Não foi possível determinar as medidas da cova.

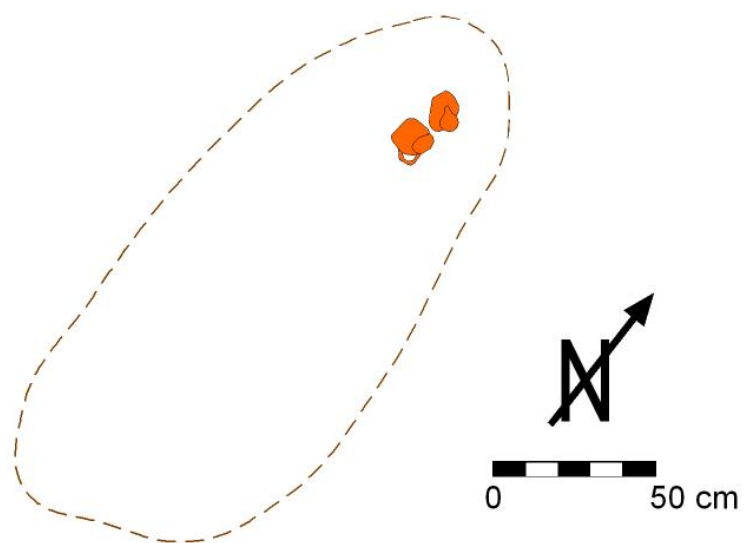


Figura 49 - Sepultura 15



Figura 50 - PC 3625



Figura 51 - PC 3895

Orientação: Norte/Sul

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário

Potinho (PC 3625) (Figura 50)

Potinho em cerâmica comum de bordo voltado para o exterior, com pequena aba oblíqua espessada, asa que nascem sobre o bordo e terminam a meio da pança. De corpo tendencialmente ovóide. Grupo técnico de fabrico 1.

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol, Forma 2.3.4.1. (Santos, 2011)

Dimensões: Altura – 8,8 cm; Diâmetro do bordo – 8,2 cm; diâmetro do fundo – 4,2 cm.

Cronologia: Segunda metade do século IV, início de século V (Santos, 2011)

Localização: Indeterminado.

Potinho (PC 3895) (Figura 51)

Potinho em cerâmica comum de bojo alto carenado, bordo oblíquo virado para o exterior, pança bitroncocónica, com duas asas. Grupo técnico de fabrico 1.

Tipologia e paralelos: São Cucufate, tipo X-A-8 (Pinto, 2003, p. 408, fig. 423);

Dimensões: Altura – 10,1 cm; Diâmetro do bordo 7,2 cm; diâmetro do fundo 5,9 cm; largura no bojo - 10,5 cm.

Cronologia: Finais séc. III/ Inícios séc. IV

Localização: Indeterminado.

Interpretação – Não existem dados suficientes que nos permitam fundamentar hipóteses interpretativas para esta sepultura. No entanto, o seu enquadramento na necrópole leva-nos a propor uma realidade cultural afim das restantes sepulturas.

Cronologia – Séculos IV - V com base na cronologia geral proposta para a necrópole.

4.12. SEPULTURA 16

Grupo - C; Subgrupo – C.3.

Caixa rectangular escavada no substrato, revestida lateralmente com seis tijoleiras, apoiadas no lado maior, e uma em cada extremidade, na mesma posição. O fundo é constituído por seis tijoleiras quase completas. A cobertura em duas águas é composta por oito pares de tijoleiras, com mais uma em cada extremidade. (Figura 52); (Anexo 2: Ilustração 7 a 10)

Dimensões – Comprimento: 244 cm; largura: 50 cm; Altura: cerca de 22 cm

Orientação: Norte/Sul, com a cabeça a sul.



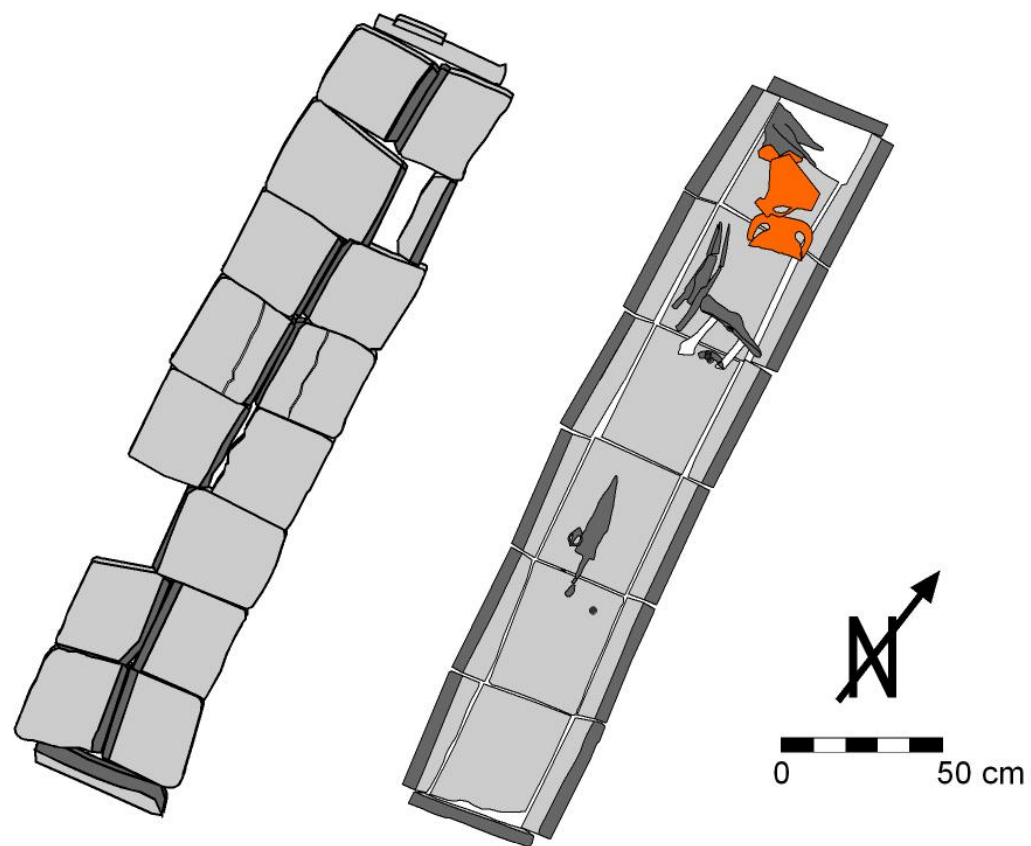


Figura 52 - Sepultura 16



Figura 53 - PC 3805

Rituais funerários: Inumação em posição de decúbito supino.

Vestígios osteológicos: conservaram-se dois ossos longos das pernas (tíbia ou perónio), situados na extremidade norte da sepultura.

Mobiliário funerário

Bilha (PC 3805)

Bilha em cerâmica comum de bojo achatado, de ombro com carena viva, colo moldurado e bordo apurado. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 53)

Dimensões: Altura - 16 cm; Diâmetro do bordo -5 cm; diâmetro do fundo – 15 cm.

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol Tipo 2.5.13.2 (Santos, 2011, pp. 92-94, Estampa XXX); Tipo 5f (Nolen, 1985, p. 55); São Cucufate tipo XII-B-Fr.5 (Pinto, 2003, p. 439);

Cronologia: Embora esta forma tenha cronologia larga, que vai do século V (SANTOS, 2011), neste caso deverá datar entre os séculos IV e V.

Localização: Aos pés do defunto.

3 Pontas de lança

Ponta de lança em ferro, com nervura central. Conserva o encaixe no cabo da lança. (PC 3621; PC 3622; PC 3809)

Paralelos: Necrópole da Amendoeira de Cima (Mértola) (Rosalino, 1986);

Dimensões:

PC 3622 – Comprimento: 27 cm. (Figura 54)

PC 3621 – Comprimento: 34 cm. (Figura 55)

PC 3809 - Comprimento: 27,5 cm (Figura 56)

Cronologia: Século IV-V d.C.

Localização: as três peças aparecem associadas, ao nível dos pés do defunto. Os cabos estariam paralelos ao corpo.

Punhal em ferro / *Pugio* (PC 3808)

Tem lâmina em forma de folha com nervura central. O punho não se conservou (seria em osso ou marfim), tendo-se preservado o encaixe da lâmina neste. Tem 35 cm de comprimento (da ponta da lâmina à inserção no punho)⁵. As análises

⁵ “O punhal, frequentemente com cerca de 35 cm de comprimento, pode ser bastante largo, o que, nestes casos, o tornava pouco funcional. A lâmina, em forma de folha, tem uma nervura central que também podia assumir a



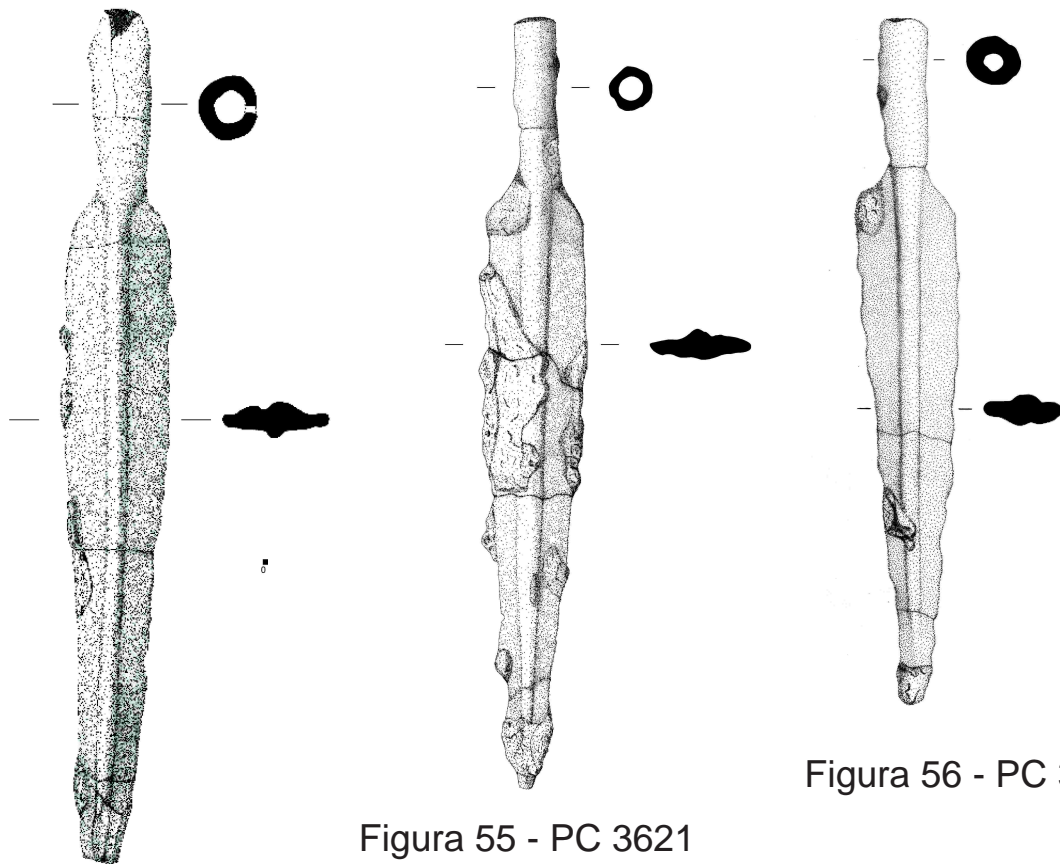


Figura 54 - PC 3622

Figura 55 - PC 3621

Figura 56 - PC 3809



Figura 56a - Armas da Sepultura 16

realizadas em laboratório indicam a presença de madeira, visível na textura do metal (informação oral da Dr.^a Sara Fragoso). (Figura 57)

Paralelos:

Dimensões: Comprimento: 35 cm; Espessura: cerca de 1,5 cm.

Cronologia: A forma é conhecida desde o século I d.C., tendo continuidade no século II. Permaneceu até fases mais tardias, do século III ao século V⁶ (Feugère, 2002; Connolly, 1998).

Localização: À esquerda do defunto, aparece associado à fivela pelo que será de supor que estaria ao nível da cintura, suspenso por um cinto.

Machado / Dolabra (PC 3806)

Machado em ferro, com duas lâminas perpendiculares entre si⁷. Trata-se de parte do equipamento de marcha militar, conjuntamente com a roçadeira e outro equipamento para abrir trincheiras (ausente nesta sepultura). Tinha como função o corte de vegetação e abertura de trincheiras. (Figura 58)

Paralelos:

Dimensões: Comprimento: 25,2 cm; largura: 5,8 cm.

Cronologia: Século III/IV d.C.

Localização: encontrava-se sobre dois ossos longos (tíbia ou perónio) que se conservaram, na extremidade norte da sepultura.

Fivela (PC 3807)

Fivela em ferro e bronze. Surge associada ao punhal pelo que deveria pertencer ao cinto que o suspendia. (Figura 59)

forma de 2 nervuras paralelas ao longo de uma espinha central. A ponta poderia ser reforçada, uma característica muitas vezes encontrada em espadas.

O punho, que cobria a parte acima da lâmina, consiste em duas placas unidas por rebites em cada lado do espigão. Excepcionalmente em osso ou marfim, o punho era habitualmente em ferro, muitas vezes decorado.” (Feugère, 1993; pp. 163-165).

⁶ “The dagger, which disappeared at the beginning of the 2nd century, reappears in a much cruder form as part of the equipment of the *auxiliaries*” (Connolly, 1998, p. 260).

⁷ “Marching equipment now formed part of the auxiliary’s standard kit, and indeed this change was very much in line with the whole trend of the third century. Namely the disappearance of the differentiation between legionary and auxiliary units, in terms of equipment style. (...) pieces of marching equipment, including pickaxes, bill-hooks and entrenching tools.” (Stephenson, 2001; p. 100-102) .



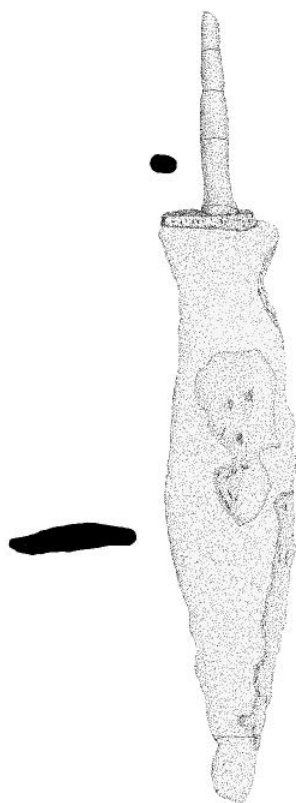


Figura 57 - PC 3808



Figura 59 - PC 3807



Figura 60 - PC 3623

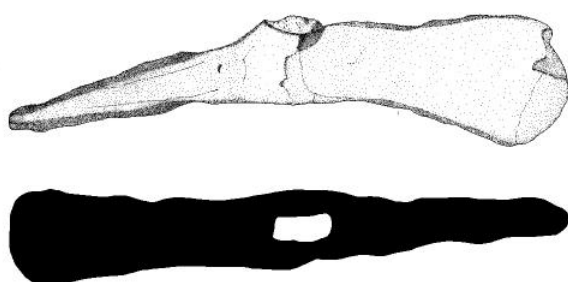


Figura 58 - PC 3806

Roçadoira (PC 3623)

Ponta de roçadoira em ferro. Trata-se de parte do equipamento de marcha militar, conjuntamente com o machado e outro equipamento para abrir trincheiras (ausente nesta sepultura). Tinha como função o corte de vegetação. (Figura 60)

Paralelos:

Dimensões: Comprimento: cerca de 5 cm; Largura: cerca de 1,5 cm.

Cronologia: Século IV-V d.C.

Localização: encontrava-se entre os dois ossos longos, associada a três moedas.

Boca de ânfora (PC 3616) (Figura 61)

Boca e colo de ânfora tipo Almagro 50, conservando ambas as asas. Lábio triangular vertical interiormente, colo cilíndrico, asas com secção ovóide. Grupo técnico de fabrico 1.

Paralelos: Quinta do Rouxinol (Duarte e Raposo, 1996); Rua dos Correeiros (Bugalhão, 2001).

Cronologia: Séculos IV-V d.C.

Localização: Aos pés do defunto.

Moeda (de DECENTIVS 351-353)

Cronologia: 351-353 d.C.

Localização: situava-se à direita do defunto, ao mesmo nível da fivela e do punhal, que se presume ser a altura da cintura e que se pode propor como tendo estado na mão direita do defunto.

3 moedas

Conjunto de três moedas que apareceu associado à roçadoira.

Cronologia: Encontram-se ilegíveis mas enquadráveis na tipologia de meados do século IV (Sabrosa, 1996).

Localização: encontravam-se juntas, sobre a roçadoira e entre os ossos longos das pernas do defunto.

Objectos em metal, indeterminados.

Objecto em vidro indeterminado.

Situavam-se na zona dos pés do defunto, a norte.

Interpretação – Trata-se da sepultura mais comprida de toda a necrópole, indiciando tratar-se de um adulto. Com base no mobiliário funerário, em particular nas peças de armamento, poderá propor-se a possibilidade de se tratar de um indivíduo de sexo masculino. No entanto, a existência de armamento em tão grande quantidade e diversidade não nos deixa indiferentes à possibilidade de estarmos perante a sepultura de um militar. Poderá tratar-se de um veterano do exército auxiliar que terá no fim da sua carreira militar regressado a casa. O tipo de equipamento encontra-se muitas vezes associado aos legionários e auxiliares (Feugère, 1993), sendo o punhal aqui encontrado conhecido como punhal de legionário. Além do punhal, o machado e a roçadeira faziam parte do equipamento de infantaria de exércitos auxiliares e das legiões, com a função de desmatação de áreas de acampamento ou auxiliares à progressão das tropas (Stephenson, 2001).

O que seguramente não levanta dúvidas é a opulência associada a esta sepultura, tanto na quantidade como diversidade e qualidade das oferendas, conduzindo-nos à conclusão de que se trata de um indivíduo com grande poder aquisitivo, eventualmente detendo um estatuto social elevado.

Cronologia – segunda metade do século IV d.C., de acordo com a cronologia fornecida pelo espólio, em particular pela moeda passível de leitura.

4.13. SEPULTURA 20

Grupo C; Subgrupo C2

Aspectos construtivos: Caixa rectangular escavada no substrato, revestida lateralmente com cinco tijoleiras rectangulares colocadas na vertical, apoiadas no lado maior, e uma *tegula* em cada extremidade, na mesma posição. O fundo é o próprio substrato onde a sepultura foi escavada. A cobertura em duas águas é composta por seis pares de tijoleiras. (Figura 62)

Dimensões – Comprimento: 145 cm; largura: 60 cm; Altura: 49 cm

Orientação: Norte/Sul.

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário

Taça de terra *sigillata* clara C (PC 3623)

Pequena taça hemisférica, com bordo largo ligeiramente convexo e pé de pequenas dimensões. Grupo técnico de fabrico 3. (Figura 63)

Tipologia e paralelos: Forma 44 de Hayes (Hayes, 1972, pp. 61-62).



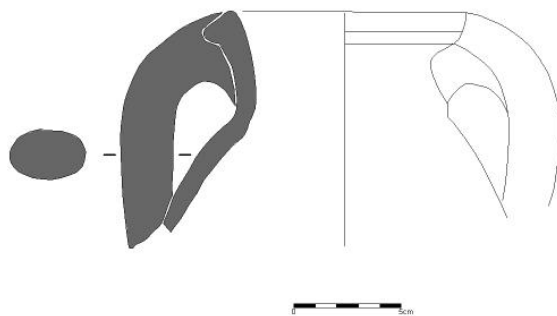


Figura 61 - PC 3616

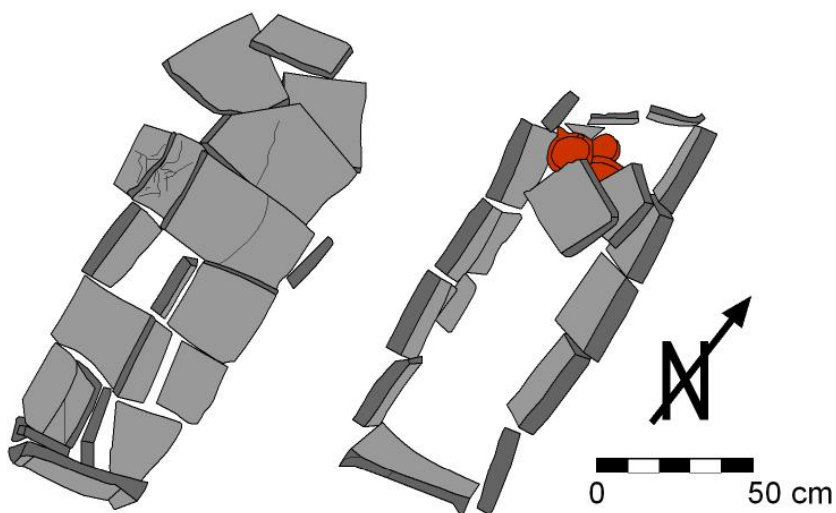


Figura 62 - Sepultura 20



Figura 63 - PC 3623

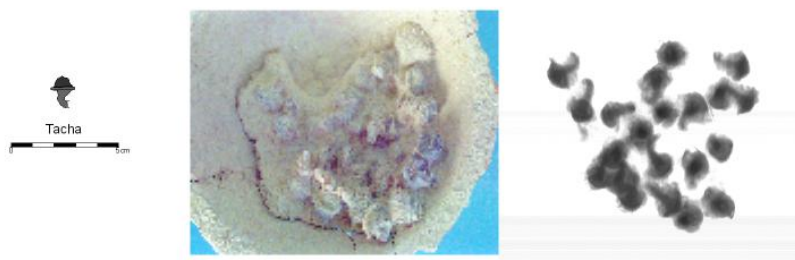


Figura 64 - Conjunto de tachas (Imagem RX)

Dimensões: Altura 4,8 cm; diâmetro do bordo 15,4 cm; diâmetro do fundo 4,8 cm.

Cronologia: Entre 220/240 a finais do século III (Hayes, 1972; p. 62);

Localização: Aos pés do defunto.

Tachas/Preguetas

Conjunto de tachas em ferro, encontradas no interior da peça PC 3623. Pensamos tratar-se de elementos decorativos associados a uma tira de cabedal (cinto, por exemplo), não sendo crível tratar-se de tachas de sandálias. (Figura 64)

Dimensões: Altura 4,8 cm; diâmetro da cabeça 0,8 cm; altura da cabeça 0,5 cm.

Prato de terra *sigillata* clara D (PC 3106)

Prato de paredes esvasadas, bordo em aba descaído com canelura pouco perceptível. Apresenta um sulco/canelura na ligação entre a parede e o fundo interno e duas de pequenas dimensões no centro da peça. Na parte superior do bordo observam-se sinais de alisamento, assim como na parte inferior da parede. O fundo externo apresenta desgaste de uso provocado por fricção com mesa e o interior apresenta sinais de uso (cortes). Grupo técnico de fabrico 4. (Figura 65)

Dimensões: Altura 3,7 cm; diâmetro do bordo 25 cm; diâmetro do fundo 15 cm.

Tipologia e paralelos: Forma 58a de Hayes (Hayes, 1972; p. 93, fig. 14).

Cronologia: 290/300-375 d.C. (Hayes, 1972; p. 93, fig. 14).

Localização: Aos pés do defunto.

Potinho (PC 3100)

Potinho em cerâmica comum de bordo voltado para o exterior com pequena aba oblíqua espessada, com asas verticais que nascem sobre o bordo e terminam a meio da pança sobre canelura. De corpo com perfil tendencialmente ovóide. (Figura 66)

Paralelos: Quinta do Rouxinol, Forma 2.3.4.1 (Santos, 2011, p. 85);

Dimensões: Altura - 10 cm; Diâmetro do bordo 9,3 cm; diâmetro do fundo 4,6 cm

Cronologia: Século IV-V

Localização: aos pés do defunto.

Interpretação – Pelo comprimento da sepultura pensamos tratar-se de um jovem.





Figura 65 - PC 3106



Figura 66 - PC 3100

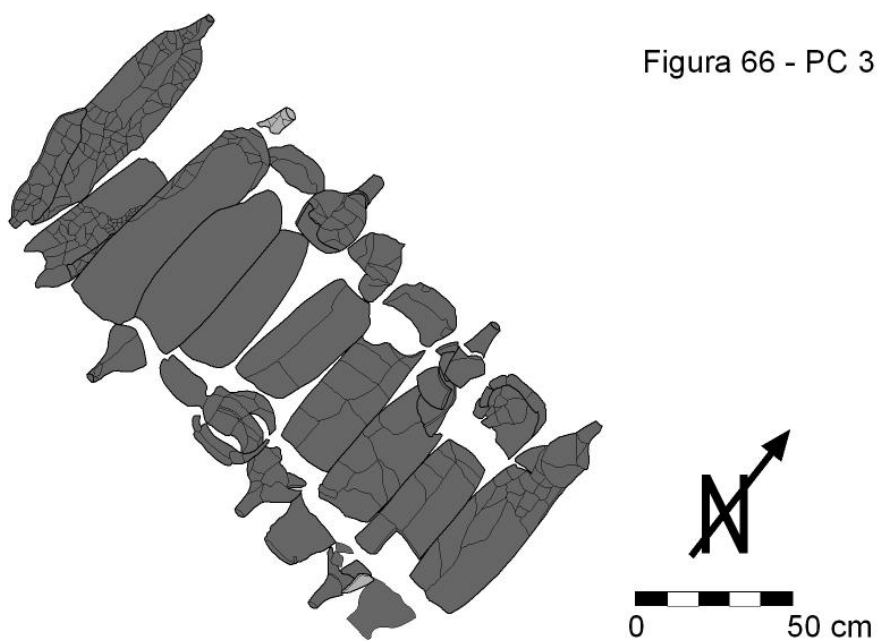


Figura 67 - Sepultura 23

Cronologia – Século IV d.C., a partir da datação da terra *sigillata* conjugada com a cronologia geral proposta para a necrópole.

4.14. SEPULTURA 23

Grupo B

Aspectos construtivos: Vala simples coberta com dez ânforas Almagro 50 dispostas horizontalmente, lado a lado mas com orientação das bocas e fundos alternada. (Figura 67)

Dimensões – Comprimento: 200 cm; largura: 100 cm;

Orientação: Este/Oeste

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário: Inexistente.

Interpretação – Este tipo de sepulturas é pouco comum, conhecendo-se paralelos em Almada, em necrópole situada no sítio da Torrinha, Monte de Caparica (Barbosa e Aldana, 2005).

Cronologia – Séculos IV - V com base na cronologia proposta para as ânforas, conjugada com a cronologia geral proposta para a necrópole. Corresponde à segunda fase de utilização deste espaço como necrópole.

4.15. SEPULTURA 24

Grupo C; Subgrupo C2

Aspectos construtivos: Caixa rectangular escavada no substrato, revestida lateralmente com seis tijoleiras rectangulares colocadas na vertical, apoiadas no lado maior, e uma na extremidade norte, na mesma posição. O fundo é o próprio substrato onde a sepultura foi escavada. A cobertura, em duas águas, é composta por seis pares de tijoleiras. (Figura 68)

Dimensões – Comprimento: 194 cm; largura: 50 cm; Altura: cerca de 30 cm

Orientação: Norte/Sul

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário:

Potinho (PC 3908)

Potinho em cerâmica comum de bordo voltado para o exterior com pequena aba oblíqua espessada, com asas verticais que nascem sobre o bordo e terminam a



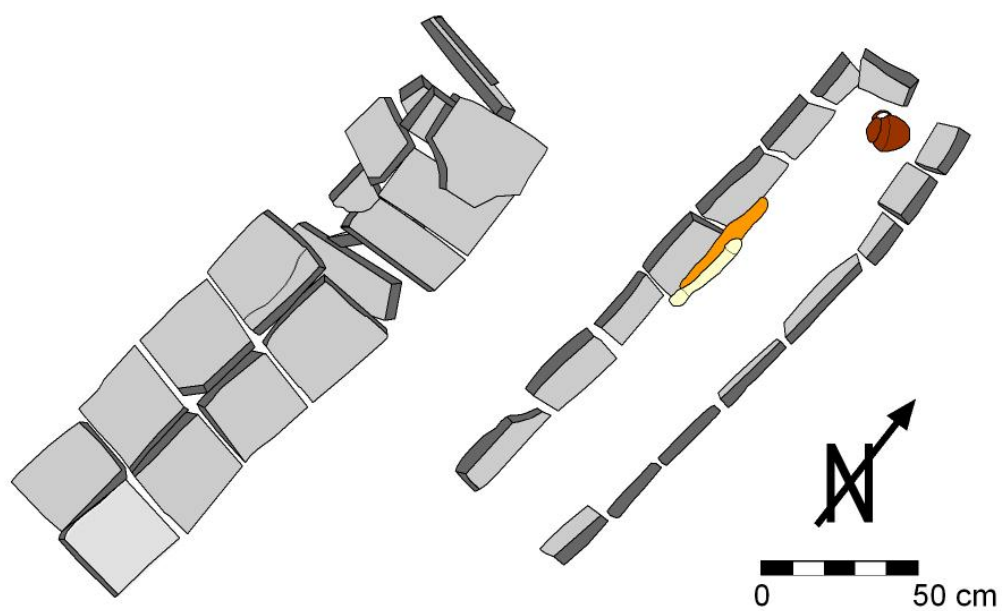


Figura 68 - Sepultura 24



Figura 69 - PC 3908



Tacha

Figura 70 - Conjunto de tachas (imagem RX)

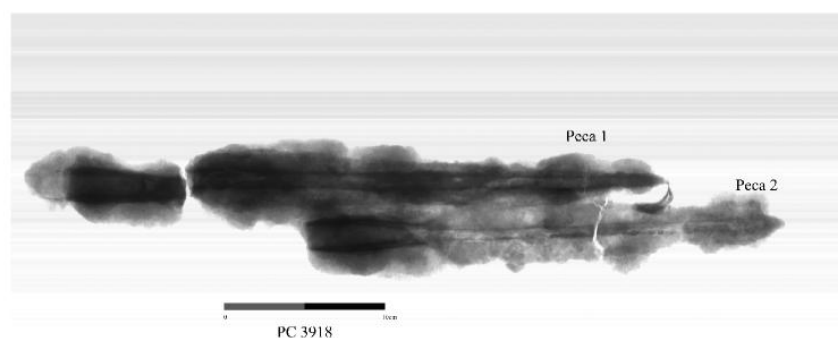


Figura 70a - Pontas de lança (imagem RX)

meio da pança sobre canelura bem demarcada. Corpo com perfil tendencialmente bitroncocónico. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 69)

Paralelos: Quinta do Rouxinol, Forma 2.3.4.1 (Santos, 2011, p. 85);

Dimensões: Altura - 10 cm; Diâmetro do bordo 9,3 cm; diâmetro do fundo 4,6 cm

Cronologia: Século IV-V

Localização: aos pés do defunto.

Tachas/Preguetas

Conjunto de tachas em ferro. Pensamos tratar-se de elementos decorativos associados a uma tira de cabedal (cinto, por exemplo), não sendo verosímil tratarem-se de tachas de sandálias. (Figura 70)

Dimensões: Altura 4,8 cm; diâmetro da cabeça 0,8 cm; altura da cabeça 0,5 cm.

Objecto em ferro (Figura 70a)

Objecto muito oxidado e que através de RX se verificou tratar-se de duas pontas de lança, do mesmo tipo das encontradas na sepultura 16.

Interpretação – pelas dimensões deverá tratar-se de um indivíduo adulto.

Cronologia – Séculos IV - V com base na cronologia geral proposta para a necrópole.

4.16. SEPULTURA 25

Grupo – A

Aspectos construtivos: Sepultura em vala simples escavada no substrato com deposição do espólio na zona dos pés do defunto. Uma tijoleira, situada a sul, serviu de apoio à cabeça do defunto. (Figura 71)

Dimensões: Cerca de 110 centímetros de comprimento

Orientação: Norte/Sul, com a cabeça a sul.

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário

Lucerna (PC 3904)

Disco circular separado da orla por uma moldura, com orifício de alimentação central. No disco cena erótica com um homem e uma mulher, de perfil à direita. Na orla terão existido seis cachos de uva em relevo, muito ténues no caso deste exemplar (em mau estado de conservação). Bico arredondado, asa sobrelevada e



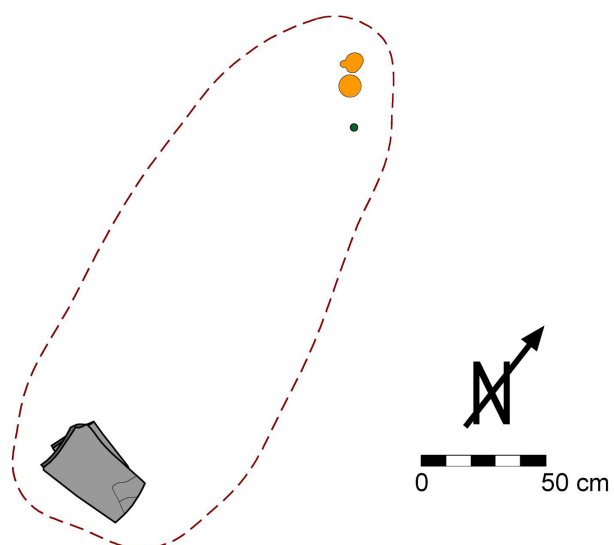


Figura 71 - Sepultura 25



Figura 72 - PC 3904

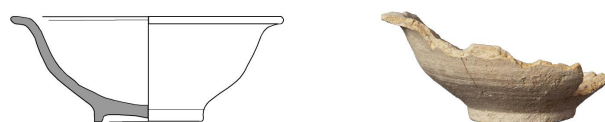


Figura 73 - PC 3903



fundo circular plano. Pasta fina embora com algumas inclusões mais grosseiras (quartzo e feldspato). Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 72).

Tipologia: Dressel 30; Deneauve VIIIB

Paralelos: Mérida (Martín, 2005, p. 118, fig. XIV 192, Lâmina XXXVI 190)

Dimensões: Altura 3,4 cm; comprimento 10,2 cm; largura 7 cm.

Cronologia: Séculos II/III d.C.

Localização: Aos pés do defunto.

Taça (PC 3903)

Taça em cerâmica comum de forma hemisférica em pasta calcária, com bordo voltado para o exterior, formando pequena aba, pé em anel. Grupo técnico de fabrico 2. (Figura 73).

Dimensões: Altura 4,1 cm; diâmetro do bordo 10,7 cm; diâmetro do fundo 4,2 cm.

Tipologia e paralelos: Forma 7-e (Nolen, 1985, p. 105) semelhante à forma Dragendorff 35 (Sabrosa, 1996).

Cronologia: Século II (Nolen, 1985)

Localização: Aos pés do defunto.

Moeda de AVRELIANVS

Anverso: Imp. AVRELIANVS AVG.- busto à direita, laureado, vestido e couraçado.

Reverso: CONCORDIA MILITVM - Aureliano e concórdia de pé, olhando um para o outro e apertando as mãos (direitas). Em baixo, S* SISCIA (?) Turquia (Sabrosa, 1996).

Cronologia: 270-275

Interpretação – A existência de uma tijoleira na cabeceira da sepultura permite-nos ter uma ideia dos seus limites. Com cerca de 110 cm pensamos tratar-se de um jovem não adulto, sepultado em posição de decúbito supino.

Cronologia – Século IV d.C. com base no numisma, conjugado com a cronologia geral proposta para a necrópole.

4.17 SEPULTURA 26

Grupo – A

Aspectos construtivos: Sepultura em vala simples escavada no substrato, com deposição do espólio na zona dos pés do defunto. (Figura 74).

Dimensões: Não foi possível determinar as medidas da cova.

Orientação: Norte/Sul

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário

Potinho (PC 3618)

Potinho em cerâmica comum de bordo voltado para o exterior com pequena aba oblíqua espessada, geralmente com asas verticais que nascem sobre o bordo e terminam a meio da pança sobre canelura bem demarcada, de corpo com perfil tendencialmente ovóide. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 75).

Dimensões: Altura 9,6 cm; diâmetro do bordo 7,6 cm; diâmetro do fundo 4 cm.

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol, tipo 2.3.4.1. (Santos, 2011, p. 85-86, Estampa XXV)

Cronologia: Segunda metade do século III, inícios século IV.

Localização: Aos pés do defunto.

Copo (PC 3815)

Copo em cerâmica comum bitruncocónico, com diversos sulcos acima da carena. Fundo plano. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 76).

Dimensões: Altura 7,4 cm; diâmetro do bordo 5,3 cm; diâmetro do fundo 3,1 cm.

Tipologia e paralelos: Peça 510 (Nolen, 1985, p. 136, p. 223; Estampa XLVII).

Cronologia: Século III (Nolen, 1985)

Localização: Aos pés do defunto.

Copo (PC 3617)

Copo em cerâmica comum bitruncocónico, com pequeno sulco junto ao bordo que é ligeiramente inclinado para o interior. Fundo plano. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 77)

Dimensões: Altura 8,1 cm; diâmetro do bordo 7,4 cm; diâmetro do fundo 4,6 cm.

Tipologia e paralelos: Peça 510 (Nolen, 1985, p. 136, p. 223; Estampa XLVII).

Cronologia: Século III (Nolen, 1985)



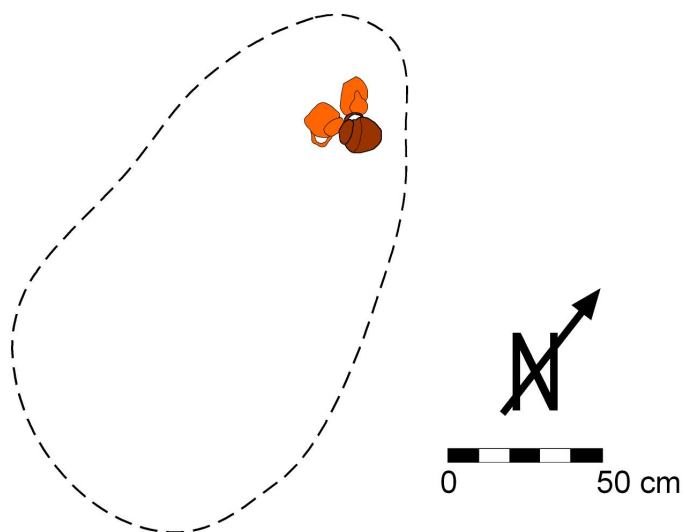


Figura 74 - Sepultura 26

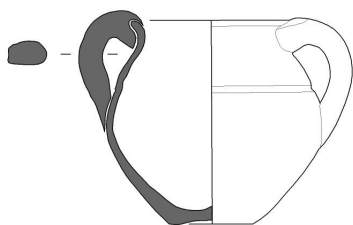


Figura 75 - PC 3618

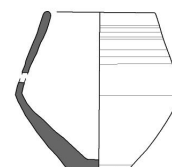


Figura 76 - PC 3815

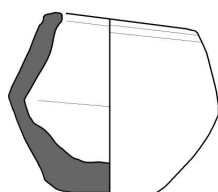


Figura 77 - PC 3617



Figura 78 - PC 3814

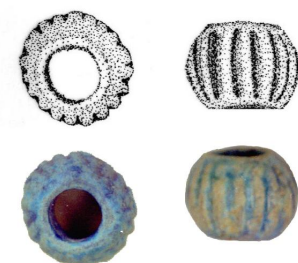


Figura 80 - PC 3813

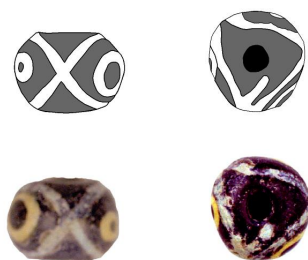


Figura 79 - PC 3812



Localização: Aos pés do defunto.

Pendente / camafeu em vidro (PC 3814)

Medalha circular em vidro incolor decorada com um escorpião. Trata-se de um pequeno pendente/camafeu em vidro que “insere-se num grupo de peças glípticas que, durante os séculos IV-VII, teve uma ampla circulação por todo o Mediterrâneo Oriental (com uma especial concentração na área sírio-palestina e, ocasionalmente, na região ocidental do Império” (Cravinho e Amorai-Stark, no prelo, p. 123). Teria função de amuleto graças ao significado mágico atribuído ao escorpião na Antiguidade, protegendo contra picadas deste animal. A este pendente atribuem-se igualmente propriedades apotropaicas, protegendo contra as disfunções sexuais e impotência, e um simbolismo astrológico quando o escorpião surge associado a outros símbolos astrológicos (Cravinho e Amorai-Stark, No Prelo, p. 123).. Estaria associado às contas identificadas nesta sepultura, formando um colar. (Figura 78)

Tipologia - Tipo B de Barag (Cravinho e Amorai-Stark, No Prelo, p. 123).

Paralelos: Idanha-a-Velha (Almeida, F., 1964); como paralelo exacto para esta peça Graça Cravinho aponta uma peça do Museu de Belgrado.

Dimensões: Círculo com cerca de 19 mm.

Cronologia: Século IV / V

Localização: Aos pés do defunto.

Conta oculada (PC 3812)

Conta em vidro polícromo (azul e branca) com motivos geométricos (círculos). (Figura 79)

Paralelos:

Dimensões: Altura 1,3 cm; largura 1,6 cm.

Localização: Aos pés do defunto.

Conta (PC 3813)

Conta em vidro azul e branca, com sulcos transversais. (Figura 80)

Paralelos:

Dimensões: Altura 1,35 cm; largura 1,75 cm.

Localização: Aos pés do defunto.



Interpretação – Não existem dados que nos permitam concluir sobre a dimensão da sepultura ou sobre algum tipo de ritual funerário, sendo de supor que se possa tratar de uma inumação em posição de decúbito supino. Dada a presença de objectos de adorno poderá deduzir-se, com ressalva, ser uma sepultura de indivíduo do sexo feminino. A importância desta sepultura resulta da confirmação da existência de contactos comerciais entre o Porto dos Cacos e o universo cultural romano, neste caso do oriente (Israel, Líbano, Síria ou Egipto), de onde seria proveniente o pendente/camafeu encontrado nesta sepultura.

Cronologia – Século IV/V d.C.

4.18. SEPULTURA 27

Grupo – A

Aspectos construtivos: Sepultura em vala simples escavada no substrato, com deposição do espólio na zona dos pés (?) do defunto. (Figura 81)

Dimensões: Não foi possível determinar as medidas da cova.

Orientação: Norte/Sul

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário

Potinho (PC 3901)

Potinho em cerâmica comum de bordo voltado para o exterior com pequena aba oblíqua espessada, geralmente com asas verticais que nascem sobre o bordo e terminam a meio da pança sobre canelura bem demarcada, de corpo com perfil tendencialmente ovóide. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 82)

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol, tipo 2.3.4.1. (Santos, 2011, p. 85-86, Estampa XXV).

Dimensões: Peça partida, difícil de determinar.

Cronologia: Segunda metade do século III, inícios século IV.

Localização: Aos pés do defunto.

Pendente (PC 3472)

Amuleto de forma alongada, com argola triangular para pendurar; completamente furado pela vara usada na sua formação; decorado com espiral branca de um fio do próprio vidro, de cor preta. Amuleto equivalente ao “(...) de origem judaica, o filactério” (Nolen, 1994, p. 182). Trata-se de um amuleto em que se insere um



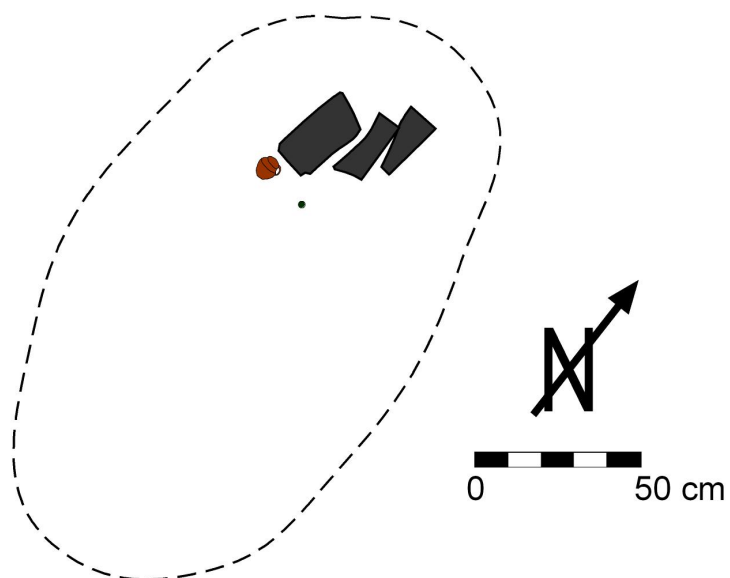


Figura 81 - Sepultura 27

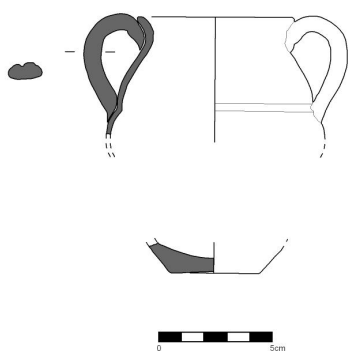


Figura 82 - PC 3901



Figura 83 - PC 3472

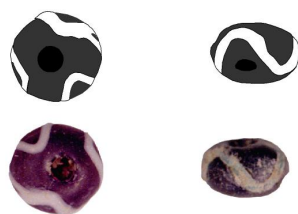


Figura 84 - PC 3473

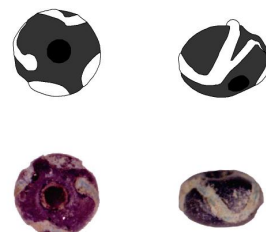


Figura 85 - PC 3474



pequeno papel pelo orifício, com um verso ou citação religiosa com o objectivo de “proteger do mal, da doença ou acidente, trazer sorte, conquistar afeição do bem-amado, reconquistar o amor do marido, acelerar o regresso de um membro ausente da família, facilitar os partos e fazer nascer filhos varões, afugentar a inveja e apaziguar os espíritos” (Nolen, 1994, p. 182). (Figura 83)

Tipologia e paralelos: Torre de Ares, Balsa, vi-129 e vi-130 (Nolen, 1994, pp. 182; 197; Fig. 53, Est. 41)

Dimensões: Comprimento: 4cm; largura: 1,5cm.

Cronologia: Século IV d.C.

Localização: Aos pés do defunto (?).

Conta (PC 3473)

Conta circular em vidro negro decorada com fio branco. (Figura 84)

Conta (PC 3474)

Conta circular em vidro negro decorada com fio branco. (Figura 85)

Moeda

“De meados do século IV” (Sabrosa, 1996)

Interpretação – A ausência de dados não nos permite concluir sobre os rituais funerários praticados com este enterramento.

Cronologia – Século IV d.C., com base no espólio.

4.19. SEPULTURA 28

Grupo B

Aspectos construtivos: Vala simples coberta com nove ânforas, três do tipo Almagro 51c e seis do tipo Almagro 50 dispostas horizontalmente, lado a lado mas com orientação das bocas e fundos alternada. (Figura 86); (Anexo 2: Ilustração 11)

Dimensões – Comprimento: cerca de 180 cm; largura: cerca de 90 cm;

Orientação: Este/Oeste

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário: Inexistente.



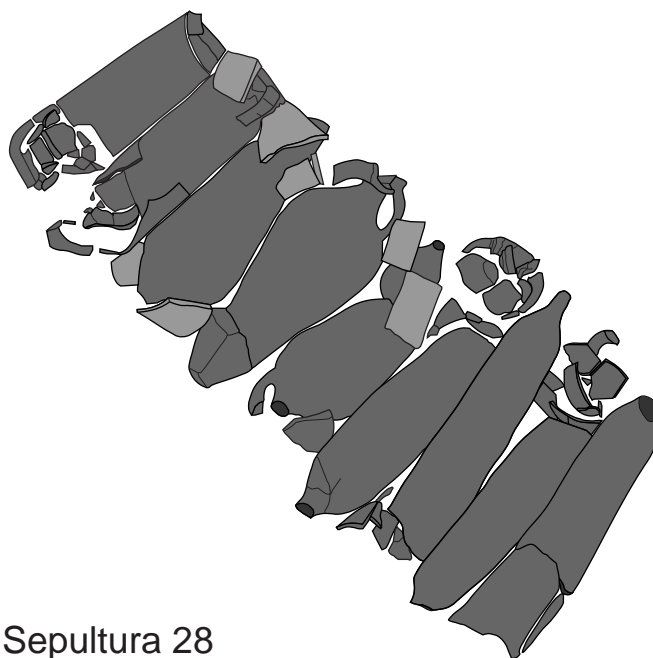


Figura 86 - Sepultura 28

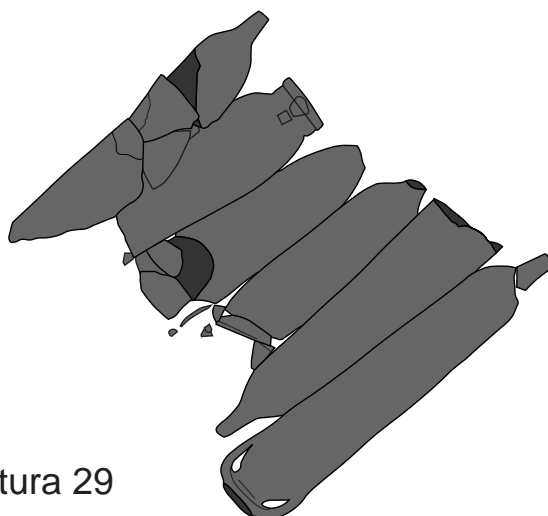
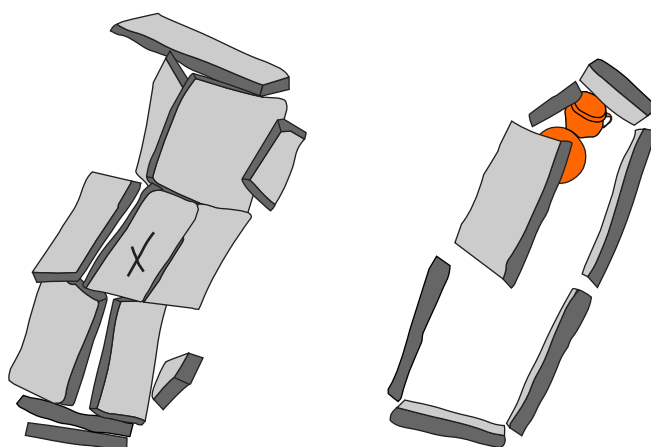


Figura 87 - Sepultura 29



0 50 cm

Figura 88 - Sepultura 30

Interpretação – Tendo por paralelo a necrópole da Quinta da Torrinha (Barbosa e Aldana, 2005), sítio arqueológico cultural e cronologicamente afim da necrópole do Porto dos Cacos, ter-se-á praticado o ritual de inumação em posição de decúbito supino.

Cronologia – Séculos IV - V com base na cronologia proposta para as ânforas, conjugada com a cronologia geral proposta para a necrópole. Corresponde à segunda fase de utilização deste espaço como necrópole.

4.20. SEPULTURA 29

Grupo B

Aspectos construtivos: Vala simples coberta com seis ânforas do tipo Almagro 50 dispostas horizontalmente, lado a lado mas com orientação das bocas e fundos alternada. (Figura 87); (Anexo 2: Ilustração 12)

Dimensões – Comprimento: cerca de 110 cm; largura: cerca de 105 cm;

Orientação: Este/Oeste

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário: Inexistente.

Interpretação – Tendo por paralelo a Quinta da Torrinha (Barbosa e Aldana, 2005), sítio arqueológico cultural e cronologicamente afim da necrópole do Porto dos Cacos, ter-se-á praticado o ritual de inumação em posição de decúbito supino.

Cronologia – Séculos IV - V com base na cronologia proposta para as ânforas, conjugada com a cronologia geral proposta para a necrópole. Corresponde à segunda fase de utilização deste espaço como necrópole.

4.21. SEPULTURA 30

Grupo C; Subgrupo C2

Aspectos construtivos: Caixa escavada no substrato, revestida com duas tijoleiras no lado direito (este), e duas e meia no lado oposto. Têm forma rectangular e estão colocadas na vertical, apoiadas no lado maior. Nas extremidades encontra-se uma tijoleira na cabeceira (norte) e um fragmento na extremidade sul, o que confere à caixa uma forma trapezoidal. O fundo é o próprio substrato onde a sepultura foi escavada. A cobertura em duas águas é composta por três pares de tijoleiras. Uma das tijoleiras apresenta uma marca em forma de X. (Figura 88)



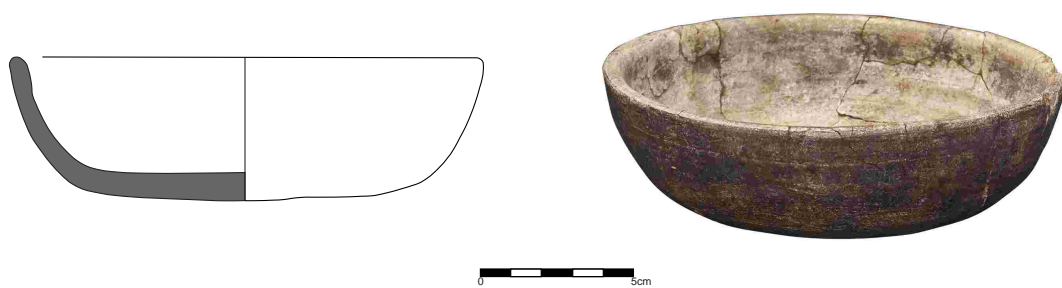


Figura 89 - PC 3627

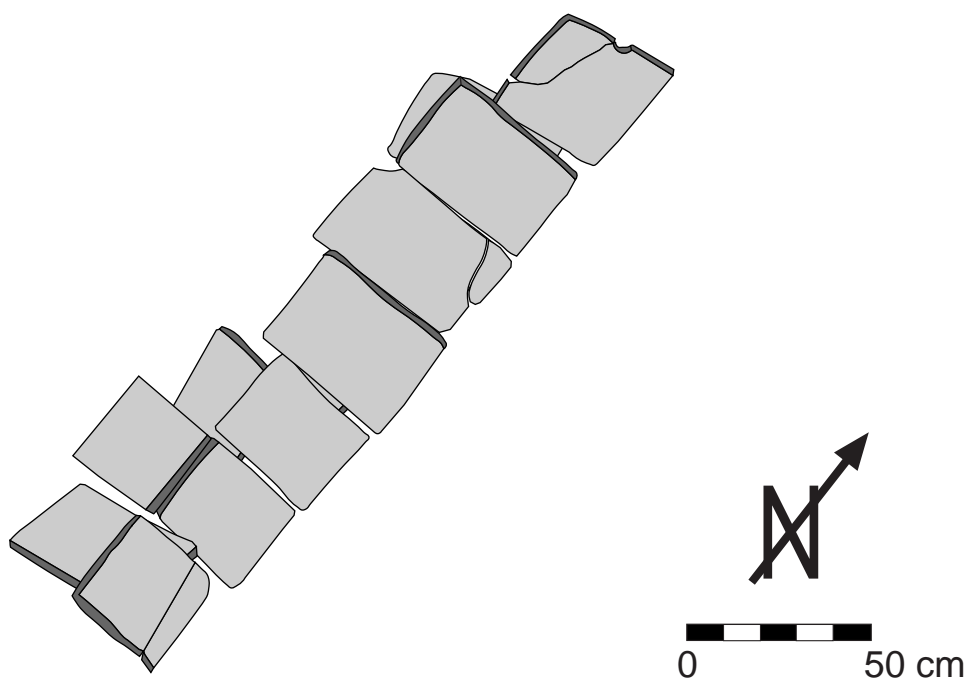


Figura 90 - Sepultura 31



Figura 91 - PC 3818

Dimensões – Comprimento: 106 cm; largura: 42 cm; Altura: 33 cm

Orientação: Norte/Sul

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário:

Pratel (PC 3627)

Pratel em cerâmica comum de bordo direito boleado, de parede levemente curvada e fundo plano. Apresenta evidentes sinais de uso – superfície queimada, fundo gasto. (Figura 89)

Dimensões: Altura 5,7 cm; diâmetro do bordo 15,3 cm; diâmetro do fundo 8,4 cm.

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol, tipo 1.1.2.1. e 1.1.2.2. (Santos, 2011, p. 52-53, Estampa I); São Cucufate Forma I-A-1 (Pinto, 2003, p. 159); Forma 6-a e 6-b (Nolen, 1985, p. 200)

Cronologia: Século IV-V.

Localização: Aos pés do defunto.

Potinho (PC 3912)

Potinho em cerâmica comum de bordo voltado para o exterior com pequena aba oblíqua espessada, geralmente com asas verticais que nascem sobre o bordo e terminam a meio da pança sobre canelura bem demarcada, de corpo com perfil tendencialmente ovóide. Grupo técnico de fabrico 1.

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol, tipo 2.3.4.1. (Santos, 2011, p. 85-86, Estampa XXV).

Dimensões: Muito fragmentado, impossível de determinar.

Cronologia: Segunda metade do século III, inícios século IV.

Localização: Aos pés do defunto.

Interpretação – E existência de uma tijoleira a servir de apoio de cabeça demonstra tratar-se de uma inumação, em posição de decúbito supino.

Cronologia – Século IV/V d.C., com base na cronologia do espólio.

4.22. SEPULTURA 31

Grupo – C; **Subgrupo** – C.1.

Arquitectura: Sepultura em vala simples escavada no substrato. A cobertura em duas águas é composta por sete pares de tijoleiras. (Figura 90)

Dimensões: Comprimento: 215 cm; largura: 61,5 cm.

Orientação: Norte/Sul, com cabeça a sul.

Rituais funerários: Inumação em posição de decúbito supino. Foi possível determinar a forma do enterramento uma vez que se preservou o molde do esqueleto (Anexo 2: Ilustração 13)

Mobiliário funerário

Tigela (PC 3818)

Tigela em cerâmica comum de bordo direito boleado, de corpo hemisférico e fundo plano. Assimétrica. Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 91)

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol Tipo 1.3.2.1 (Santos, 2011, pp. 60-61, Estampa VI); S. Cucufate tipo III-A-1 (Pinto, 2003, p. 221).

Dimensões: Altura – 6,3 cm; Diâmetro do bordo – 17,5 cm; diâmetro do fundo – 6,9 cm.

Cronologia: Século IV-V

Localização: Aos pés do defunto.

Lucerna (PC 3905)

Disco circular separado da orla por uma moldura, com orifício de alimentação central. Orla decorada com 5 fiadas de pérolas (glóbulos) concêntricas. Bico arredondado com evidente uso (bico queimado). Asa sobrelevada. Fundo circular em anel. Pasta fina embora com algumas inclusões mais grosseiras (quartzo e feldspato). Grupo técnico de fabrico 1. (Figura 92)

Tipologia e paralelos: Tipo Dressel 30; Deneauve VIIIB. Mérida (Martín, 2002).

Dimensões: Altura 4,5 cm; Comprimento - 11,5 cm; Largura máxima - 8,2 cm; largura do fundo - 4,5 cm.

Cronologia: Século III/IV d.C.

Localização: Aos pés do defunto.

Taça em vidro (PC 3906)

Taça hemisférica em vidro incolor, de bordo em aresta viva (ou polida ao torno), de perfil em S suave, quase imperceptível. Base ápode convexa ou ligeiramente aplanada. (Cruz, 2009, Vol. 2, p. 113)

Peça em vidro de forma indeterminada (atendendo ao estado de conservação e fragmentação)



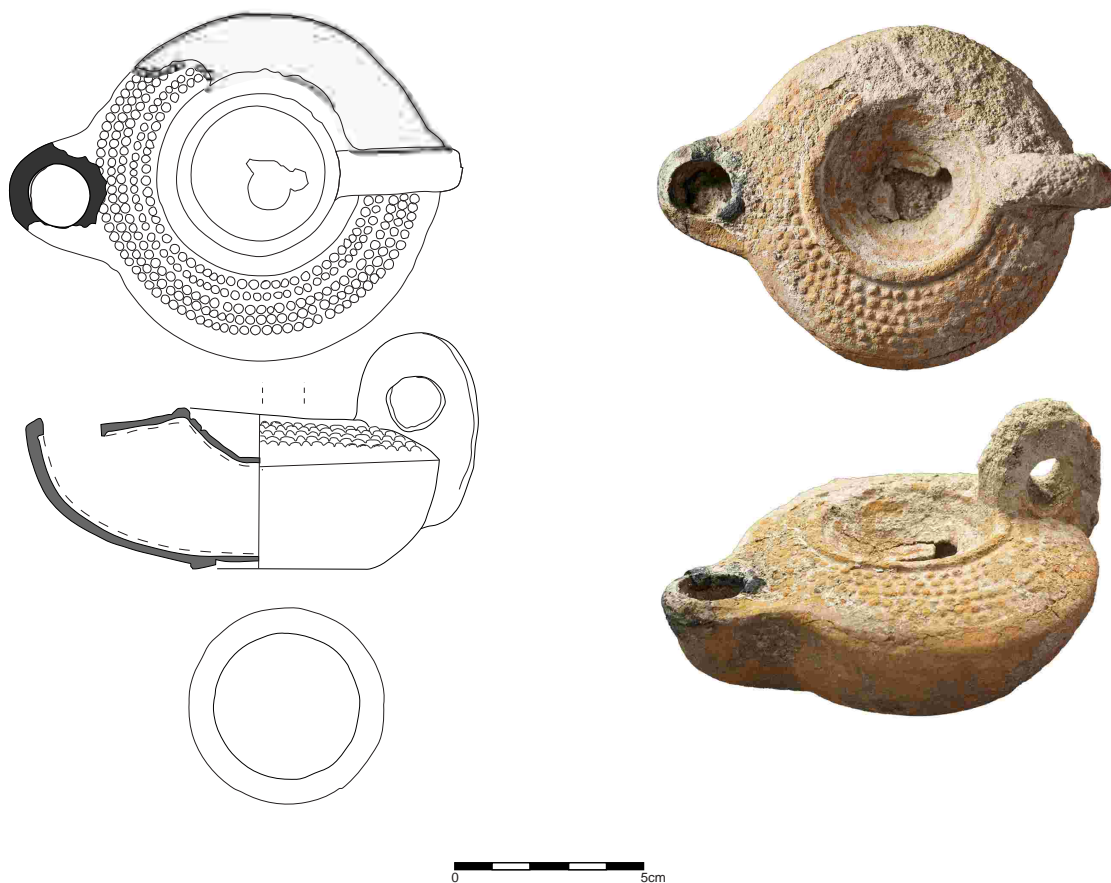


Figura 92 - PC 3905

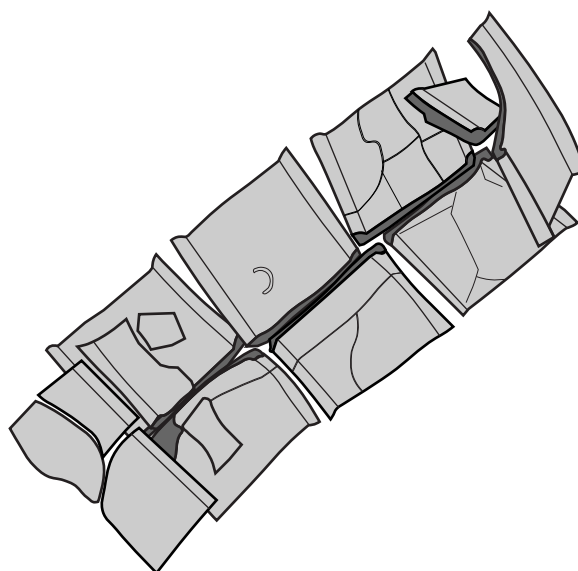


Figura 93 - Sepultura 32

Moeda

MAGNENTIVS (Sabrosa, 1996)

Cronologia: 350 a 353

Pregos

Interpretação – Sepultura de inumação com deposição primária em posição de decúbito supino. Excepcionalmente preservou-se parte do esqueleto ou o seu molde, não tendo sido possível o seu levantamento.

Cronologia – Segunda metade do século IV / século V d.C., com base na cronologia do espólio.

4.23. SEPULTURA 32

Grupo – D; **Subgrupo** – D.2.

Arquitectura: Vala simples com cobertura em duas águas composta por três pares de *tegulae*. Fragmentos menores de *tegulae* localizados nos topos completam a tampa. (Figura 93)

Dimensões – Comprimento: cerca de 165 cm; largura: cerca de 65 cm.

Orientação: Norte/Sul

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário

Tigela (PC 3810)

Tigela em cerâmica comum de bordo ligeiramente voltado para o exterior, parede vertical, de carena baixa pronunciada. Fundo plano. (Figura 94)

Dimensões: Altura – 6,1 cm; Diâmetro do bordo – 13,2 cm; diâmetro do fundo – 6,8 cm.

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol, tipo 1.3.2.2 (Santos, 2011, p. 61, Estampa VI); São Cucufate Tipo III-A-4 (Pinto, 2003, p. 232), onde se afirma que resulta da forma Hayes 14A.

Cronologia: Finais de séc. III – séc. IV

Localização: Aos pés do defunto.



Tigela (PC 3811)

Tigela em cerâmica comum de bordo boleado, parede ligeiramente oblíqua, com carena baixa pouco pronunciada. Pé destacado plano. (Figura 95)

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol, tipo 1.3.2.2 (Santos, 2011, p. 61, Estampa VI); São Cucufate Tipo III-A-4 (Pinto, 2003, p. 232).

Dimensões: Altura - 8 cm; Diâmetro bordo - 21 cm; diâmetro do fundo – 8,4 cm.

Cronologia: Finais de séc. III – séc. IV

Localização: Aos pés do defunto.

Potinho em cerâmica comum de forma indeterminada (atendendo ao estado de conservação e fragmentação)

Interpretação – Sepultura de inumação com deposição primária em posição de decúbito supino.

Cronologia – Século IV, com base na cronologia proposta para o espólio.

4.24. SEPULTURA 33

Grupo C; Subgrupo C2

Aspectos construtivos: Caixa rectangular escavada no substrato, revestida lateralmente com quatro tijoleiras rectangulares colocadas na vertical, apoiadas no lado maior, e uma *tegula* em cada extremidade, na mesma posição. O fundo é o próprio substrato onde a sepultura foi escavada. A cobertura em duas águas é composta por três pares de tijoleiras. (Figura 96)

Dimensões – Comprimento: 220 cm; largura: 64 cm; Altura: 34 cm

Orientação: Norte/Sul

Rituais funerários: Inumação

Mobiliário funerário:

Prato de terra *sigillata* clara D (PC 3620)

Parede baixa, recurvada, bordo de aba larga, com duas caneluras. Fundo interno côncavo delimitado por duas caneluras. O centro decorado com dois conjuntos de quatro caneluras concêntricas separadas por motivos florais do tipo 28 de Atlante (Atlante, 1981, Estampa LIX(a), p. 130). Face externa com entalhes verticais. (Figura 97)

Tipologia e paralelos: Forma Hayes 59a (Hayes, 1972, p. 96 e 100).



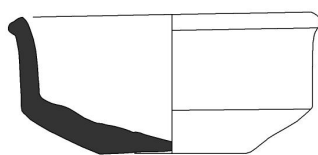


Figura 94 - PC 3810



5cm



Figura 95 - PC 3811

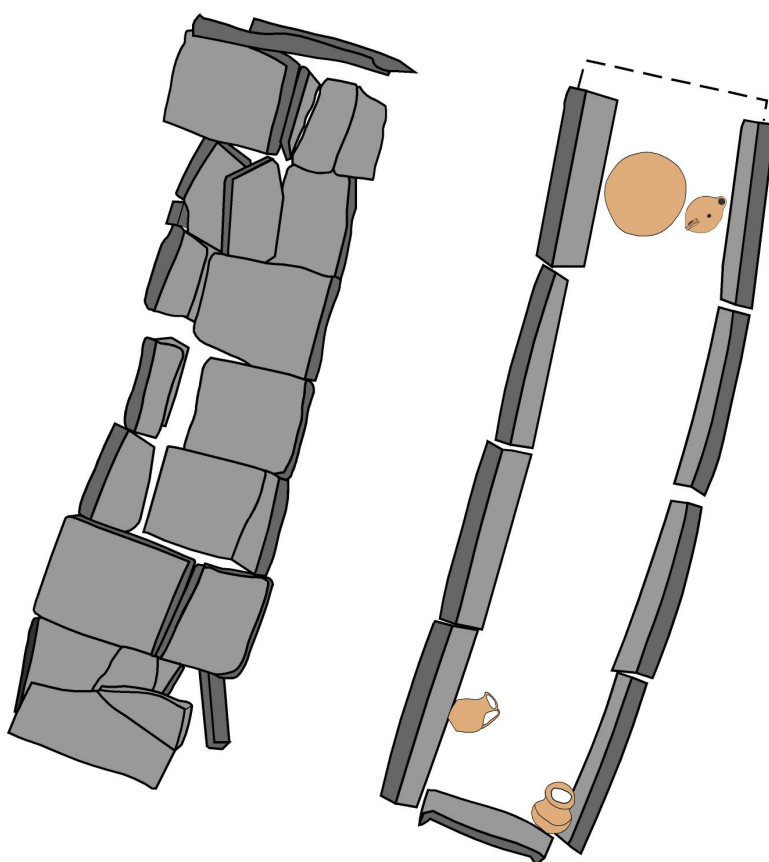


Figura 96 - Sepultura 33

0 50 cm

Dimensões: Altura 3 cm; Diâmetro do bordo – 23,8 cm; largura do fundo 14,4 cm.

Cronologia: Início de século IV a início do século V.

Localização: Aos pés do defunto.

Jarro (PC 3619)

Jarro em cerâmica comum de bordo boleado voltado para o exterior e colo alto, separado do corpo por carena pronunciada. Com asa, de corpo com perfil tendencialmente globular e fundo côncavo. (Figura 98)

Tipologia e paralelos: Quinta do Rouxinol, Tipo 2.4.4.2 (Santos, 2011,p. 201; Estampa XXVIII)

Dimensões: Altura – 11,5 cm; Diâmetro do bordo - 8,6 cm; diâmetro do fundo – 6,1 cm; largura no bojo – 11,8 cm.

Cronologia: Século IV a V d.C.

Localização: À cabeceira, do lado direito do defunto.

Faca

Lâmina de faca em ferro. (Figura 99)

Dimensões: Comprimento: 9 cm; Largura: 2,7 e 0,80 cm ; Espessura: 4/5 cm.

Localização: Aos pés.

Ponta de lança (PC 3816)

Ponta de lança em ferro, com nervura central. Conserva o encaixe no cabo da lança. Em tudo semelhante às identificadas na sepultura 16. (Figura 100)

Paralelos: Necrópole da Amendoeira de Cima (Mértola) (Rosalino, 1986);

Dimensões: Comprimento: 24cm; Largura máxima: 3,2 cm;

Cronologia: Século III d.C.

Localização: próximo da zona dos pés, à esquerda, prolongando-se ao longo do corpo.

Lucerna (PC 3626)

Forma oval, orla plana decorada com fiadas concêntricas de pérolas. O disco, côncavo, decorado com busto barbado bastante rude, cabeça ligeiramente inclinada à esquerda, rodeada igualmente por fiadas de pérolas em continuidade com as da orla. Orifício de alimentação lateral, à esquerda do busto. Asa arranca do limite da



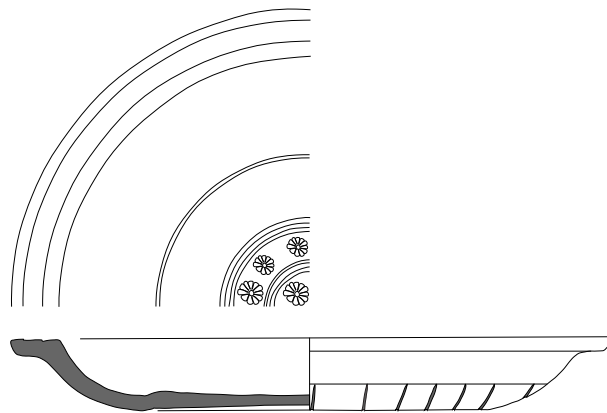


Figura 97 - PC 3620

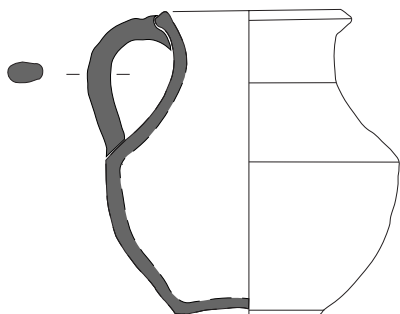


Figura 98 - PC 3619



orla até ao disco e tem 2 sulcos longitudinais. Fundo plano. Vestígios de uso (bico queimado). Ao contrário da maior parte das lucernas a decoração desta peça apresenta-se invertida. (Figura 101)

Tipologia: Desconhecida

Paralelos: Desconhecidos

Dimensões: Altura 4,1 cm; Comprimento – 12,6 cm; largura do fundo 8,1 cm.

Cronologia: Século III/IV d.C.

Localização: Aos pés do defunto.

Potinho

Potinho em cerâmica comum, bastante fragmentado, pelo que não é possível representá-lo. Enquadra-se, no entanto, na tipologia das restantes peças desta forma identificadas na necrópole. (PC 3909)

Tipologia e paralelos:

Dimensões: N/A

Cronologia: Século III a IV

Localização: Aos pés do defunto.

Peça em vidro (não localizado no local de depósito)

Localização: à cabeceira, do lado esquerdo do defunto.

Jarro (não localizado no local de depósito)

Localização: Aos pés.

Fíbula (não localizada no local de depósito)

Localização: ao centro, à esquerda do defunto

3 pregos em ferro

Dimensões: Comprimento: 7 cm

Localização: Aos pés.

Interpretação – Sepultura de inumação com deposição primária em posição de decúbito supino..

Cronologia – Séculos IV - V com base na cronologia proposta para o espólio.



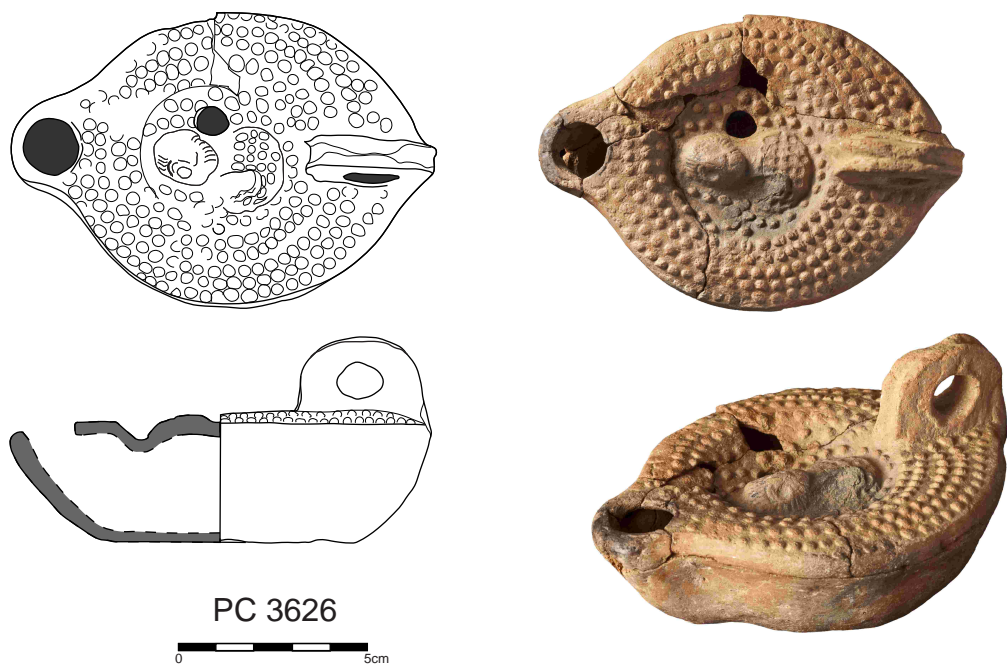
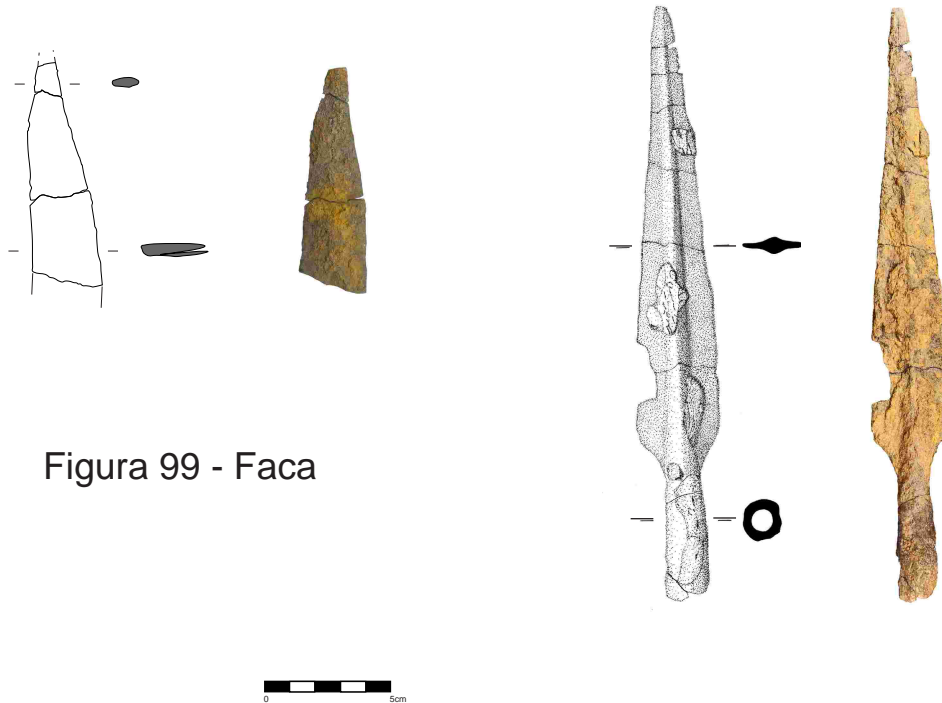


Figura 101 - PC 3816

4.25. SEPULTURA 36

Grupo – D; Subgrupo – D.3.

Arquitectura: Caixa rectangular escavada no substrato, revestida lateralmente com três *tegulae* rectangulares colocadas na vertical, apoiadas no lado maior. Não foram identificados os limites nas extremidades da sepultura. O fundo é o próprio substrato onde a sepultura foi escavada. A cobertura estava destruída. (Figura 102)

Rituais funerários: Inumação

Dimensões: Comprimento: 170 cm ; largura: 56 cm; Altura: 39 cm

Orientação: Norte/Sul

Mobiliário funerário

Prato em terra *sigillata* clara C (PC 3271)

Prato de grandes dimensões, parede esvasada rectilínea e bordo de lábio semi-circular. Fundo côncavo, com uma canelura, apresentando sinais de uso/desgaste. Nas paredes são visíveis sinais de alisamento. (Figura 103)

Tipologia e paralelos: Forma 50a de Hayes (Hayes, 1972, pp. 69-73).

Dimensões: Altura 5,7 cm; Diâmetro do bordo – 28,6 cm; largura do fundo 17 cm.

Cronologia: Entre 230/40 e 325 (Hayes, 1972, pp. 69-73)

Localização: Aos pés do defunto.

Potinho (PC 3902)

Potinho em cerâmica comum, bastante fragmentado, pelo que não é possível representá-lo. Enquadra-se, no entanto, na tipologia das restantes peças desta forma identificadas na necrópole.

Tipologia e paralelos:

Dimensões: N/A

Cronologia: Século III a IV

Localização: Aos pés do defunto.

Pregos

Interpretação – Sepultura de inumação com deposição primária em posição de decúbito supino..

Cronologia – Séculos III-IV com base na cronologia proposta para o espólio.

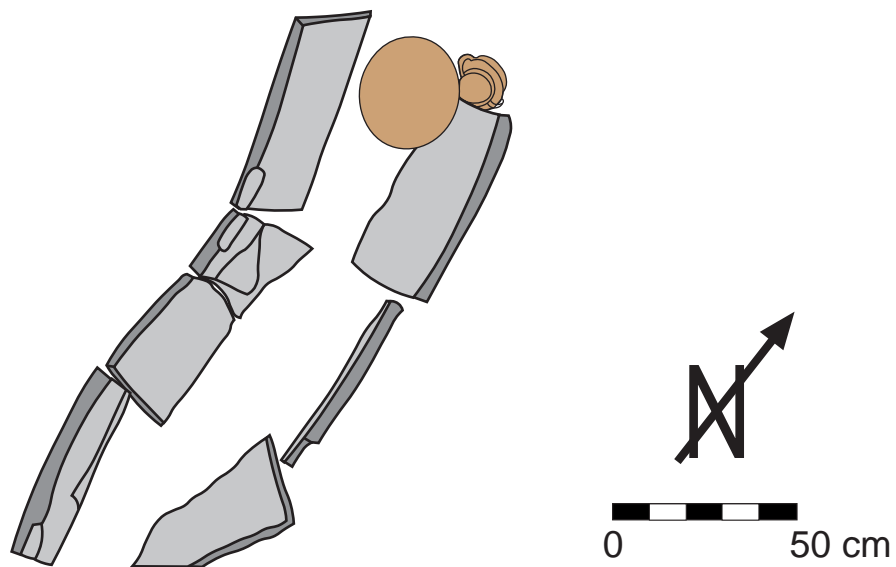


Figura 102 - Sepultura 36

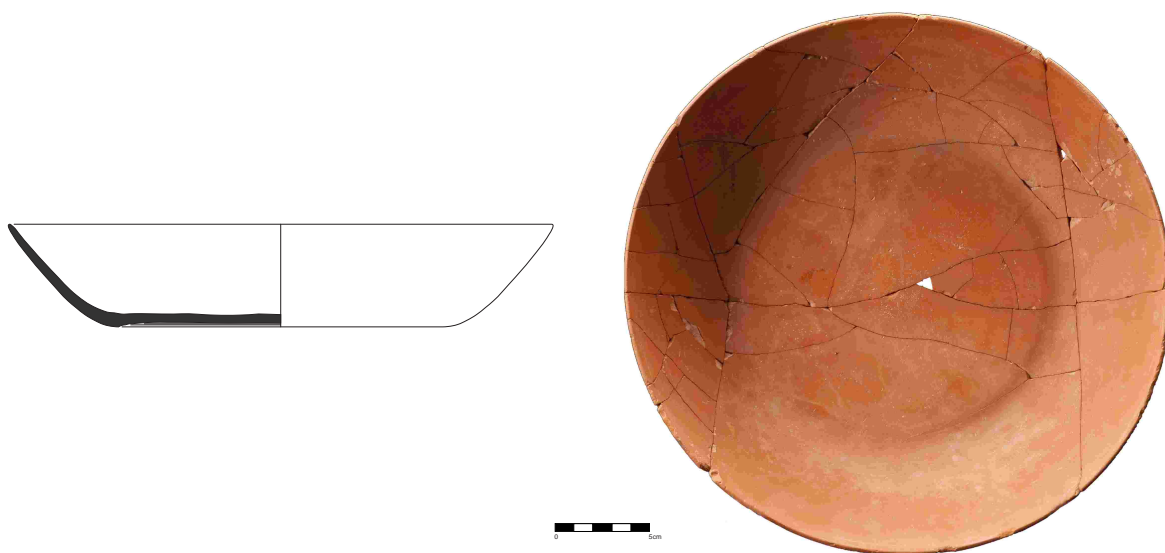


Figura 103 - PC 3271

4.26. SEPULTURA 37

Grupo – E

Arquitectura: Caixa rectangular escavada no substrato geológico, revestida com cinco fiadas de tijolos sobrepostos. A cobertura é constituída por tijoleiras formando uma falsa cúpula (Fig. Z), coberta com pedras de calibre diverso. Cobrindo esta estrutura estaria uma camada de *opus signinum*⁸. No fundo foram identificadas duas fiadas de tijolos paralelepípedicos, perpendiculares ao comprimento da sepultura, sendo de admitir que terá existido uma terceira e que constituiriam os apoios para um caixão. (Figuras 104, 105 e 106); (Anexo 2: Ilustração 14 a 17)

Paralelos: Tróia, (Grândola) (Almada e Paixão, 1978); Cartagena, Espanha (Caparrós e Reverte, 1995)

Rituais funerários: Inumação.

Vestígios osteológicos: Foram identificados diversos ossos (crânio, ossos longos dos braços e pernas), depositados na extremidade norte da sepultura. Estes terão sido deslocados quando a sepultura foi violada.

Dimensões da caixa: Comprimento: 220 cm; largura: 65 cm; Altura: cerca de 60 cm

Dimensões da cobertura: Comprimento: 270 cm; largura: 170 cm;

Orientação: Norte/Sul

Mobiliário funerário – Não foi identificado espólio no seu interior. A sepultura apresentava claros sinais de violação em período ainda romano, como se pode comprovar por materiais encontrados na zona de destruição e que são deste período. Podemos apenas especular que esta sepultura estaria ricamente “mobilada”, quer pela sua monumentalidade no contexto desta necrópole, quer pelo facto de ter sido violada, o que não aconteceu em mais nenhuma sepultura deste conjunto.

Interpretação - Trata-se de uma sepultura de *mensa*, coeva das de Tróia (Grândola) e de Cartagena⁹, Espanha. As *mensae* representam um dado revelador de cristianização da população local, uma vez que estas sepulturas estão associadas ao ágape funerário (Del Amo, 1979). Terão sido adoptadas pelos primeiros cristãos uma vez que este costume foi proibido no Cânone LXIX do Concílio II de Braga, datado de 572 (Reverte e Caparrós, 1995).

⁸ No caderno de campo desta sepultura pode ler-se que “dentro da estrutura continua a existir grande quantidade de pedras, fragmentos de *opus signinum* e cerâmica de construção.” 20/07/1990

⁹ “(...) son de planta rectangular com aristas perfectamente definidas por piedras, grandes y medianas (...). El interior, macizo, se rellena con piedras mas pequeñas y tierra mezclada com argamassa. Todo el conjunto parece que iba recubierto por una capa de *opus signinum* (...)” (Caparrós e Reverte, 1995).



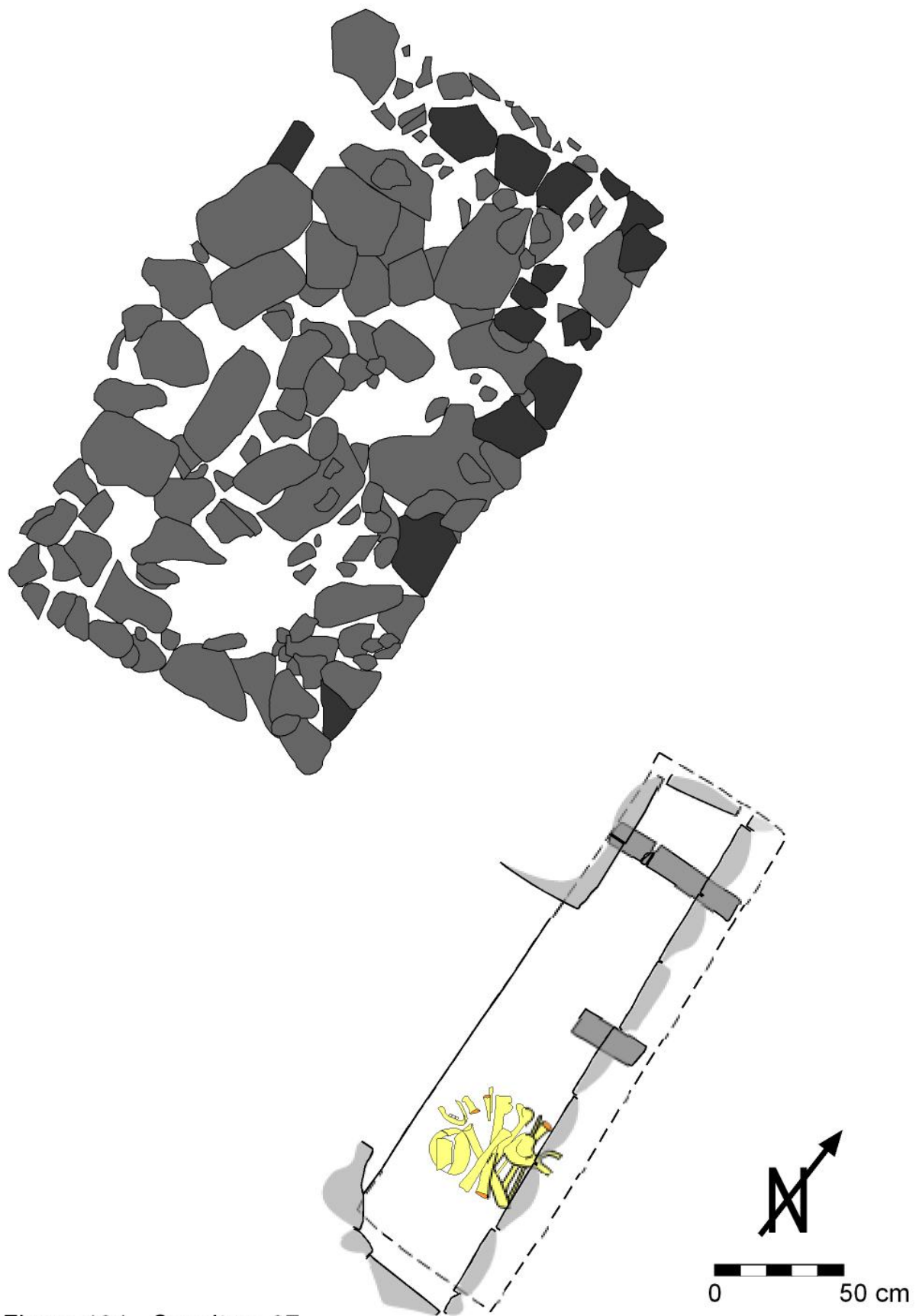


Figura 104 - Sepultura 37

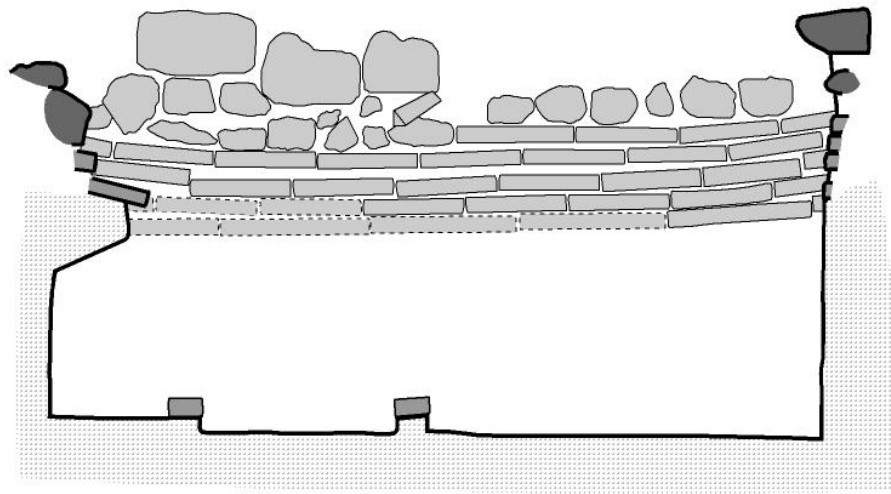


Figura 105 - Sepultura 37
Corte longitudinal

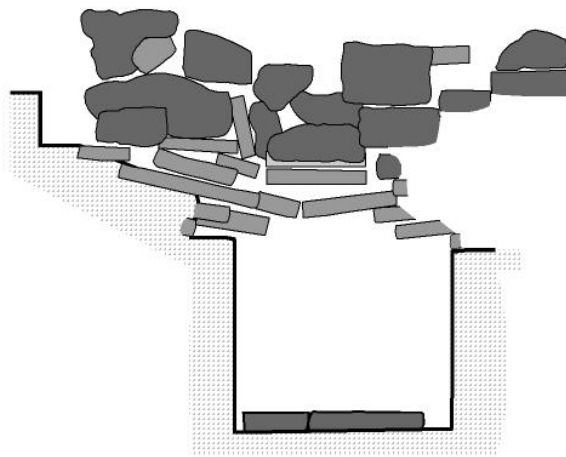


Figura 106 - Sepultura 37
Corte transversal

0 50 cm

Cronologia – Séculos IV - V com base na cronologia geral proposta para a necrópole.

5. CONCLUSÃO

A presença da necrópole nas proximidades da olaria do Porto dos Cacos é um sinal claro da existência de um povoado associado à mesma, que albergaria a população que ali trabalhava. No entanto, e apesar das prospecções efectuadas nas imediações, não foi ainda possível evidenciar vestígios da sua localização.

Na área escavada até à data (cerca de 375 m²), identificaram-se 37 enterramentos de tipologia diversa, num conjunto sepulcral coerente ao nível da sua organização, da arquitectura das sepulturas e da respectiva orientação. De acordo com a classificação de Pearson (Pearson, 1999)¹⁰, o espaço obedece a uma distribuição linear segmentada, com as sepulturas em alinhamentos paralelos orientados Norte-Sul e Este-Oeste, ainda que estes últimos sejam menos perceptíveis e necessitem de confirmação em trabalhos futuros, que alarguem a área escavada. Pode-se, no entanto avançar a possibilidade de, a sul, estarmos num dos limites deste espaço sepulcral uma vez que nas sondagens aí realizadas não se identificaram sepulturas.

Com base na tipologia construtiva, procurámos verificar da existência de sectores onde pudesse predominar determinado tipo de sepulturas. Para tal associámos a cada Grupo e Subgrupo uma determinada cor (Figura 19). Constata-se que a distribuição dos tipos de sepultura é aleatória, não sendo evidente a existência de sectores diferenciados dentro do espaço sepulcral estudado.

Tendo presente a diacronia proposta para a necrópole (séculos IV-V), parece-nos possível detectar duas fases de utilização da mesma, ainda que o período em causa seja relativamente pequeno (menos de 200 anos) e os materiais datantes ofereçam pouca resolução. Numa primeira fase, integram-se todas as sepulturas com orientação Norte-Sul, que correspondem aos grupos A, C, D e E, as quais, na grande maioria, apresentam espólio funerário associado. Na segunda, incluem-se as sepulturas do Grupo B, com orientação Este-Oeste e com ausência de espólio associado, para além das ânforas utilizadas na sua cobertura. Para a distinção deste faseamento atendeu-se

¹⁰ Segundo este autor, a organização dos cemitérios pode ser: linear, quando as sepulturas se dispõem em linha, sem outro tipo de organização; linear segmentada, para alinhamentos das sepulturas na mesma direcção, tanto no sentido vertical como no horizontal, com os pés de um defunto junto à cabeça do outro; concêntrica, quando na origem do espaço se encontra um templo ou outro elemento distintivo (que pode ser a sepultura de um santo ou de um nobre), dispondo-se as sepulturas em seu redor, de forma concêntrica.



Nº Sep.	Tipologia	Orientação	Ritual funerário	Mobiliário funerário								Cronologia
				Cerâmica Comum	Sigilata	Vidro	Moeda	Metal	Ornamento	Outros	Total	
1	Grupo C2	N/S	Inumação	-	-	-	-	-	-	-	0	Séc. IV-V
2	Grupo C3	N/S	Inumação	1	-	-	-	-	-	-	1	Séc. IV-V
3	Grupo C2	N/S	Inumação	2	-	-	-	-	6	-	8	Séc. IV-V
5	Grupo C2	N/S	Inumação	-	-	-	-	-	-	-	0	Séc. IV-V
6	Grupo C2	N/S	Inumação	1	-	-	1	-	-	-	2	Séc. IV
7	Grupo D3	N/S	Inumação	5	-	-	1	-	-	-	6	Séc. IV-V
8	Grupo C2	N/S	Inumação	4	1	-	1	2	1	1	10	Séc. IV
10	Grupo D1	N/S	Inumação	1	-	-	-	-	-	-	1	Séc. IV-V
12	Grupo C2	N/S	Inumação	3	-	-	1	-	-	-	4	Séc. IV-V
14	Grupo C1	N/S	Inumação	-	-	-	-	-	-	-	0	Séc. IV-V
15	Grupo A	N/S	Inumação	2	-	1	-	-	-	-	3	Séc. IV-V
16	Grupo C3	N/S	Inumação	2	-	1	4	8	-	1	16	Séc. IV
20	Grupo C2	N/S	Inumação	1	2	-	-	-	1C	-	4	Séc. IV
23	Grupo B	E/O	Inumação	-	-	-	-	-	-	-	0	Séc. IV-V
24	Grupo C2	N/S	Inumação	1	-	-	-	-	1C	2	4	Séc. IV-V
25	Grupo A	N/S	Inumação	2	-	-	1	-	-	-	3	Séc. IV
26	Grupo A	N/S	Inumação	3	-	3	-	-	-	-	6	Séc. IV-V
27	Grupo A	N/S	Inumação	1	-	-	1	-	3	-	5	Séc. IV
28	Grupo B	E/O	Inumação	-	-	-	-	-	-	-	0	Séc. IV/V
29	Grupo B	E/O	Inumação	-	-	-	-	-	-	-	0	Séc. IV/V
30	Grupo C2	N/S	Inumação	2	-	-	-	-	-	-	2	Séc IV-V
31	Grupo C1	N/S	Inumação	2	-	2	1	-	-	1	6	Séc. IV-V
32	Grupo D2	N/S	Inumação	2	-	-	1	-	-	-	3	Séc. IV-V
33	Grupo C2	N/S	Inumação	3	1	1	-	3	-	3	11	Séc. IV-V
36	Grupo D3	N/S	Inumação	1	1	-	-	-	-	X	3	Séc. IV-IV
37	Grupo E	N/S	Inumação	-	-	-	-	-	-	-	0	Séc. IV-V

Quadro 4— Resumo dos dados obtidos para cada sepultura.

também à tipologia das sepulturas e às evidentes situações de sobreposição. É o caso da sepultura 23 (Fase 2), cuja implantação parece ter ignorado a existência da sepultura 1 (Fase 1). Referia-se que há também exemplos de sobreposição no que denominámos de Fase 1 – a sepultura 2 é construída sobre a sepultura 5, destruindo-a parcialmente –, mas estes não parecem revelar fases distintas da necrópole.

Sendo a orientação Norte-Sul predominante na Fase 1, a posição do corpo é a de decúbito supino – na sepultura 16 preservaram-se os ossos longos dos membros inferiores e na sepultura 31 conservou-se grande parte do molde do esqueleto (Anexo 2; Ilustração 13), claramente nesta posição. A cabeça é orientada a Sul, situação que é documentada pela presença, em algumas sepulturas, de telhas e tijolos que terão servido de apoio à mesma.

É habitual associar a orientação Norte-Sul ao culto pagão, enquanto a orientação Este-Oeste aparece normalmente associada à religião cristã. Esta diferença seria compatível com a proposta de periodização apresentada para o Porto dos Cacos (fases 1 e 2, respectivamente), correspondendo eventualmente a um aprofundamento progressivo dos rituais cristãos. No entanto, esta relação deverá ser tomada com cautela, uma vez que é evidente que alguns dos enterramentos da Fase 1 apresentam já indícios de cristianização, apesar de manterem a orientação Norte-Sul.

Outro aspecto relevante tem a ver com o número de “oferendas” encontrado em grande parte das sepulturas. Se excluídas as sepulturas do Grupo B / Fase 2 (caracterizadas, como se referiu, pela ausência de espólio funerário), e as sepulturas 15 (bastante destruída, o que justificará a inexistência de espólio) e 37 (violada ainda em período romano, eventualmente pelo valor do seu recheio), apenas duas sepulturas escavadas integralmente – 1 e 14 – não apresentavam qualquer “oferenda”. Todas as restantes 18 sepulturas forneceram espólio votivo, em número e qualidade variável.

Parece haver uma certa homogeneidade de estruturação na área de necrópole intervencionada, imagem que é corroborada pela ausência de elementos construídos para delimitação de sectores diferenciados no espaço funerário. Contudo, atendendo às características dos conjuntos artefactuais associados a cada sepultura, consideramos ser possível propor, pelo menos para a Fase 1, tratar-se de uma necrópole, ou uma área de necrópole, destinada a um grupo social com poder aquisitivo.

Numa outra perspectiva de abordagem, a dimensão das sepulturas indica-nos que se destinariam a enterramentos individuais. Encontram-se três comprimentos padrão nas



sepulturas escavadas, eventualmente adaptados a diferentes estádios de desenvolvimento dos defuntos. As sepulturas 1 e 3 têm cerca de 95 cm; as sepulturas 6, 7, 10, 29 e 30 entre 110cm e 115 cm; as restantes mais de 160 cm, com a maior de todas a chegar aos 220 cm (Quadro 5). Em relação às primeiras, concluímos tratar-se de sepulturas infantis, pela sua dimensão, mas também por exclusão da possibilidade de serem sepulturas de incineração, uma vez que nenhum dado do registo arqueológico aponta para a prática desse ritual (não foram identificados depósitos de cinzas).

Procurando estabelecer uma analogia entre o comprimento das sepulturas e o escalão etário dos defuntos, definimos a seguinte relação hipotética:

- a. Sepulturas até 120 cm correspondem a enterramentos de não adultos;
- b. Sepulturas com mais de 120 cm correspondem a enterramentos de juvenis/adultos.

Com base neste critério, contabilizámos 8 sepulturas de indivíduos não adultos e 14 de indivíduos jovens/adultos. Não foi possível determinar a dimensão de 3 sepulturas, pelo que foram contabilizadas como “indeterminadas”. A relação percentual entre estes dados encontra-se reflectida na Figura 107.

Apesar da diminuta presença de vestígios osteológicos, resultado das condições sedimentares e ambientais, verifica-se a prática generalizada da inumação. Diversos aspectos levam-nos a concluir que a maior parte dos defuntos terá sido sepultada sem caixão, eventualmente envoltos numa simples mortalha. O aspecto mais importante tem a ver com as próprias sepulturas, de dimensão insuficiente ou pouco adequada para albergar um caixão. As únicas excepções poderiam ser as sepulturas 23, 28 e 29, correspondentes ao Grupo B. Contudo, a escavação de duas destas sepulturas não confirma essa possibilidade, dada a ausência de vestígios de madeira e de pregos. A sepultura 37, pela sua especificidade, é a única onde pode colocar-se a possibilidade de enterramento com caixão, uma vez que se identificaram no fundo duas fileiras paralelas de tijolos (deverá ter havido uma terceira), para suspender o caixão e facilitar a recolha das cordas.

Considerando a cronologia do mobiliário funerário datante e o facto de, na estratigrafia detectada em escavação, a Camada 1, que sobrepõe a necrópole, apontar para um *terminus post quem* situado no século V, a diacronia geral do espaço associado a mediar a relação entre os vivos e os mortos no Porto dos Cacos abrangerá um período entre essa centúria e a anterior (séculos IV-V).



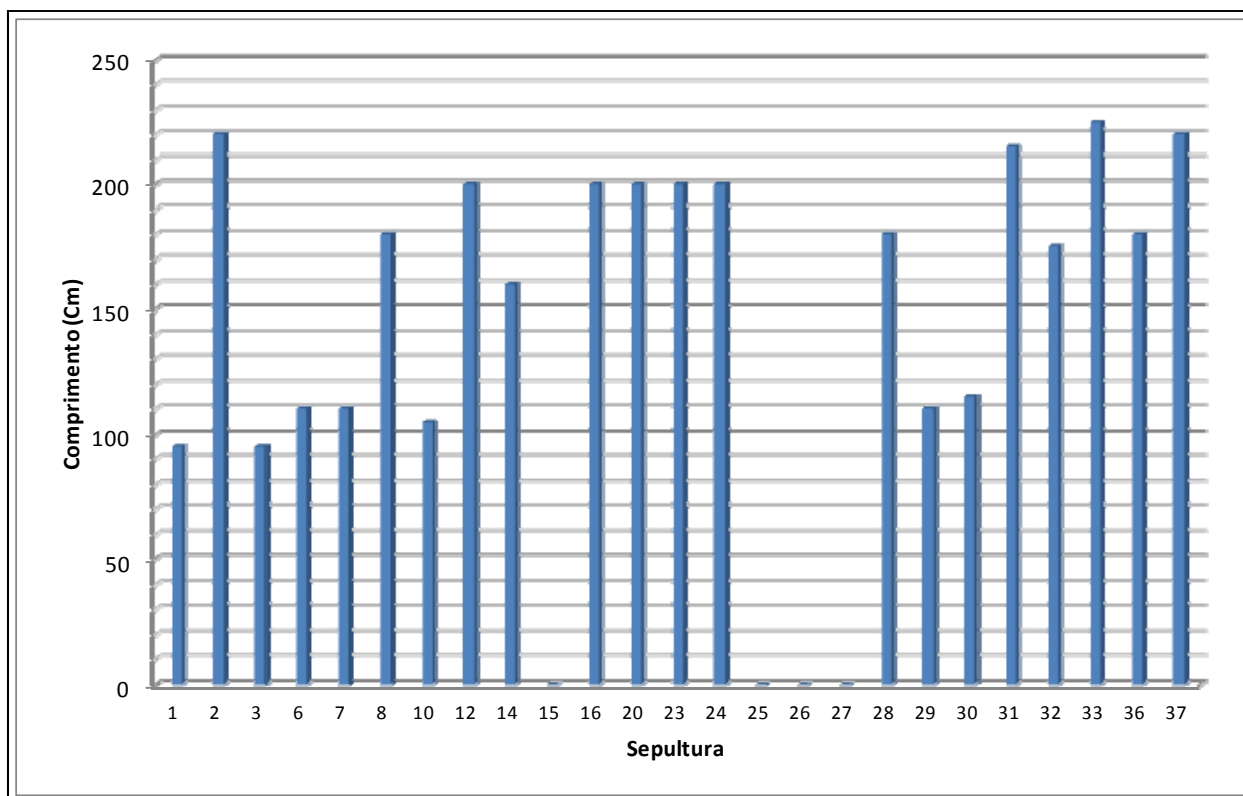


Figura 107 — Comprimento das sepulturas

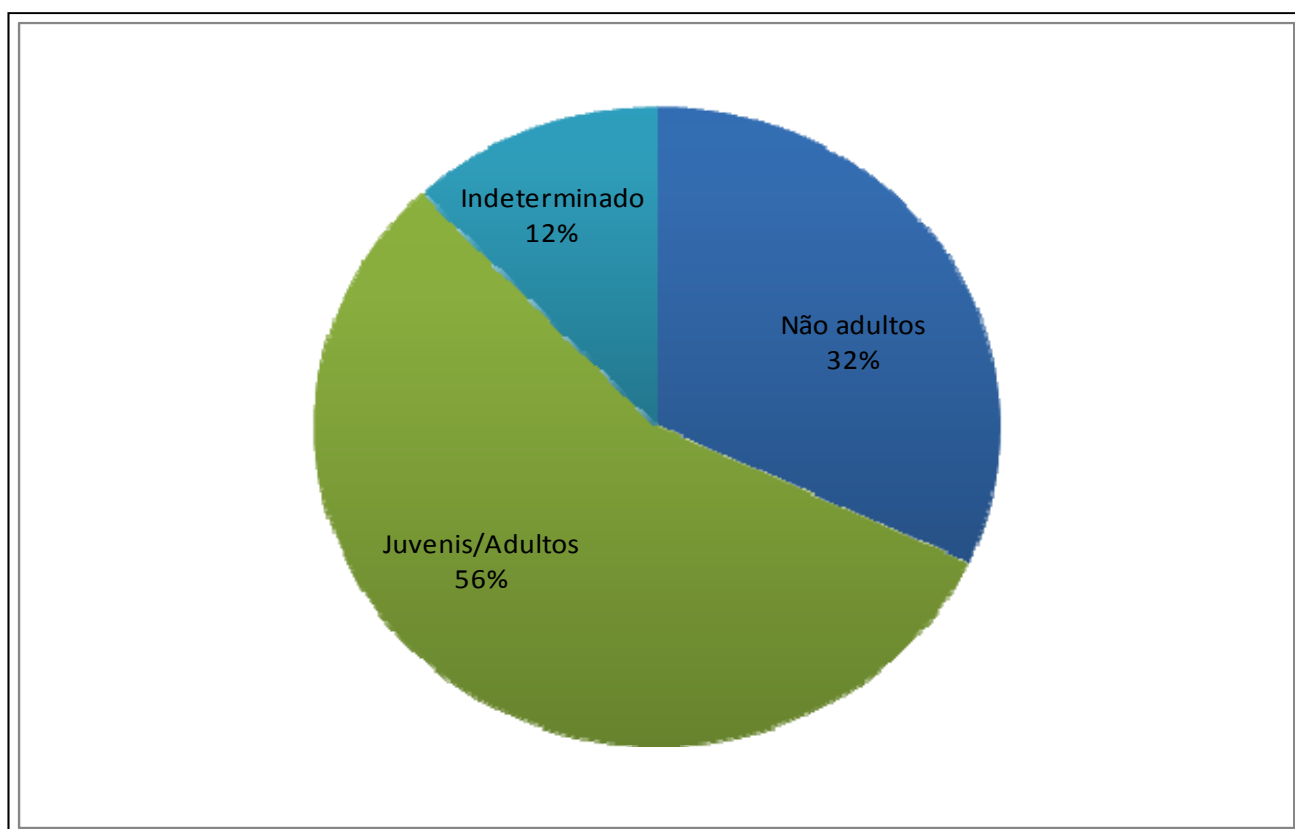


Figura 108— Percentagem de sepulturas por nível etário

Só o futuro alargamento da investigação a outras áreas da necrópole poderá confirmar se o uso do espaço para este fim mantém o enquadramento temporal agora indiciado, ou se o mesmo se alarga e aproxima da ocupação geral estimada para o sítio arqueológico, entre meados do século I e o início do século VIII, pelo menos.



6. BIBLIOGRAFIA

A.A.V.V. (1981) – *Atlante delle forme ceramiche, I. Ceramica fine Romana nel bacino Mediterraneo*. Enciclopedia Dell'arte Antica Clássica e Orientale. Roma 2.

ALARCÃO, J. (1975) – *Fouilles de Conimbriga*. Vol. V: La céramique commune, locale et régionale. Paris: Diff. de Boccard.

ALARCÃO, J. (1987). *Portugal romano*. Lisboa: Editorial Verbo.

ALARCÃO, J. (1988) - *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

ALARCÃO, A. (1997) - Portugal romano: a exploração dos recursos naturais (Catálogo de exposição). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

ALMEIDA, F. (1964) - Antiguidades da Egitânia: alguns achados dignos de nota. *Arqueologia Histórica*, Volume 11, pp. 95-101.

ALMEIDA, F., PAIXÃO, A., e PAIXÃO, J. (1978) - Um tipo raro de sepultura romana. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 321-335.

AMARO, C. (1982) - Casa dos Bicos - Notícia histórico-arqueológica. In *Arqueologia*, Vol. 6, Porto, pp. 96-110.

AMARO, C. (1990) - Olaria romana da Garroucheira, Benavente. In A. Alarcão, e F. Mayet (Ed.), *As ânforas lusitanas. Tipologia, produção, comércio (actas da mesa-redonda de Conimbriga, 1988)*. Coimbra/Paris: MMC/Diff. E. de Boccard, pp. 87-95.

ANTUNES, A. S. (2000) - Vidros romanos da alcáçova de Santarém, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 3; Número 2, pp. 153-200.

CARANDINI, A., e TORTORELLA, S. (1981) - La ceramica africana. In *Atlante delle forme ceramiche. Ceramica fina romana nel bacino mediterraneo (medio e tardo impero)*. Roma: Istituto della Enciclopédia Italiana.

BALFET, H., FAUVET-BERTHELOT, M.-F., e MONZÓN, S. (1992) - *Normas para la descripción de las vasijas cerámicas*. México: Centre d'Études Mexicaines e Centraméricaines (CEMCA).

BARBOSA, R. P., e ALDANA, P. (2005) - *Sítio arqueológico da Quinta da Torrinha, Monte de Caparica - Almada*. Avaliação de Impacte Ambiental do Projecto de Construção do Metro Sul do Tejo, Palimpsesto.

BELCHIOR, C. (1969) - *Lucernas romanas de Conímbriga*. Conímbriga: Museu Monográfico de Conímbriga.

BELTRÁN LLORIS, M. (1978) – *Cerámica romana: tipología y clasificacion*. (2 vols) Zaragoza: Pórtico.

BELTRÁN LLORIS, M. (1990) – *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Pórtico.



- BELTRÁN LLORIS, M. (1978) – *Cerámica romana: tipología y clasificación*. (2 vols) Zaragoza: Pórtico.
- BERGER, L. (1960). *Römische Glasser aus Vindonissa*. Basileia: Birkhauser Verlag.
- BETRIU, R. C. (2005) - *Las lucernas romanas. Conceptos e principios tipológicos (Una aproximación a su definición)*. Tese de Doutoramento, Universitat de Barcelona, Departament de Prehistòria, Història Antiga y Arqueologia. Facultat de Geografia Y Història, Barcelona.
- BONIFAY, M. (2004) - *Etudes sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford: Archaeopress
- BRAGA, C. M. (2010) - *Rituais funerários em Bracara Augusta: o novo núcleo de necrópole da Via XVII*. Braga: Universidade do Minho.
- BUGALHÃO, J. (1998) - O povoamento rural romano no Alentejo: contribuição da arqueologia preventiva. *Revista Portuguesa de Arqueologia, Volume 1. Número 2*, pp. 123-136.
- BUGALHÃO, J. (2001) - A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. *Trabalhos de Arqueologia*, nº 15, Lisboa.
- CABRAL, M^a. E. (1974-1977) – Lucernas romanas de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, vol. 7-9, p. 347-354.
- CABRAL, M^a. E. (1976-1977) – Lucernas romanas de Miróbriga (Museu Municipal de Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. II-III, p. 455-463.
- CABRAL, J., GOUVEIA, M., e MORGADO, I. (1996) - Caracterização química das produções de ânforas do Vale do Tejo: I – Porto dos Cacos. In FILIPE G., e RAPOSO, J. (Ed.), *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*, Lisboa: Câmara Municipal do Seixal e Publicações Dom Quixote, pp. 301-322.
- CAPARRÓS, M., E REVERTE, M. (1995) - Tipologia de enterramientos en la necrópolis de San Antón en Cartagena. *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, pp. 173-182.
- CARDOSO, G. (2006) - As cetárias da área urbana de Cascais. In SILVA, C. T. e SOARES, J. (Ed.), *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal Arqueológica, 13, pp. 145-150.
- CARRATELLI, G. P. (1981) - *Atlante delle forme ceramiche. Ceramica fine romana nel bacino mediterraneo (medio e tardo impero) (Vol. I)*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.
- COELHO, A., e CARDOSO, J. (1990) - *Estudos sobre pastas de ânforas do Vale do Tejo e do Vale do Sado: análises macro e microscópicas*. Conímbriga: Museu Monográfico de Conímbriga.



- COELHO-SOARES, A., e SILVA, C. T. (1978) - Ânforas romanas da área urbana de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 4, pp. 171-201.
- COELHO-SOARES, A., e SILVA, C. T. (1979) - Ânforas romanas da Quinta da Alegria (Setúbal). *Setúbal Arqueológica*, 5, pp. 205-221.
- CONNOLLY, P. (1998) - *Greece and Rome at war*. Londres: Greenhill Books.
- CRAVINHO, G. (2004) - O mais antigo vestígio judaico Península Ibérica. In *Cadernos de Estudos Sefarditas*, Nº 4, pp. 233-242.
- CRAVINHO, G., e AMORAI-STARK, S. (No Prelo) - Christian Gems from Portugal in context. (C. ENTWISTLE, & N. ADAMS, Edits.) *Gems of heaven: recent research on engraved gemstones in Late Antiquity, c. 200-600*, 170, p. 123.
- CRUZ, M. (2009) - *O vidro romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais.
- DEL AMO, M. D. (1979) - *Estúdio crítico de la necrópolis Paleocristiana de Tarragona*. Diputació Provincial de Tarragona: Institut d'Estudis Tarraconenses Ramón Berenguer IV.
- DELGADO, M., MORAIS, R., e RIBEIRO, J. (2009) - *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Braga: CITCEM.
- DENEAUVE, J. (1969) – *Lampes de Carthage*. Paris.
- DIOGO, A. M. (1983) - Fornos de ânforas do Monte da Enchurrasqueira e do Vale da Cepa. Notícia preliminar. *Conimbriga*, 22, pp. 209-215.
- DIOGO, A. M. (1994) - Cetária da rua dos Fanqueiros. In SANTANA, F. e LUCENA, E. (Edits.), *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, Lda., pp. 267-268.
- DUARTE, A. L. (1990) - Quinta do Rouxinol. A produção de ânforas no vale do Tejo. In ALARCÃO, A., e MAYET, F. (Ed.), *As ânforas lusitanas. Tipologia, produção, comércio (actas da mesa-redonda de Conimbriga, 1988)*. Coimbra/Paris: MMC/Diff. E. de Boccard, pp. 97-115.
- DUARTE, A. L., e RAPOSO, J. M. (1996) - Elementos para a caracterização das produções anfóricas da Quinta do Rouxinol (Corroios/Seixal). In FILIPE G., e RAPOSO, J. (Ed.), *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal e Publicações Dom Quixote, pp. 237-247.
- ÉTIENNE, R., & MAYET, F. (1993-1994) - La place de la Lusitanie dans le commerce méditerranéen. *Conimbriga*, 32-33, pp. 201-218.
- FABIÃO, C. (1992) - O passado proto-histórico e romano. In MATTOSO, J., *História de Portugal*, Primeiro Volume. Lisboa: Circulo de Leitores, pp. 79-299
- FABIÃO, C. (1997) - A exploração dos recursos marinhos. In *Portugal romano. A exploração dos recursos naturais*. Lisboa: Instituto Português de Museus, pp. 35-75.



- FABIÃO, C. (1998) - O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 1, Número 1, pp. 169-198.
- FABIÃO, C.; GUERRA, A.; LAÇO, T.; MELRO, S.; RAMOS, A. C. (1998) – Necrópole romana do Monte Novo do Castelhinho (Almodôvar). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1: 1, p. 199-220.
- FABIÃO, C. (2004) - Centros oleiros da Lusitania: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In BERNAL, D. e LAGÓSTENA, L. (Ed.), *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. - VII d.C.)*. Oxford: BAR-IS 1266, pp. 379-410.
- FABIÃO, C., e GUERRA, A. (2004) - Epigrafia anfórica lusitana: um ponto de situação. In RODRIGUEZ, J. R. (Ed.), *Epigrafia anfórica*,. Barcelona, pp. 221-244.
- FABIÃO, C., DIAS, M., e CUNHA, M. (2008) - *Sit Tibi Terra Levis. Rituais funerários romanos e paleocristãos em Portugal*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação.
- FABIÃO, C., FILIPE, I., DIAS, M. I., GABRIEL, S., e COELHO, M. (2008) - Projecto "A Indústria de recursos haliêuticos no período romano: a fábrica da Casa do Governador da Torre de Belém, o estuário do Tejo e a fachada atlântica. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 1, pp. 35-40.
- FARIA, J. C. (2002) - *Alcácer do Sal ao tempo dos romanos*. Lisboa: Edições Colibri/C. M. Alcácer do Sal.
- FEUGÈRE, M. (1993) - *Les armes des romains*. Paris: Editions Errance.
- FRADE, H.; CAETANO, J. C. (2004) – Ritos funerários romanos. In MEDINA, J. (ed.) (2004) – *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. Vol. III, p. 143-159.
- GUERRA, A. (1982) - Escavar? Sim, obrigado! A resposta de Harris. *Almadan*, Número zero, pp. 8-10.
- GUERRA, A. (1996) - Marcas de ânfora provenientes do Porto dos Cacos (Alcochete). In FILIPE, G., e RAPOSO, J., *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal e Publicações Dom Quixote, pp. 267-282
- GUIRAL, J. G., e TAFALLA, M. (1993) - *Necropolis tardorromano del campus de Vazagana*. Leon: Universidad de Leon.
- HARRIS, E. C. (1991) - *Principios de estratigrafia arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.
- HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*. Londres: British School at Rome.
- ISINGS, C. (1957) - *Roman glass from dated finds*. Groningen e Jakarta: J. B. Wolters.
- LLORIS, M. B. (1990) - *Guía de la cerámica romana*. Saragoça: Libros Pórtico.
- MAIA, M. G., e MAIA, M. (1997) - *Lucernas de Santa Bárbara*. Castro Verde: Cortiçol.



- MANTAS, V. (1998) - Navegação, economia e relações interprovinciais. Lusitânia e Bética. *HVMANITAS*, Vol. L. Coimbra. Obtido de Universidade de Coimbra: http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas50/12_Mantas.pdf
- MARQUES, M. G., PEIXOTO, J. M., e MARINHO, J. R. (1995) - Ensaio sobre História Monetária da Monarquia Visigótica. *NVMMVS*, 3.
- MARTÍN, F. G. (2002) - *Lucernas romanas del Museo Nacional de Arte Romano (Mérida)*. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Secretaria de Estado de Cultura.
- MARTINS, M., e DELGADO, M. (1989/90) - As necrópoles de Bracara Augusta. *Cadernos de Arqueologia, Série II, números 6-7*, pp. 41-186.
- MATIAS, M. S. (1992) - Prospeção magnética em Porto dos Cacos. *Almadan, IIª Série*. 1, pp. 13-14.
- MATTOSO, J. (1992) - A difusão do Cristianismo na Hispânia. In MATTOSO, J., *História de Portugal*, Primeiro Volume. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 283-292.
- MAYET, F., SCHMITT, A., e SILVA, C. T. (1996) - *Les amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Diff. E. De Boccard.
- MONTEIRO, M. (2003) – *A necrópole romana de Casal de Pianos (S. João das Lampas, Sintra)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: policopiado.
- Munsell Soil Color Charts* (1994). New Windsor: Macbeth Division of Kollmorgen Corporation.
- NOLEN, J. U. (1985) - *Cerâmica Comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- NOLEN, J. U. (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torres de Ares, Balsa*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- PEACOCK, D. P., e WILLIAMS, D. F. (1991) - *Amphorae and the Roman economy*. Londres e Nova Iorque: Longman.
- PEARSON, M. P. (1995) – Tombs and territories: material culture and multiple interpretations. In Hodder, I., ed. – *Interpreting archaeology*. London: Routledge, p. 205-209.
- PEARSON, M. P. (1999) - *The archaeology of death and burial*. Londres: Sutton Publishing Limited.
- PEREIRA, C. S. (2008) - *As lucernas romanas de Scallabis*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Departamento de História da Faculdade de Letras, Lisboa.
- PÉREZ, S. P. (2004) - El sector tardo-romano de la necrópolis de Segobriga (Conventus Carthaginiensis, Saelices, Cuenca). *Iberia*, 7, pp. 159-172.



- PINTO, I. V. (2003) - *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- PONSIGH, M. (1963) - Les lampes romaines de la Collection Ingres (Musée de Montauban). In *Revue archéologique du Centre de la France, Tome 2, fascicule 2*, pp. 100-132.
- PUZON, M. R. (2004) - *Mundo funerario romano rural en la provincia de Granada durante la Antigüedad Tardía*. Granada: Universidad de Granada.
- RAMOS, I. S. (2005) - Las necrópolis de Corduba durante la Antigüedad Tardía. *Murcia*, 21, pp. 165-177.
- RAMOS, I. S. (2007) - La cristianización de las necrópolis de Corduba. Fuentes escritas y testimonios arqueológicos. *Archivo Español de Arqueología*, 80, pp. 191-206.
- RAPOSO, J. (1990) - Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas romanas no vale do Tejo. *Les amphore lusitaniennes. Typologie, production, commerce*. Conímbriga: Museu Monográfico de Conímbriga, pp. 117-151.
- RAPOSO, J. M., SABROSA, A. J., e DUARTE, A. L. (1995) - Ânforas do vale do Tejo. As olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete). *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (1993)*. Vol. VII. Porto: SPAE, pp. 331-352.
- RAPOSO, J., e DUARTE, A. L. (1996) - O forno 2 do Porto dos Cacos (Alcochete). In FILIPE, G., e RAPOSO, J. (Ed.), *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal e Dom Quixote, pp. 249-266.
- RAPOSO, J., FABIÃO, C., GUERRA, A., BUGALHÃO, J., SABROSA, A., DUARTE, A. L., GOUVEIA, M. A. (2005) - OREsT Project: Late roman pottery productions from the lower Tejo. In J. GURT i ESPARREGUERA, J.; BUXEDA i BARRIGÓS, e M. CAU ONTIVEROS (Eds) *Late roman coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry*. Oxford: Archaeopress (BAR - IS 1340), pp. 37-54.
- RIBEIRO, O. (1986) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de relações geográficas*. Lisboa: Sá da Costa.
- RIBEIRO, O. (1987) – *Introdução ao estudo da geografia regional*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H. (1987) – *Geografia de Portugal*. Vol. I. Lisboa: Sá da Costa.
- REVERTE, M. D., e CAPARRÓS, M. C. (1995) - Elementos para la datación cronológica de la necrópolis paleocristiana de San Antón de Cartagena. *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, pp. 162-172.
- ROLO, A. M. (2010) - *A necrópole romana da Rouca (Alandroal, Évora)*. Tese de Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Departamento de História da Faculdade de Letras, Lisboa.



ROSALINO, M. C. (1986) - Tratamento de peças de ferro da necrópole da Amendoeira de Cima. *Arquivo de Beja, Volume III-2ª Série*, pp. 113-120.

ROSKAMS, S. (2001) - *Excavation*. Cambridge: Cambridge University Press.

ROUMENS, M. R., e GARCÍA, M. I. (2005) - *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Barcelona: Institut Català de Arqueologia Clàssica.

SABROSA, A. (1996) - Necrópole romana do Porto dos Cacos (Alcochete). In FILIPE, G., e RAPOSO, J. (Ed.), *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal e Publicações Dom Quixote, pp. 283-300.

SÁNCHEZ, M. Á. (1992) - Cerámica común romana de Mérida. estudio preliminar. Cáceres: *Séries de Arqueologia Extremeña, nº3*. Universidad de Extremadura.

SANTOS, C. (2011) - *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Tese de Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Departamento de História da Faculdade de Letras, Lisboa.

SANTOS, V., SABROSA, A., E GOUVEIA, L. (1996) - Carta arqueológica de Almada. Elementos da Ocupação romana. In FILIPE, G., Raposo, J (Ed.), *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal e Publicações Dom Quixote, pp. 225-236.

SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, V. R. CORDEIRO (2000) – *Lucernas Romanas: catálogo*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras, Museu Municipal Leonel Trindade.

SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E. M.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2003) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 3: paredes finas, pasta depurada, engobe vermelho pompeiano e lucernas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 6, nº 2, p. 383-399.

SILVA, C. T. (1996) - Produção de ânforas na área urbana de Setúbal: a oficina romana do Largo da Misericórdia. In Filipe, G., e Raposo, J. (Ed.), *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal e Publicações Dom Quixote, pp. 43-54.

SILVA, C. T., e Coelho-Soares, A. (1980-1981) - A praça do Bocage (Setúbal) na época romana. Escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica*, 6-7, pp. 249-284.

SILVA, C. T., e COELHO-SOARES, A. (1987) - Escavações arqueológicas no Creiro (Arrábida). Campanha de 1987. *Setúbal Arqueológica*, pp. 221-237.

SILVA, R. B. (2005) – “*Marcas de oleiro*” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.). Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada à Universidade do Minho.

STEPHENSON, I. (2001) - *Roman infantry equipment. The later empire*. Gloucestershire: Tempus Publishing.



VAQUERIZO, D., coord. (2002) – *Espacios y usos funerarios en el Occidente Romano*. (2 vols.) Córdoba: Universidad de Córdoba.

VAQUERIZO, D. (. (2001) - *Funus Cordubensium. Costumbres funerarias en la Cordoba romana*. Córdoba, Espanha: Universidad de Córdoba.

VAQUERIZO, D. (2010) – *Necrópolis urbanas en Baetica*. Documenta, 15, Universidad de Sevilla, Institut Català d'Arqueologia Clàssica.

VIEGAS, C. (2003) - *A terra sigillata da alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Trabalhos de Arqueologia, nº 26.

ZBYSZEWSKI, G., e FERREIRA, O. d. (1968) - Notícia explicativa da Folha 35-C (Santo Isidro de Pegões) da Carta Geológica de Portugal, à escala 1:5 000. *Carta Geológica e Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.



ANEXOS

ANEXO 1 – PLANTA GERAL DA NECRÓPOLE

ANEXO 2 – REGISTO FOTOGRÁFICO DE CAMPO



Ilustração 1—Cobertura da sepultura 1.



Ilustração 2—Caixa da sepultura 1.



Ilustração 3—Cobertura da sepultura 6.



Ilustração 4—Caixa e espólio da sepultura 6.



Ilustração 5—Caixa e espólio da sepultura 7.



Ilustração 6—Espólio da sepultura 15.

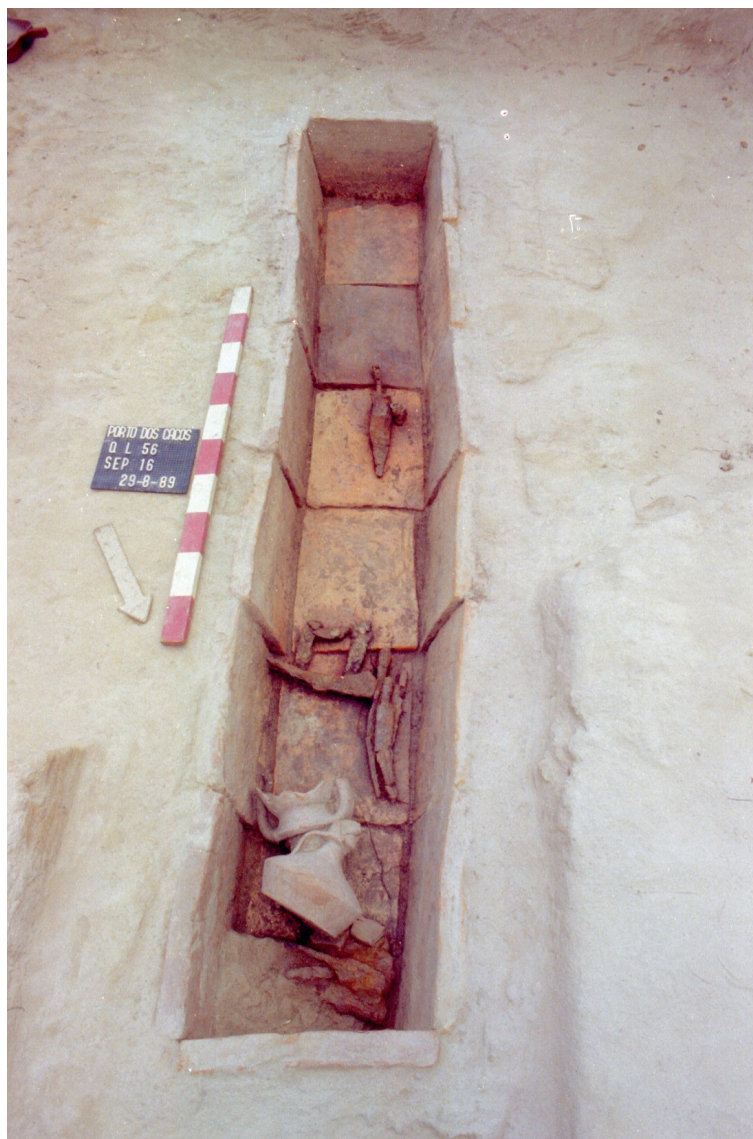


Ilustração 7—Sepultura 16.



Ilustração 8—Pormenor do espólio da sepultura 16.



Ilustração 9—Pormenor do espólio da sepultura 16.



Ilustração 10—Pormenor do espólio da sepultura 16.



Ilustração 11— Cobertura da sepultura 28.



Ilustração 12— Cobertura da sepultura 29.



Ilustração 13 — Vestígios osteológicos da sepultura 31.



Ilustração 14 — Cobertura da sepultura 37.



Ilustração 15 — Área de violação da sepultura 37.



Ilustração 16—Interior da sepultura 37 (vestígios osteológicos).



Ilustração 17— Perspectiva longitudinal do interior da sepultura 37.

CRÉDITOS

DESENHO DE CAMPO (ORIGINAIS)

Jorge Raposo

Armando Sabrosa

DESENHO DE CAMPO (DIGITAL)

José Luís Monteiro

Jorge Raposo

DESENHO DE ESPÓLIO (ORIGINAIS)

José Luís Monteiro

Armando Sabrosa

DESENHO DE CAMPO (DIGITAL)

José Luís Monteiro

Sara Pontvianne

Cézes Santos

FOTOGRAFIA DE CAMPO

Jorge Raposo

Armando Sabrosa

Francisco Silva

FOTOGRAFIA DE ESPÓLIO

José Paulo Ruas

Francisco Silva